

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH – *CAMPUS V*
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

GEIVA MANGABEIRA SAMPAIO ALVES

**O LETRAMENTO LITERÁRIO E A FORMAÇÃO DO LEITOR
JUVENIL: UM PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

Santo Antônio de Jesus

2021

GEIVA MANGABEIRA SAMPAIO ALVES

**O LETRAMENTO LITERÁRIO E A FORMAÇÃO DO LEITOR JUVENIL: UM
PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras do Departamento de Ciências Humanas do *Campus V* da Universidade do Estado da Bahia, como Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientador: Prof. Dr. Adelino Pereira dos Santos.

Santo Antônio de Jesus

2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Dados fornecidos pelo autor

A474l

Alves, Geiva Mangabeira Sampaio

Letramento literário e a formação do leitor juvenil: um projeto de intervenção pedagógica no ensino fundamental II / Geiva Mangabeira Sampaio . – Santo Antônio de Jesus, 2021.

96 fls. : il.

Orientadora: Prof. Dr. Adelino Pereira dos Santos

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS) Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS), *Campus V*. 2021.

Inclui Referências.

1. Letramento. 2. Círculos de leitura. 3. Práticas leitoras. 4. Biblioteca escolar. I. Santos, Adelino Pereira dos. II. Título. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.

CDD 372

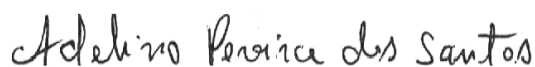
GEIVA MANGABEIRA SAMPAIO ALVES

**O LETRAMENTO LITERÁRIO E A FORMAÇÃO DO LEITOR JUVENIL: UM
PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras,
Departamento de Ciências Humanas do *Campus V*, da Universidade do Estado da Bahia.

Santo Antônio de - Jesus, 24 de setembro de 2021.

Banca examinadora



Prof. Dr. Adelino Pereira dos Santos – Orientador
PROFLETRAS
Universidade do Estado da Bahia
(Orientador)



Profa. Dra. Carla de Quadros
Universidade do Estado da Bahia
(Parecerista interno)



Prof. Dr. Júlio Neves Pereira
Universidade Federal da Bahia
(Parecerista externo)

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Jovelina, mulher guerreira que, desde sempre, tem me instruído em múltiplos saberes e vivências.

Àqueles que, por meio da educação, buscam transformar o mundo.

AGRADECIMENTOS

Primeiro a Deus, por ser o autor da minha vida, esperança e fé. Quem me fez chegar até aqui e ser, mais uma vez, vitoriosa.

À minha família, que teve paciência nos momentos em que não pude ser mais presente e dedicada, por conta das viagens e ausências. Além de ter uma infinita compreensão, foi minha maior incentivadora para que eu concluísse mais esta trajetória: o Mestrado.

Dedico, especialmente, esta formação aos meus filhos queridos: George Emanuel, Rebeca Geovana e Allan Gabriel por serem meu estímulo constante.

À minha mãe, Jovelina Mangabeira, que foi meu primeiro exemplo de educadora.

Ao meu pai, Waldeck Tosta Sampaio (*in memoriam*): você não pode me ver neste momento tão esperado e desejado, mas acredito que se orgulharia de mim.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Adelino Pereira da Silva, que me acolheu quando eu estava sem rumo e me incentivou, motivando-me a prosseguir sempre, mesmo em meio às incertezas que, várias vezes, permearam meu coração e minha mente. O senhor, professor, acreditou em meu potencial, principal motivo de eu estar aqui, hoje, na fase final.

Aos membros da Banca: Prof^a. Dr^a. Carla de Quadros e Prof. Dr. Júlio Neves Pereira pelas valiosas contribuições para aprimorar minha Dissertação.

A todos os professores do PROFLETRAS que contribuíram para minha aprimoração acadêmica, troca de experiências e aprendizagens proporcionadas, especialmente meu orientador, Prof. Dr. Adelino Santos, e demais professores: Prof. Dr. Robério Barreto, Prof. Dr. Gredson Santos, Prof^a. Dr^a. Priscilla Fiorindo e Prof. Dr. Marcos Santos, meu muitíssimo obrigada.

À Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus V, e ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), pela receptividade, viabilizando a ampliação da minha capacidade de evoluir na competência profissional, social e humanística. A cada professor e professora do programa que colaborou com essa formação, minha gratidão. Ter os ensinamentos de todos vocês nessa trajetória foi imprescindível. Acreditem, carrego comigo um pouco das vivências transmitidas por cada um.

À Coordenação do PROFLETRAS, CAMPUS V.

Aos profissionais da UNEB, CAMPUS V, que sempre foram solícitos.

A todos os colegas, companheiros de jornada, especialmente aos meus queridíssimos: José Carlos, Alexandra, Natanael, Ruancela e Andreita que não mediram esforços para me ajudar. E a Valmira pelo carinho de sempre.

À direção, professores e funcionários do CLS, Colégio Luzia Silva, pelo apoio e disponibilidade durante a execução deste trabalho.

Aos meus alunos de todas as escolas por onde passei, meus agradecimentos por propiciarem estímulo constante ao exercício de minha profissão, por cada palavra motivadora durante as aulas e por torcerem por mim para que meu sonho de Mestrado se realizasse.

Aos queridos amigos e amigas, irmãos e irmãs da fé, que ficaram na torcida e oraram por mim, declaro a minha gratidão e carinho pelo cuidado de todos vocês. O apoio, o auxílio e as palavras motivadoras, em todo o tempo, ajudaram-me nos momentos de cansaço e, às vezes, de desânimo. Por isso, reitero minha gratidão por todo esse carinho. Sei, com certeza, que todas as orações foram ouvidas e respondidas, e pudemos comemorar esta vitória!

Finaliza-se, neste momento, mais uma etapa, mais um ciclo e, depois desta caminhada, continua em mim a confiança de que nada é em vão ou acontece por acaso. Em tudo, pela fé, vejo a presença de DEUS, dando-me o êxito nesta jornada.

Obrigada, SENHOR!

Escrever e ler são formas de fazer amor. O escritor não escreve com intenções didático-pedagógicas. Ele escreve para produzir prazer. Para fazer amor. Escrever e ler são formas de fazer amor. É por isso que os amores pobres em literatura ou são de vida curta ou são de vida longa e tediosa. (Ruben Alves)

O LETRAMENTO LITERÁRIO E A FORMAÇÃO DO LEITOR JUVENIL: UM PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

RESUMO

O sucesso na ampliação de habilidades e competências associadas à prática da leitura literária e do letramento literário continua sendo um obstáculo e uma convocação para que se possa capacitar o leitor-juvenil durante esse processo de aprendizagem nas escolas brasileiras. Consequentemente, observa-se lacunas, quando se planeja ações pedagógicas para que sejam executadas no ambiente escolar, no processo de letramento literário. Percebe-se, também, que essas lacunas trazem contratempos de uma atuação docente insatisfatória no quesito letramento literário, pois é por intermédio da prática da leitura que o estudante consegue compreender a si mesmo e o mundo que o circunda; compreensão essa que é realizada por meio das experiências vividas contidas em cada discurso que lhes é retratado. Apesar de apresentar essa competência educativa, o procedimento designado à literatura, no ambiente escolar, está longe de ser o padrão, pois o texto literário é utilizado, na maioria das vezes, como estrutura para outras atividades pedagógicas. A partir dessa perspectiva, este estudo tem como objetivo geral ampliar a prática da leitura por meio do letramento literário de estudantes do 9º ano C do Ensino Fundamental do Colégio Luzia Silva. Para tal, busca-se desenvolver ações que promovam a contextualização das práticas de leitura dos alunos, de modo que possam ampliar a compreensão do que leem para que possam usufruir e efetivar o processo humanizador da experiência literária. Destarte, procurou-se realizar, na escola estadual Colégio Luzia Silva, em Jaguaquara-Bahia, em uma turma do 9º C do turno matutino, encontros literários baseados nos Círculos de leitura de Cosson (2019), desenvolvidos em sua maioria na biblioteca escolar. Buscou-se implantar uma sequência de atividades para promover o letramento literário, conectando os jovens leitores ao processo de ensino-aprendizagem que atenta para as suas vivências e práticas sociais de seu cotidiano. As observações efetivadas no decorrer dos Círculos de leitura evidenciaram que experimentar práticas literárias capacitadas no ambiente escolar desenvolve o hábito literário, cultural e humanístico dos estudantes, sendo indispensável para ampliar seu conhecimento. Percebeu-se que as práticas leitoras contribuíram para o fortalecimento da leitura literária, para o desempenho dos alunos e para o enriquecimento de sua identidade. Por conseguinte, compreendemos que este estudo poderá contribuir para o aprimoramento das práticas de leitura por parte dos estudantes; servir de aparato metodológico para outros docentes que estejam empenhados em assumir seu papel de educador e mediador de aprendizagem; aprimorar a transposição das práticas didáticas de leitura literária da sala de aula para a biblioteca escolar; servir como suporte para a análise de outros professores, cooperando, consequentemente, para a redefinição das práticas de leitura literária realizadas em todo o ambiente escolar; e fomentar futuros pesquisadores a acrescentar essa temática aos seus estudos, inserindo em seu procedimento metodológico a observação de professores e agentes de leitura em momentos dos encontros dos Círculos de Leitura.

Palavras-chave: Letramento literário. Círculos de Leitura. Práticas leitoras. Biblioteca escolar.

O LETRAMENTO LITERÁRIO E A FORMAÇÃO DO LEITOR JUVENIL: UM PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

ABSTRACT

The success in expanding skills and competencies associated with the practice of literary reading and literary literacy remains an obstacle and a call to train the reader-youth during this learning process in Brazilian schools. Consequently, there are gaps when planning pedagogical actions to be performed in the school environment, in the process of literary literacy. It is also perceived that these gaps bring setbacks of an unsatisfactory teaching performance in the literary literacy item, because it is through the practice of reading that the student can understand himself and the world around him; understanding that is realized through the lived experiences contained in each discourse that is portrayed to them. Despite presenting this educational competence, the procedure assigned to literature in the school environment is far from the standard, because the literary text is used, in most cases, as a structure for other pedagogical activities. From this perspective, this study has as its general objective to expand the practice of reading through the literary literacy of students of 9th grade C of the Luzia Silva College Elementary School. To this end, we seek to develop actions that promote the contextualization of students' reading practices, so that they can broaden the understanding of what they read so that they can enjoy and effect the humanizing process of the literary experience. Thus, we tried to hold, at the state school Colégio Luzia Silva, in Jaguaquara-Bahia, in a class of 9º C of the morning shift, literary meetings based on the Reading Circles of Cosson (2019), developed mostly in the school library. We sought to implement a sequence of activities to promote literary literacy, connecting young readers to the teaching-learning process that is attentive to their experiences and social practices of their daily lives. The observations made during the Reading Circles showed that experiencing educational practices capable in the school environment develops the literary, cultural and humanistic habit of students, being indispensable to expand their knowledge. It was noticed that reading practices contributed to the strengthening of literary reading, to the performance of students and to the enrichment of their identity. Therefore, we understand that this study may contribute to the improvement of reading practices by students; serve as a methodological device for other teachers who are committed to assuming their role as educator and mediator of learning; improve the transposition of teaching practices of literary reading from the classroom to the school library; serve as support for the analysis of other teachers, cooperating, consequently, for the redefinition of literary reading practices performed throughout the school environment; and to encourage future researchers to add this theme to their studies, inserting in their methodological procedure the observation of teachers and reading agents at moments of the reading circles meetings.

Keywords: Literary literacy. Reading Circles. Reading practices. School library.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	BNCC – Banco Nacional Comum Curricular
CLS	CLS – Colégio Luzia Silva
GESTAR	GESTAR – Gestão da Aprendizagem Escolar
MEC	MEC - Ministério da Educação
PNLE	PNLE - Política Nacional de Leitura e Escrita
PROFLETRAS	PROFLETRAS - Programa de Mestrado Profissional em Letras
SEC- BA	SEC- BA – Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia
SAEB	SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica
UESB	UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UNEB	UNEB – Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O LETRAMENTO LITERÁRIO E A FORMAÇÃO DO LEITOR JUVENIL: PRIMEIROS PASSOS	19
2.1 LEITURA LITERÁRIA: UMA DESCOBERTA PRAZEROSA NA FORMAÇÃO DO LEITOR	32
2.2 OS CÍRCULOS DE LEITURA NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO LITERÁRIO	41
3. A DESCOBERTA DO DELEITE QUE A LEITURA TRAZ	54
3.1 DESCRIÇÃO DA PROPOSTA DO PROJETO PEDAGÓGICO NA ESCOLA	62
3.1.1 Caracterização do espaço.....	64
3.1.2 Seleção dos sujeitos.....	65
3.1.3 Escolha do material	65
3.1.4 Etapas da proposta do projeto pedagógico de intervenção	66
3.1.4.1 Etapas do projeto pedagógico.....	66
4. IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA ESCOLAR NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO.....	73
4.1 A INFLUÊNCIA DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) NA PROPOSTA PEDAGÓGICA DA BIBLIOTECA ESCOLAR	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
REFERÊNCIAS	88
ANEXOS.....	91

1 INTRODUÇÃO

Ler de “mil maneiras” tem a ver também com interesses, proficiências, ideologias, esfera de atividade do leitor, etc. Pode-se ler para “fugir da realidade”, para “ler uma boa história e passar o tempo”, mas também para “viajar para outros lugares imaginariamente”.

(Neide Luzia de Rezende)

Na condição de professora de Língua Portuguesa do Colégio Luzia Silva da rede pública de Jaguaquara-Bahia, pude observar o desempenho em leitura literária e letramento literário dos estudantes do nono ano do Ensino Fundamental, o que me levou à motivação de elaborar um projeto pedagógico para minimizar esse problema, com o desejo de oportunizar uma atividade mais proficiente que buscasse e traduzisse resultados mais pragmáticos na qualidade do ensino no que concerne à prática de leitura e à formação de leitores habilitados.

A vontade de me tornar educadora e me habilitar para uma carreira no Magistério nasceu ao observar minha progenitora, professora do Ensino Fundamental I. Então, ingressei nessa missão, a qual, também, é vista por mim como uma vocação, um sacerdócio. No Ensino Médio, fiz dois cursos, o primeiro conhecido como Científico e, posteriormente, fui cursar o Magistério. Em sala de aula durante o estágio, vi que ser professora seria a minha missão, o cumprimento de minha meta e a realização de um sonho. Fiz dois concursos: um estadual e outro municipal. Logrei êxito nos dois. Comecei a carreira com 60 horas semanais. Algum tempo depois, deixei a rede municipal e fiquei lecionando apenas na rede estadual. O sonho de fazer o curso de Letras na UESB foi realizado algum tempo depois. Foi um momento muito gratificante da minha vida. Consegui fazer três pós-graduações *Lato Sensu* e, graças a Deus, consegui passar no ProfLetras, cursando, assim, o tão sonhado Mestrado.

Mesmo antes de concluir o Mestrado, pude começar a colocar em prática o que aprendi nas disciplinas ministradas durante o curso, essa especialização *Stricto Sensu*. Hoje, percebo, mais ainda, a importância da formação docente para que o educador possa realizar com sucesso o seu trabalho com a disciplina Língua Portuguesa ministrando aulas para seus alunos.

Sempre almejei que os alunos que estudassem comigo pudessem ser leitores proficientes e, com isso, buscava sempre estratégias para incentivá-los a ler e compreender os textos, pois a leitura amplia a visão de mundo. Essa frase deu início a um projeto que eu e uma colega de Língua Portuguesa resolvemos desenvolver no colégio onde trabalhávamos por meio de um curso ministrado por professores da SEC-BA, Secretaria de Educação e Cultura

da Bahia, e do Instituto Anísio Teixeira, programa de Gestão da Aprendizagem Escolar, mais conhecido como GESTAR, que é um dos atuais projetos estruturantes da Secretaria Estadual da Educação, tendo como base uma das exigências do ensino que é a prática da interdisciplinaridade. Esse trabalho foi construído para focalizar a questão das dificuldades na compreensão das leituras realizadas pelos alunos, no processo ensino-aprendizagem, no ato de construir a participação do educando, seu crescimento e desenvolvimento na sociedade em que vive, sendo esse um de seus objetivos. Alcançamos resultados surpreendentes, levando a direção, coordenação e demais professores a tomarem parte dessa iniciativa envolvendo toda a escola.

Atualmente, em uma nova escola que abrange o Ensino Fundamental I e II, observando os alunos em sala de aula e em outros espaços escolares, percebi que eles não liam muito (nem livros literários nem de outros tipos), nem frequentavam a biblioteca local, na qual constatei, realizando várias visitas a esse espaço, apenas um pequeno acervo de livros não atrativos para o público leitor. Naquele momento, veio-me um desejo de utilizar a biblioteca escolar em um projeto de leitura que extrapolasse o mero ato de decodificar, a prática de simplesmente ler sem uma compreensão mais ampla do texto lido, de não saber interpretar claramente a proposta do texto, e trouxesse, para o nosso público adolescente, sobretudo, o prazer de ler.

Há muito tempo que um dos maiores problemas percebidos em todas as disciplinas é a ausência de uma leitura com habilidade para a interpretação de textos e enunciados de atividades realizadas dentro e fora de sala de aula. A dificuldade dos alunos na compreensão de textos propostos para estudo e a falta de habilidade para a leitura e construção textual é evidente e justifica a preocupação, a reflexão e a reavaliação de nós educadores sobre a nossa prática escolar e como estamos desenvolvendo as habilidades leitoras nos alunos. Essa questão é crucial, uma vez que a leitura é de suma importância na realização de todas as atividades ministradas pelos professores, visto que o aluno que não lê tem dificuldade em avançar nesse quesito.

Em nossa prática, enquanto professores de Língua Portuguesa, vimos claramente que, muitas vezes, a leitura é enfatizada no ambiente escolar como mero pretexto para atividades que são realizadas de forma mecânica e repetitiva; praticamente uma leitura desmotivada, que não leva em conta o conhecimento internalizado do educando, não apresenta objetivos de leitura bem definidos, muito menos métodos de realizá-la de forma eficiente e planejada que possibilite ao aluno uma aprendizagem perceptível. Infelizmente, essa realidade escolar, observada em nosso cotidiano, enquanto docente de Língua Portuguesa, tem formado leitores

inapetentes, meros decodificadores que não fazem uso efetivo da leitura em diferentes âmbitos.

Destarte, algumas indagações permeiam os pensamentos de todo professor angustiado frente a atual situação das escolas brasileiras no que se refere à formação do aluno-leitor: Como será possível transformar, ou melhor, reverter esse quadro com que o professor se depara ao longo de sua jornada, contribuindo para a transformação de seus alunos em leitores literários? Quais ferramentas ou recursos ele poderá dispor para que haja esse despertar literário? E, quais formas utilizará para promover o estímulo para que o aluno perceba o ato de ler como uma prática capaz de provocar mudanças para transformar o mundo em que vive, tornando-se sujeito consciente e ativo capaz de quebrar barreiras e romper paradigmas?

As respostas para tantas indagações vêm da leitura. Não qualquer leitura, mas um ato de ler que dignifique o indivíduo enquanto cidadão. Quando intitula a leitura como prática social, Rangel (2005) torna bem claras as respostas aos questionamentos acima e afirma que

A leitura libertária que, hoje, é tão almejada por aqueles que, como eu, acreditam ser uma ação transformadora, impõe um ato de ler com seriedade, que exige do leitor uma disponibilidade interna para adentrar o texto, compreendendo-o na intertextualidade e no contexto do leitor, porque a percepção crítica implica a apreensão daquilo que é sentido e a razão de ser do que se sente (RANGEL, 2005, p. 33).

Foi por observar as turmas nas quais ministrariamos aulas, quando começamos a lecionar no Colégio Luzia Silva, em Jaguaquara-Bahia, que pudemos perceber, por meio das dificuldades apresentadas na interpretação e compreensão das atividades literárias realizadas em sala de aula, o desinteresse demonstrado pelos alunos concernente à leitura, a qual eles não praticavam nem na sala de aula nem em casa. Observamos, também, a ausência deles na biblioteca da escola, nem para leitura nem para pesquisa. Após algumas indagações a eles e aos colegas professores, ouvimos várias justificativas, dentre elas destacava-se o desinteresse por parte dos discentes pela leitura.

Dentro desse contexto foi construído este trabalho de pesquisa, ora aqui apresentado como uma proposição, para uma aplicabilidade futura, de uma proposta de intervenção, visto que, diante do estado de pandemia em que nosso país atualmente se encontra, incluindo-se aí a suspensão das aulas, não tivemos como colocar em prática as atividades elaboradas. Ao refletirmos sobre as diversas questões que envolvem as práticas de leitura, vários questionamentos surgiram, os quais nos levaram a traçar as diretrizes de nossa pesquisa: Como conseguir que o estudante saiba como a prática da leitura é significativa em diversas

situações do seu cotidiano? E, como instruí-lo para entender essa necessidade de apropriar-se do conhecimento por meio da habilidade literária para interagir com o mundo em que vive? De que forma a reativação e a revitalização da biblioteca escolar podem contribuir para a ampliação da capacidade leitora dos alunos do 9º ano do Colégio Luzia Silva?

Assim, a partir desses questionamentos e após cuidadosa e criteriosa observação dos métodos empregados pelos professores para a efetivação da prática da leitura em todas as disciplinas em relação aos nossos alunos, veio a necessidade urgente de elaborar um estudo voltado ao letramento literário. Assim, compreendendo que, “Quando a leitura imediata representa atendimento ao gosto imediato do leitor, ela desencadeia o processo de identificação do sujeito da realidade representada, gerando prazer” (AGUIAR *et al*, 2014, p. 147-148), conduzimos a nossa proposta a partir da reativação da biblioteca escolar, estimulando, dessa forma, os alunos a adquirirem o hábito de frequentar o espaço da biblioteca, e, conseqüentemente, o de ler, de forma mais prazerosa e ampla, não apenas dos gêneros literários aos quais estão acostumados, mas a todo tipo de leitura que lhe é acessível nesse espaço escolar.

Dentre essas ações, destaca-se a promoção de círculos de leitura, que empregamos na forma de oficinas na efetivação das atividades de nossa sequência didática, na perspectiva de ampliação da competência leitora por parte dos alunos, de forma a favorecer o desenvolvimento pessoal e a aquisição de instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem.

Esse exercício cooperará para a construção nos alunos de uma atitude mais crítica e mais construtiva em relação ao ato de ler e à compreensão textual, procurando minimizar as dificuldades que impedem o seu avanço nas diversas áreas do conhecimento. Para isso, os momentos de troca de experiências vividas pelos estudantes nas atividades de círculos literários para a discussão de temáticas sociais e políticas elencadas nesses momentos de pesquisa e leitura será muito importante. Nessa perspectiva, é relevante a reativação da biblioteca escolar, ampliando seu acervo literário para proporcionar aos estudantes acesso a variadas obras literárias, colaborando, dessa maneira, para que eles construam mais conhecimento por meio da leitura literária. Assim, será priorizado o potencial do aluno leitor, oferecendo-lhe diversos textos para ampliar suas habilidades de leitura e sua compreensão textual, dando-lhe a oportunidade de construir sua identidade como indivíduo atuante e envolvido na sociedade na qual está inserido.

Como elemento norteador para a construção deste trabalho, consideramos o *Círculo de literatura*, proposto por Harvey Daniels e citada por Cosson, em seu livro *Círculos de leitura e letramento literário* (COSSON, 2019, p.140-148), o qual defende a atividade de leitura independente, em que grupos de alunos se reúnem para discutir a leitura de uma obra. Desse modo, ponderamos a utilização dessa atividade como ponto de partida para reativar a biblioteca da escola, o melhor lugar para desenvolver nosso projeto de letramento literário. Nossa intenção primordial é que a proposta de intervenção apresentada neste estudo proporcione aos educandos a possibilidade de encontrar, no espaço da biblioteca escolar, diversos títulos que os estimulem ao hábito de leitura de uma forma diferenciada, mas que seja prazerosa. Assim, nossa proposição volta-se para o processo de desenvolvimento do aluno-leitor proficiente, buscando que este compreenda a leitura não como uma atividade avaliativa e obrigatória, mas como uma reflexão, uma forma distinta de construir sentidos, o que seria possibilitado pelos círculos de leitura.

Dessa maneira, este estudo foi criado na perspectiva do letramento literário, buscando ressignificar a biblioteca escolar, a qual poderá ser constituída em um espaço adequado para os alunos desenvolverem sua competência leitora. Enfatizamos, também, que a proposta pedagógica aqui apresentada poderá ser aplicada em qualquer tempo e em qualquer comunidade escolar. Para isso, deve-se buscar mais do que um estímulo para que, no momento em que ela for aplicada, além de reativar esse local esquecido por toda a comunidade escolar, os alunos possam manusear diversas obras presentes em seu acervo e, em seguida, escolher as de seu interesse para iniciar o processo de letramento literário, legitimando suas escolhas e dando-lhes oportunidades e possibilidades de múltiplas leituras, pois compreendemos que “a biblioteca escolar, mais do que um estoque de conhecimentos, pode constituir-se em um espaço adequado para desenvolver nos alunos o melhor entendimento do complexo ambiente informacional da sociedade contemporânea” (ABREU et al, 2016, p.7).

É importante salientar que este trabalho foi elaborado na vertente da pesquisa-ação, assumindo teor propositivo por conta da pandemia que ocasionou a suspensão das aulas presenciais e amparado na resolução Nº 003/2020 do Conselho Gestor do PROFLETRAS que, em seu artigo 1º, assegura que a realização dos “trabalhos de conclusão de curso da sexta turma poderão ser de caráter propositivo, sem, necessariamente, serem aplicados em sala de aula presencial”,

Esperamos que, durante a sua aplicação, ele possa contribuir de forma significativa para a formação de novos leitores, os leitores juvenis; e que todo o corpo docente da escola possa perceber a sua importância e colaborar com ele.

Dependendo do grau de comprometimento da direção, professores da escola e alunos, esta proposta de intervenção poderá se tornar uma proposta interdisciplinar, a qual poderá se configurar como uma poderosa aliada da prática educativa, na interpretação e compreensão das leituras solicitadas em todas as disciplinas que fazem parte da grade curricular. A sua elaboração foi idealizada para ser efetivada em algumas etapas; entretanto, poderá ser ampliada e estendida para todas as unidades do ano letivo devido ao seu alcance e potencial, fazendo com que o aluno-leitor possa ler, interpretar e compreender todo tipo de texto que faz parte de sua rotina de estudante, tornando-o compromissado com suas tarefas educativas.

No momento, apenas como proposição, mas quando for colocado em prática, nossa proposta direcionada ao letramento literário, certamente, trará importantes e significativas contribuições tanto nas atividades pedagógicas em sala como, também, no uso efetivo da biblioteca escolar, a qual pretendemos que venha a se tornar um espaço de convivência, de leitura, de apresentação de seminários, de pesquisa etc. Visualizamos e queremos que tudo que foi proposto aqui nestas páginas se transforme em ações que se concretizem beneficiando o aluno leitor, tornando-o proficiente, capaz de ultrapassar o ato de ler por ler para estender sua capacidade interpretativa para uma leitura mais eficiente, traduzida em suas ações e seu desempenho em todas as disciplinas, especialmente a de Língua Portuguesa que é a mola propulsora deste trabalho.

Enfatizamos que a metodologia empregada está voltada para a construção do ato de ler por meio do letramento literário, colocando em prática as sugestões de Cosson (2019) relacionadas aos círculos de leitura. Por esse motivo, nosso trabalho tem como início a reativação e ressignificação da biblioteca escolar, parte fundamental para o desenvolvimento de nosso estudo. Por meio desse espaço escolar, propomos o envolvimento dos alunos em uma campanha de coleta de livros na comunidade escolar para a ampliação do acervo literário. Essa ação faz parte da metodologia que será empregada concernente à leitura. Entre outras propostas metodológicas, incentivaremos os alunos a catalogarem e construírem com os colegas, dispostos em grupos, as sinopses dos livros, por meio de pesquisas em sites especializados.

As ações propostas na metodologia empregada visam despertar no educando o desejo de se tornar um leitor literário, visto que, além da coleta de livros, a catalogação destes, a construção das sinopses, apresentamos como ação fundamental a construção dos círculos de

leitura. A princípio de forma individual, na qual cada um escolhe o livro que lhe desperte interesse; depois de forma coletiva, a partir da socialização da leitura por meio de encontros semanais para descrever sensações e sentimentos, trazer a interpretação e compreensão do que foi lido, além de uma avaliação oral das experiências vividas com a leitura, e da leitura realizada em grupos, nos quais o livro a ser trabalhado será o mesmo, escolhido por votação entre os alunos que poderão apresentá-lo de diversas formas, estabelecendo uma rotatividade das leituras nos grupos.

À vista disso, a proposta metodológica apresentada aqui apresentada tem como foco a leitura literária na qual o aluno poderá demonstrar diversas competências concernentes à leitura, tais como: ler para compreender, ler para analisar, ler para interpretar, ler para contextualizar entre outras habilidades literárias. Isso, certamente, poderá constituir em um rico instrumento que permitirá ao indivíduo identificar diversos aspectos da vida humana. Tal identificação levará o sujeito a analisar a própria vida, sob o ponto de vista psicológico, social e existencial, desenvolvendo, assim, uma consciência crítica da realidade; ou seja, questionando o texto, o leitor formará opiniões a respeito de diferentes assuntos, tirando conclusões e interferindo a partir de suas próprias experiências. Para que os livros lidos pelos educandos atinjam esses objetivos, torna-se necessário que, além de significativos e interessantes, sejam apresentados em uma linguagem acessível que motive o aluno a penetrar nesse universo mágico da leitura. Nesse contexto, ressaltamos a necessidade de uma percepção mais profunda da literatura, que nos leve a descobrir que, “é por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas” (COSSON, 2018, p.17). Assim como Cosson (2018) acreditamos em uma literatura diferenciada que pode cumprir um papel mais humanitário por meio de mudanças na escolarização e pela promoção do letramento literário.

Ao entrar em contato com livros de diversos gêneros textuais, os leitores passarão a compreender suas características e perceberão que um texto é organizado de acordo com uma intenção comunicativa: informar, convencer, sugerir, seduzir e entreter. Com isso, ele passará a entender os mecanismos utilizados pelo autor, bem como a necessidade do uso de diferentes tipos de leitura.

Com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento de competências e habilidades para a promoção do aluno-leitor, a partir de textos literários que permeiam o espaço da biblioteca escolar, esta pesquisa foi estruturada da seguinte maneira: no capítulo 2, “O letramento literário e a formação do leitor juvenil: primeiros passos”, trazemos uma discussão

sobre a importância dos textos literários, em seus variados gêneros textuais, para o desenvolvimento do gosto pela leitura e para a formação do cidadão crítico e participativo na sociedade; no capítulo 3, “A descoberta do deleite que a leitura literária traz”, construímos um diálogo sobre a leitura como fonte de prazer e, na sequência, apresentamos nosso projeto pedagógico, o Círculo de Leitura, a partir do uso da biblioteca escolar. No capítulo 4, “A biblioteca escolar e seu papel no desempenho da formação do leitor literário” legitimamos o uso da biblioteca escolar como um importante espaço para a promoção do aluno-leitor. Concluimos este estudo com as considerações finais.

2 O LETRAMENTO LITERÁRIO E A FORMAÇÃO DO LEITOR JUVENIL: PRIMEIROS PASSOS

Reconhecer a interferência da cultura na aprendizagem da leitura é admitir o sujeito letrado. É afirmar a existência do leitor antes do texto. É não banalizar sua história e a história cultural da qual faz parte.

(Lena Lois)

O estudante que se torna um leitor literário amplia sua capacidade de entender e fazer-se entender em seu diálogo, sua interação discursiva com o outro ou com os outros que é ou são seus interlocutores, além de ser capaz de produzir sentidos e novos significados em vários contextos sociais.

Quando oferecemos ao aluno diversos textos que estejam próximos ou distantes de sua realidade histórica e social no intuito de apresentar-lhe caminhos para a construção de sua identidade enquanto leitor, colaboramos para que este possa se tornar um sujeito que age sobre o mundo para transformá-lo a partir da ação sobre si mesmo e para firmar sua liberdade, fugindo, conseqüentemente, da alienação. De acordo com Cosson (2019):

Por mais atraente que possa ser, a diversidade tomada como critério de seleção está longe de oferecer um porto seguro para o professor que deseja promover o letramento literário. Por trás dessa ideia de que essa seria a postura mais democrática a adotar-se esconde-se uma concepção de literatura centrada no texto como um espaço fechado e de representação unívoca. (COSSON, 2019, p. 35)

Para Cosson (2018), as obras precisam ser diversificadas porque trazem um olhar, uma perspectiva, um modo de ver e de representar o mundo. O autor destaca que, “Todavia, a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro” (COSSON, 2018, p. 35), e que só há crescimento para os leitores quando são desafiados por leituras progressivamente mais complexas.

Refletindo sobre o início da formação do leitor literário, vejamos alguns aspectos sobre a leitura literária, dos quais o professor do Ensino Fundamental II poderá dar sua contribuição de diversas formas para a aprendizagem da leitura de textos em diferentes linguagens de forma interpretativa, social, reflexiva, crítica e lúdica. A escola pode assumir várias práticas metodológicas em uma perspectiva inclusiva de alunos que apresentam

dificuldade de aprendizagem, principalmente no que se relaciona à leitura. Para que tal fato ocorra, deve-se identificar em que medida as representações formuladas no discurso escrito e no discurso oral, encontrados na sociedade letrada, podem ser refletidas nas dinâmicas escolares, principalmente em relação à leitura. A resposta para essas afirmações pode ser encontrada nos livros, como postula Cosson (2018),

Os livros, como fatos, jamais falam por si mesmos. Quem os fazem falar são mecanismos de interpretação que usamos, e grande parte deles são aprendidos na escola. Depois a leitura literária que a escola objetiva processar visa mais que simplesmente ao entretenimento que a leitura de fruição proporciona. No ambiente escolar, a literatura é um locus de conhecimento e, para que funcionasse como tal, convém ser explorada de maneira adequada (COSSON,2018, p.26-27).

Reiterando o que foi dito acima pelo autor, os livros como os fatos não podem falar por si, mas por meio das interpretações que lhes atribuímos, e é na escola que a literatura encontra esse espaço privilegiado de conhecimento, porém precisa ser descoberta e reconhecida de maneira interessante e adequada, por meio da leitura literária. Reconhecemos a literatura como uma manifestação artística que tem como matéria-prima a palavra, portanto seu ensino consiste em explorar as potencialidades dessa palavra escrita, visto que

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção (COSSON,2018, p.17).

De acordo com Fernandes (2011), o professor é o principal responsável pela mediação entre o leitor e o livro no contexto escolar. Um dos papéis fundamentais do professor é o de apresentar obras literárias aos alunos, selecionar as obras que devem ser lidas e trabalhadas com o objetivo de efetivar o letramento literário dos estudantes. Para a formação do leitor aprendiz, é indispensável a presença de um professor mediador. Dessa forma, faz-se necessário que a escola favoreça a formação literária dos alunos por meio da leitura e de estratégias de ensino, e o professor assuma a posição de mediador do conhecimento, o qual conduz o processo. Em relação a esse processo da formação do leitor literário juvenil, Paulino (2004) destaca:

A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho

artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção. (PAULINO, 2004, p.56).

Confirmando o que postula Paulino (2004), Cosson (2018), em uma de suas obras, apresenta habilidades visando desenvolver o letramento literário na escola. Tendo a leitura como objetivo principal desse tipo de letramento, o autor destaca a leitura do aluno para ser discutida, questionada e analisada.

Cosson (2018) defende a construção de uma comunidade de leitores como objetivo maior do letramento literário na escola. A proposta apresentada pelo pesquisador aos professores consiste em uma sequência básica e uma sequência expandida de letramento literário. O primeiro passo da sequência básica é a motivação, que consiste em preparar o aluno para adentrar no texto, na leitura. O primeiro encontro do leitor com a obra motivará o sucesso do trabalho. A introdução é o segundo passo e tem como embasamento a apresentação do autor e da obra; sua função é de que o aluno receba a obra de maneira positiva, portanto, não deve ser longa. O terceiro passo é a leitura, a qual, por ser uma atividade escolar, precisa de acompanhamento, pois tem uma direção e um objetivo a cumprir. O professor, nessa etapa, deve acompanhar o processo de leitura dos alunos com o intuito de auxiliá-los em suas dificuldades, inclusive em relação ao ritmo de leitura.

Quando o texto for extenso, Cosson (2018) orienta como ideal a leitura feita fora da escola, em casa, em bibliotecas ou em salas de leitura por um período determinado. É importante salientar: durante o período estabelecido, o professor deve convidar os alunos para que, em sala de aula, apresentem os resultados de suas leituras. Isso pode ser feito em uma simples conversa com a turma sobre o andamento da história. Essas ações, segundo o pesquisador, são classificadas como intervalos, que não devem depender apenas do tamanho do texto, mas do próprio processo de letramento literário. O quarto passo da sequência básica é a interpretação. Cosson (2018) propõe que, em um cenário de letramento literário, devemos pensá-la em dois momentos: interior e exterior. O primeiro, individual, é aquele que acompanha a obra palavra por palavra, que decifra capítulo por capítulo, até chegar à apreensão global da obra, realizada logo após o término da leitura. O momento externo é a concretização do ato de construção de sentido em uma determinada comunidade de leitores.

Nesse ponto, o letramento literário feito na escola se distingue da leitura literária. A sequência expandida surgiu para atender a demanda dos professores de ensino médio,

ampliando alguns passos, e pretende deixar mais evidente as articulações entre experiência, saber e educação literária. A motivação, a introdução e a leitura continuam como passos na sequência. A interpretação, que antes era dividida em interior e exterior e fazia parte de um único passo, nessa sequência, passa a ser dividida em primeira e segunda interpretação. A primeira destina-se a apreensão global da obra: o objetivo é levar o aluno a traduzir a impressão geral do título, o impacto que ele teve sobre sua sensibilidade de leitor. Depois da primeira interpretação, o aluno deve ser levado a entender o contexto da obra. A contextualização proposta compreende o aprofundamento da leitura por meio dos contextos que a obra traz e divide-se em: contextualização teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora e temática.

A segunda interpretação tem por objetivo a leitura aprofundada de um de seus aspectos. Pensemos nela como uma viagem de descobertas guiada ao mundo do texto, que pode ter como foco um tema, um traço estilístico, uma personagem, enfim, vários caminhos se apresentam conforme a contextualização apresentada. A expansão surge como outro passo a ser seguido e busca destacar as possibilidades de diálogo que toda obra articula com os textos que a precederam. A expansão pode também ser vista como um diálogo que o leitor constrói entre duas ou mais obras.

Nesse contexto, o autor destaca que a sequência básica está naturalmente inserida na sequência expandida e cabe ao professor definir até onde quer e pode ir com seus alunos. De acordo com Cosson (2018), as sequências são propostas de como trabalhar o letramento literário em sala de aula, e não uma fórmula imutável e perfeita. Ao aplicar, cada professor poderá encontrar novos caminhos para um letramento literário adequado a seus alunos e à sua escola.

Fernandes (2011) também salienta o quanto é importante trabalhar de forma adequada o letramento literário nas escolas e que é preciso problematizar e rever as práticas de leitura no contexto escolar. A pesquisadora ressalta que ler fragmentos de textos em livros didáticos, fazer fichas de leitura, provas e exercícios gramaticais baseados em textos literários parece não ter utilidade para os alunos, pois não objetivam trabalhar a leitura literária e, muito menos, o letramento. Tais tarefas são consideradas monótonas e que nada acrescentam à vida do estudante.

A escolarização de forma inoportuna da literatura infantil e juvenil apresenta-se como sendo um dos fatores que contribuem para a formação ineficaz, inadequada e insuficiente dos leitores em idade escolar. Soares (1999) suscita uma importante discussão sobre a irremissível escolarização da literatura infantil, aponta exemplos de como isso ocorre e mostra

direcionamentos que podem levar a mudanças necessárias e possíveis. A autora também esclarece ser possível, através da adequada escolarização do texto literário, desenvolver um trabalho mais eficaz no que diz respeito ao letramento em sala de aula.

O letramento literário tem funções muito importantes e indispensáveis na formação dos alunos-leitores e é um divisor de águas no ensino de literatura, a qual necessita de um adequado processo de escolarização que considere a função social da literatura e que contribua para a formação do aluno enquanto leitor questionador, ativo e perspicaz.

Assim, para que os caminhos possam ser viáveis e executáveis para se alcançar o letramento literário é preciso que sejam colocados em prática, discutidos, reordenados, analisados. Por meio da prática é que a teoria pode se mostrar eficaz. Muitos conceitos teóricos são expostos sobre este assunto e não se esgotam, bem como as inúmeras possibilidades de estudo e de estratégia para o desenvolvimento do trabalho em sala de aula com o letramento literário.

Observando o que postula Zilberman (2003), a omissão que o livro didático faz do livro de literatura, por apresentar textos fragmentados, contradiz o direito de o aluno poder ampliar sua visão de mundo, além de desconhecer toda a existência social da literatura enquanto prática cultural, e colabora para a formação de uma percepção sagrada do texto literário ao apresentá-lo como próximo e ao mesmo tempo distante, inacessível em sua totalidade.

Denominamos literatura a prática cultural que necessita de cidadãos capacitados que, segundo Colomer (2007), compete à escola formar. A autora defende que um dos principais objetivos da escola é a formação de “cidadãos da cultura escrita”, e que a finalidade da educação literária pode equivaler-se à formação do leitor competente. A explicação para esse ponto de vista vem do fato de que “o debate sobre o ensino da literatura se superpõe [...] ao da leitura, já que o que a escola deve ensinar, mais do que literatura, é ler literatura.” (COLOMER, 2007, p.30)

Portanto, essa proposta de pesquisa-ação é uma oportunidade de reflexão sobre os desafios e as possibilidades que a leitura literária nos apresenta quando o assunto é trabalhar o letramento literário, pois ler é essencial, é fundamental, é urgente e insubstituível. A leitura tem uma função social, cultural, política, entre outras. Quando lemos, temos a percepção mais aguçada e podemos discutir com profundidade as questões que são colocadas para nós em nosso cotidiano. Mas, para que um leitor possa ser proficiente, muitos caminhos devem ser percorridos.

Nesse sentido, a escola, que deveria se mostrar como um instrumento para nos capacitar a trilhar por outro caminho que deveremos percorrer durante nossa jornada de leitores, na maioria das vezes, acaba nos fazendo perder a direção a ser percorrida quando não consegue nos orientar e provocar estímulos suficientes para despertar em nós a vontade de ler por prazer, por deleite, ainda mais sendo ela a instituição responsável, oficialmente, pelo letramento e pela difusão da literatura e por entender que a leitura literária compreende não só as práticas de leitura, mas, também, a difusão dos bens culturais que nos cercam.

De acordo com Cosson (2018), no ambiente escolar, outros fatores são acrescentados à seleção da literatura. Ele comenta sobre a seleção dos textos impostos pelas instituições de ensino apenas para fins educacionais e, também, a legibilidade deles, e que, de forma não eficaz, a escola procura selecionar as leituras de acordo com a faixa etária dos alunos ou série escolar, determinando, dessa maneira, uma linguagem diferenciada para os grupos que são formados, em uma perspectiva da correspondência das duas variáveis.

Cosson (2018) também comenta sobre as ofertas da leitura literária na escola e em que condições elas são ofertadas, ressaltando a precariedade da utilização das bibliotecas, quando existentes nas escolas. Para o autor, existem vários aspectos negativos quanto ao uso eficaz da biblioteca como um ambiente prazeroso de leitura. Dentre eles, podemos citar inicialmente a ausência de um funcionário qualificado para o incentivo à leitura, obras diversificadas que atendam a todos os públicos e gostos, livros antigos, além de ressaltar que o local é sinônimo de sala de livro didático ou simplesmente obras muito antigas em péssimo estado de conservação.

Enfatizamos aqui que as bibliotecas escolares, que por nós foram observadas, em colégios nos quais trabalhamos, em Jequié-Ba, em Upabaçu, distrito de Itiruçu-Ba e no atual colégio onde trabalhamos em Jaguaquara-Ba, passaram a impressão de um ambiente transformado apenas em depósito de livros didáticos, recebendo atenção, no início do ano letivo, na distribuição desses livros aos alunos e ficando, depois, esquecidas e fechadas sem que nenhum aluno, por mais interessado nos títulos que ali são ofertados para a leitura, tenha acesso.

É válido salientar que os alunos do 9º ano C do Ensino Fundamental leem os livros que são *best-sellers* no momento, principalmente os que são voltados para sua faixa etária, por isso, despertar no aluno a habilidade e competência para ler diversos tipos de textos de forma prazerosa é uma das formas de iniciar o letramento literário nas escolas. Não existe mágica ou milagre para que tal fato ocorra, mas podemos propor uma aproximação significativa com os livros.

Segundo Cosson (2018), a leitura na escola tem por obrigação investir na leitura de variados sistemas, pois esta é vista como um sistema composto de vários outros sistemas, para que haja uma compreensão de que o discurso literário articula a pluralidade da língua e da cultura. O autor insiste que deve haver distinção entre obras contemporâneas e obras atuais para que possamos entender o sentido das escolhas que os leitores fazem ao selecionar um livro para sua leitura. Para ele, as obras contemporâneas são aquelas escritas e publicadas no nosso tempo, enquanto as atuais são aquelas que têm significado para nós em nosso tempo, independentemente da época de sua escrita ou publicação. Cosson (2018, p. 34) ainda ressalta que “o letramento literário trabalhará sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não. É essa atualidade que gera a facilidade e o interesse de leitura dos alunos”.

Nesse sentido, nota-se que a escola ainda ocupa uma posição definidora para a consagração ou para o esquecimento dos textos literários, sejam eles pertencentes ao cânone ou não. Tinoco (2013), no livro *Leitura de literatura na escola*, levanta alguns questionamentos essenciais sobre o papel da escola no tocante à leitura:

O que se pretende lendo aleatoriamente textos na escola? Para onde leva essa leitura? Quem somos, e o que queremos quando lemos? Por que nos transformamos nessas cibermáquinas, parece, de passividade metodológica mesclada à preguiça embrionariamente macunaimica? Nossos alunos estão sendo orientados, previamente, a leituras de determinados autores canônicos, e não canônicos, sabendo o motivo de tal leitura aplicada a sua realidade de leitor? E ‘ler bem’ literatura é algo que se ensine? Pode-se ensinar alguém a ler entendendo a leitura como fonte dupla de informação em prazer? Dupla fonte de esquecimento e descobertas... (TINOCO, 2013, p. 136).

Tinoco (2013) afirma que a nossa escola precisa integrar-se ao ensino de leitura de literatura aliado, é evidente, a todas as outras suas atividades. O autor acredita que a escola não deva ser periférica, deixando-se à margem dos acontecimentos e que a nova escola, com seus sujeitos professores, alunos e agentes administrativos, deve adaptar-se produtivamente à realidade contemporânea ou certamente sua condenação será de perder o rumo da história nacional, regional e mundial. A escola, ainda segundo o autor, deverá ter uma nova adaptação que tem que ser produtiva com sentido de renovar as críticas aos costumes, aos valores, aos preconceitos para que haja um redirecionamento no olhar do aluno para que ele perceba a leitura como valor cultural que o leve a perceber como veículo de conscientização social e fonte de prazer estético.

Tinoco (2013) segue com seu direcionamento em relação ao papel que a escola deverá desempenhar em sua comunicação com os alunos quando postula que “É importante conceber o ato dialógico como um evento que acontece na unidade espaço-tempo da comunicação

social interativa, sendo por ela determinado” (TINOCO, 2013, p. 137). Nesse viés, uma pedagogia com vistas à ampliação da leitura e, sobretudo, ao letramento literário conseguirá que o leitor adquira novas experiências daquilo que ainda não viveu na realidade, mas participou via ficção, e, esteja mais apto a refletir acerca de suas atividades concretas que formam sua práxis cotidiana. Isso posto, faz-se necessário ampliar conceitos acerca do ato de ler para que haja a promoção do letramento literário na escola, uma vez que este ato é a característica mais visível do letramento literário, pois a leitura, por si mesma, não promove o crescimento intelectual do leitor; porém, é o questionamento acerca dos múltiplos conhecimentos que promovem as experiências vivenciadas na leitura e compartilhadas pela comunidade de leitores, pois, como afirma Zilberman (2008),

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, na medida em que permite ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade, sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação, mas decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo. (ZILBERMAN, 2008, p.17).

Conhecimentos da ordem do linguístico, do discursivo e de mundo constituem o tripé fundamental para o exercício da leitura. Assim, compreendemos a leitura como um processo de interação com diversos conhecimentos do leitor, o que corrobora para que, diante de todas as leituras, os sentidos possam ser produzidos, contribuindo para o desenvolvimento e a formação desse leitor, o qual, à medida que interage com diferentes leituras por meio dos gêneros discursivos, vai atingindo estágios mais elevados de compreensão, interpretação e extrapolação, ou seja, vai ampliando sua prática leitora. A cada nova leitura, este leitor consegue processar os outros textos do mesmo assunto, ocorrendo o diálogo entre os textos e as suas experiências pessoais e culturais.

Ao fazer referência ao letramento literário, embora exista muitas opiniões e teorias a respeito, há um consenso, um certo direcionamento para um mesmo aspecto: que reza ser de inteira ou maior responsabilidade do professor proporcionar a formação do leitor. Necessariamente, não se reflete ou quer dizer que o docente deva ser visto ou qualificado como único encarregado a desenvolver e estimular nos discentes o gosto pela literatura, pois essa construção deve ser para a vida, para fora da escola, e deve acontecer, também, sob a motivação de várias outras pessoas, como os familiares, principalmente os pais, por exemplo. Porém, o maior incentivo para a evolução do hábito de ler virá, em sua maior parte, da escola.

Cabe ao professor de Língua Portuguesa levar adiante e assumir essa missão, entretanto, na maioria das vezes, ele se depara com uma grande frustração por ver que grande parte das pessoas sai das escolas sem ter se formado como leitor.

Kleiman (2002, p. 15), em *Oficina de leitura: teoria e prática*, comenta: “Os meus alunos não gostam de ler é, sem dúvida, a queixa mais comumente ouvida entre professores. E um dos primeiros comentários a serem feitos quando, ao terminar uma palestra sobre leitura, abre-se a sessão para perguntas ou esclarecimentos”. Quais seriam os motivos para tais contratempos? Muitos são os que buscam por respostas e, em alguns casos, sugerem alternativas. Um dos fatores apresentados é a falta de formação dos próprios professores como leitores. Enfatizando-se a importância de um hábito de leitura por parte dos professores como algo fundamental para o trabalho com texto literário em sala de aula, trazemos à tona a formação de leitores proficientes que é, sem dúvida, um dos objetivos dos professores de Língua Portuguesa, além de ser, também, uma constante necessidade de justificar a leitura de literatura no ensino básico, por não apresentar aspectos pragmáticos claramente definidos, podendo afirmar que esta seja indispensável para a formação dos alunos, por seu caráter humanizador.

Para Cândido (1995, p. 188), por exemplo, a leitura literária deve ser considerada “uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza”. A partir dessa concepção, pode-se pensar que o papel do professor no letramento literário de seus alunos consista em suprir essa necessidade apresentando-lhes diversas obras para que o aluno tenha oportunidade de escolha. Nas palavras de Paulino (2004),

A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção. (PAULINO, 2004, p. 56)

Podemos afirmar que, para formar o aluno como leitor literário, torna-se imprescindível que o professor seja leitor. Dessa forma, conseguirá exercer seu papel como mediador, praticando muito mais que simplesmente uma mera apresentação ou solicitação de leitura de livros, mas o compartilhamento de experiências, de escolhas e de estratégias

utilizadas no seu próprio envolvimento com os livros. Um indivíduo que não é leitor não poderia, em momento algum, desempenhar tal tarefa de maneira satisfatória, e, mesmo que tentasse, não poderia conseguir, deixando visível uma tentativa ilusória que, nitidamente, não se sustenta.

Por razões como esta, ainda estamos às voltas com o que Soares (1999, p. 22) denominou "a inadequada escolarização da literatura". Esta lacuna literária, que há anos vem sendo escavada nas aulas de Português, tem atuado, e muito bem, na formação de não leitores. Sem dúvida, os textos didáticos e não didáticos que os livros trazem são importantes para a formação das pessoas, entretanto, é o efeito literatura, expressão preferida de Michel Picard (1986), quem seduz o leitor.

Compreendemos que “é necessário que alguém chore, sonhe, dê risada, fique emocionado, fique identificado, comungue, enfim, com o texto, para que ocorra a formação do leitor” (AZEVEDO, 2003, p. 79). Destarte, nas aulas de Português, as práticas com o texto literário podem percorrer caminhos de letramento que se interpenetram: o acesso ao mundo literário e o aprimoramento da leitura e escrita. Os caminhos são dois e ambos levam à formação humana, na perspectiva individual (por atuar na área psíquica e ética) e social (por propiciar uma participação mais efetiva na sociedade letrada). Quando os textos literários são levados para as aulas de Língua Portuguesa como objetos a serviço da aprendizagem linguística, da pregação de valores morais, como modelos de períodos literários e gêneros textuais, ou ainda para a verificação da leitura superficial, o efeito literatura não tem lugar de ser. Dalvi, Rezende e Valeiros (2013) confirmam esse ponto de vista quando salientam que

Tem-se a impressão, pelo menos nas escolas públicas brasileiras, de que a instituição, não obstante a pressão por mudanças, mantém-se, ainda, quanto ao ensino de literatura, presa a determinados parâmetros, ultrapassados ou ineficazes, enquanto os alunos caminham livremente em outra direção, infensos aos freios da escola, portanto também infensos ao tipo de conhecimento que ela propaga (DALVI; REZENDE; VALEIROS, 2013, p. 12).

Infelizmente, as teorias que têm como foco o sujeito não conseguiram ou não foram capazes de trazer mudanças no trabalho com a leitura, especialmente a leitura literária que tem o poder de humanizar o leitor capaz de transformá-lo em um sujeito ativo e partícipe do mundo a sua volta. Em seu livro, *A leitura como jogo*, uma das obras mais conceituadas do século vinte sobre a leitura, Michel Picard (1986) ironiza ao nos lembrar de que ninguém pode tornar-se pianista sem ter aprendido a tocar. Para ele, da mesma forma, entre o decifrador e o leitor há uma lacuna causada pela falta de um ensino sistemático. Esse autor,

mesmo ocupando-se da linguagem de forma ampla, acredita em um pouco de ordem e rigor para tornar possível que as disciplinas que tratam da língua materna possam levar os alunos a acessos diversificados, como é o caso da leitura literária.

Nessa perspectiva, a aula de literatura ideal é aquela capaz de promover o envolvimento do leitor com o texto, mantendo assim intacta a natureza estética desse texto, e também é a aula capaz de permitir que o aluno penetre na obra por vários meios e que se permita explorá-la sob os mais diversos aspectos. Essa forma de interação com o texto literário na escola permitirá a formação de uma comunidade de leitores e a promoção do letramento literário.

Se pensarmos nos alunos que temos hoje como leitores em processo de formação, há que se considerar o fato de que, pelo contato com o texto literário ao longo de suas vidas escolares, eles já tenham desenvolvido um modo de se relacionar com esse tipo de texto na escola. O processo é contínuo, o que exclui a possibilidade de uma visão imediatista de que promover a partir de agora uma aula ideal de literatura será a solução.

De um lado, temos os professores, já com um perfil de leitor formado, possuidores de práticas pedagógicas fundamentadas em toda uma história pessoal desenvolvida dentro da escola enquanto alunos e enquanto professores em formação; de outro lado, temos os alunos com suas experiências de leitura adquiridas dentro e fora da escola, seus gostos, objetivos e perspectivas futuras. É nesse ponto que se situa a pesquisa que propomos. Acreditamos que as formas de interação entre o texto literário e os diferentes atores da sala de aula precisam ser levadas em conta para o planejamento de estratégias que levem a uma pedagogização ética, adequada da literatura. Na obra *Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento*, Aguiar (2011) postula no prefácio que:

É preciso, pois, uma correção de rumos, no sentido de propiciar às crianças experiências de leitura enriquecedoras, em que a literatura se mostre como uma realidade possível, ativadora da imaginação e do conhecimento do outro e de si mesmo. Para tanto, importa criar situações de leitura fundadas na liberdade de escolha e no ludismo, alicerçadas em bases teóricas sólidas sobre o gênero literário em questão, o processo de leitura, as características emocionais e cognitivas infantis e a metodologia de trabalho mais adequada. (AGUIAR, 2011, p. 8)

A motivação deve existir para que os alunos possam despertar e serem despertados em relação ao leitor que eles carregam consigo. Eis a função de um bom livro: provocar, neste novo leitor no processo de seu surgimento, uma fome e sede tão grandes de múltiplas leituras as quais ele só poderá saciá-las por meio de mais e mais livros de diversos autores e variados

estilos, instigando-o e fazendo percebê-lo, também, coautor das histórias que lê e não mero decodificador.

Conforme afirmado pela maioria dos pesquisadores do letramento literário no aspecto da formação do leitor, faz-se necessário estimular a vontade, o prazer e despertar no aluno leitor o interesse pela leitura na forma de acolhimento daquilo lido por ele para que resulte em seu próprio interesse e em suas próprias descobertas, pois é por meio do livro que o indivíduo leitor pode ser capaz de dar significado a si mesmo e ao mundo em volta de si. A prática da leitura como um processo de interação entre o texto e o leitor conduz à produção de significados.

Outrossim, a linguagem literária é capaz de deixar espaços que são preenchidos quando o leitor interage com o texto, unindo à leitura suas experiências anteriores, vivenciadas em múltiplos atos de leitura, aproveitando-se da plurissignificação do texto literário para ampliar a execução de diversas leituras.

Nesse viés, surge nossa proposta que é despertar no aluno o interesse por uma leitura diferenciada capaz de provocá-lo, estimulá-lo e, também, trazer para ele inquietações que só podem ser respondidas por meio de sucessivas leituras de diferentes obras que o levem a perceber a importância e o significado que é o ato de ler, não mais de forma a decodificar trechos, expressões, símbolos, palavras, mas agora, de forma totalmente diferenciada, com suas interpretações e compreensão do que foi lido, capacitando-o para desempenhar o papel de aluno-leitor. Toda essa perspectiva, certamente, trará para a sala de aula alunos leitores, capazes de raciocinar de forma lógica, perspicaz e madura, contribuindo positivamente para ampliar a sua visão do mundo que o cerca e de que ele faz parte. Trazemos, então, para o nosso projeto a proposta de Cosson (2019) que são os círculos de leitura que servirão de apoio e suporte para transformar o nosso aluno leitor-alfabetizado para aluno leitor-literário.

E o que, concretamente, se configura um círculo de leitura? Configura-se pela reunião de pessoas em torno de algum texto, seja ele verbal, não verbal ou multimodal, com a finalidade de se efetuar uma leitura compartilhada dele. As pessoas podem se reunir, ainda de acordo com a pesquisadora citada, em diferentes espaços, privados ou públicos, e o compartilhamento de leituras, em se tratando da literatura, é potencialmente favorável à produção "de experiências estéticas transformadoras (além de favorecer a apropriação da cultura escrita)" (PETIT, 2009, p. 142). De acordo com o que postula a autora, isso tem relação com as atividades dos círculos que giram em torno de trocas de informações e de comentários sobre o tema do texto ou obra lida, as ideias, a recepção, a relação do que foi lido com diferentes aspectos da vida,

como também sobre a técnica de escrita utilizada pelo autor do texto. Petit (2009), quando procura enfatizar a importância dos círculos de leitura, diz que “[...] trata-se de revalorizar as palavras e as trocas de linguagem, e de estimular a oralidade nos debates, relatos de histórias, na análise de dados, assim como na escrita (ler e escrever concebidos como momentos inseparáveis de um mesmo processo [...])” (PETIT, 2009, p. 160-161). Isso, para ela, traz contribuições para a formação de indivíduos políticos, visto que a leitura promove a reflexão.

Nesse sentido, os círculos de leitura são atividades que trazem no seu íntimo a dimensão política. Nessa perspectiva, segundo Petit (2009), as leituras de obras literárias devem ser privilegiadas, pois, devido ao fato de serem polissêmicas, tornam-se propícias para que o indivíduo olhe o mundo de forma inaugural, que encontre diferenças para se questionar, ou semelhanças, que são, para ela, os ecos de suas próprias experiências. Quanto ao círculo de leitura promovido no espaço escolar, Petit (2009) coloca que é uma forma de “[...] facilitar a apropriação da cultura escrita por caminhos diferentes dos habitualmente seguidos em sala de aula, apoiar a construção de um espírito crítico e de uma cidadania viva, compartilhar experiências estéticas etc.” (PETIT, 2009, p.71). Essas possibilidades de organização de círculos de leitura literária dentro do espaço escolar foram delineadas por Cosson (2019) no livro *Círculos de leitura e letramento literário*.

Promover os círculos de leitura em nossa prática pedagógica, observando as diretrizes do PROFLETRAS é um grande desafio colocado em nossa caminhada em sala de aula, mas são os desafios que nos forçam a encontrar respostas e trazer soluções para um problema que a maioria dos professores de Língua Portuguesa se depara diariamente no exercício de sua docência.

Cosson (2019) diz que os círculos de leitura possuem caráter formativo, visto que “proporcionam uma aprendizagem coletiva e colaborativa ao ampliar o horizonte interpretativo da leitura individual por meio do compartilhamento das leituras e do diálogo em torno da obra selecionada [...]”(COSSON, 2019, p. 139). Percebemos, então, que os círculos de leitura criam oportunidade de os leitores literários em formação conviverem e se apropriarem de estratégias de leituras. As escolas têm adotado as propostas discutidas pelos círculos de leituras literárias por reconhecerem que estes podem contribuir para o desencadeamento, no aluno, o desejo de ler textos literários.

Destacamos o que traduz, resumidamente para nós, a eficácia dos círculos de leitura na escola: “Um círculo de leitura é uma prática de letramento literário de grande impacto tanto para quem participa quanto para o espaço onde ele acontece” (COSSON, 2019, p.154). Nas escolas, segundo o autor, os círculos de leitura oferecem aos alunos a oportunidade de

construir sua própria aprendizagem por meio da reflexão coletiva, além de ampliar a capacidade de leitura e desenvolver a competência literária. Também é evidenciado que o círculo é uma oportunidade de construção independente de aprendizagem (diálogo, resolução de problemas, liderança, argumentação, sintetização, exemplificação, registro, questionamento etc.) por meio da reflexão instaurada na comunidade de leitores. Acrescentamos ainda que a dinâmica dos círculos de leitura, de acordo com Cosson (2019), ajuda o aluno a desenvolver seu raciocínio, a apropriar-se da escrita e a inserir-se no letramento literário, visto como um processo de apropriação de um sentido de literatura.

De maneira alguma, embora com as múltiplas qualidades mencionadas por Cosson, os círculos de leitura literária sejam os milagres esperados para ampliar e melhorar o ensino de literatura no âmbito da escola, mas esperamos que essa metodologia contribua no potencial desenvolvimento de uma compreensão melhor e mais apurada do significado da leitura em sua vida.

2.1 LEITURA LITERÁRIA: UMA DESCOBERTA PRAZEROSA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Mas a leitura não é um ato isolado de um indivíduo diante do escrito de outro indivíduo. Implica não só a decodificação de sinais, mas também a compreensão do signo linguístico enquanto fenômeno social.

(Maria do Rosário Mortatti Magnani)

Percebemos uma das inúmeras finalidades da leitura quando observamos o que afirma Rangel (2005, p. 18): “Ler assim como escrever, então, são atos de comunicação verbal caracterizados pela relação cooperativa entre o emissor e o receptor, pela transmissão de intenções e conteúdos e por apresentarem uma forma adequada à sua função”. A autora amplia essa afirmação quando reitera que a leitura tem função comunicativa, pois, quando se realiza o ato de ler, temos a percepção de que este está vinculado às marcas que são deixadas pelo autor, e que os leitores conseguem percebê-las por meio de suas habilidades que são acionadas quando eles compreendem a estrutura do texto, a inferência do tom, a intenção, a atitude do autor (atribuição de sentido), a capacidade de parafrasear, ou seja, procura-se explicitar os processos de compreensão desencadeados no momento da leitura. Entre o autor do texto e o leitor, deve haver uma compreensão mútua, uma vez que este completa os vazios

que aquele deixou por meio das suas reações àquilo que deve ser lido. Para Rangel (2005), um texto é sempre diferente de leitor para leitor, e essa “flexibilidade”, como ela denomina essa diferença, marca, então, a leitura como uma atividade individual, o que demanda competências próprias de um leitor ideal que considere o texto e suas possíveis leituras.

Infelizmente, há uma recorrência nas escolas, principalmente nas públicas, em relação a desvalorização do ensino de leitura, principalmente o que concerne ao ensino da leitura literária, o que sempre é enfatizado pela maioria dos autores que se concentram na pesquisa do assunto. Parece que há uma “luz piscando” chamando-nos a atenção para este fato que muito nos inquieta. Cruz (2012) nos faz um convite, em seu livro *Leitura literária na escola: desafios e perspectivas de um leitor*, para que abandonemos a postura de cobrar de forma desnecessária o aluno em relação ao momento de avaliá-lo enquanto leitor no que tange à leitura literária e partamos para a valorização do ensino de literatura enfatizando sua força humanizadora.

A autora destaca a necessidade de apreciar a formação da consciência crítica do leitor por meio da leitura literária e como as experiências pessoais podem contribuir na análise do texto. Cruz (2012) salienta que, nesse momento, a leitura passa a ser vista de forma coletiva, funcionando como troca de experiências o que enfatiza o quanto a arte e a literatura servem de estímulo e ajuda na formação do leitor. Não pode existir separação entre a leitura e a sociedade, porque é durante o processo de leitura que as trajetórias pessoais têm aproximação com as trajetórias ficcionais.

Cruz (2012) ainda ressalta que o papel que o professor deve desempenhar nas aulas de leitura literária é de moderador de posições discursivas pessoais, sociais e literárias, pois é nesse momento que ele procura aproximar o leitor do texto literário e de suas características por meio de uma oferta recíproca capaz de despertar e encorajar o gosto pelo texto literário. Percebe-se em sua obra uma espécie de provocação relacionada a uma leitura de forma interdisciplinar, que desperte no aluno a formação de sua consciência crítica e que estenda sua visão de mundo para além do seu espaço social em que interage de forma limitada.

Cruz (2012, p. 15) declara sobre o momento do exercício de construção leitora em que “o leitor abre caminho para as mais diferentes formas de interpretação, na medida em que concede o prazer de ser seduzido pelos encantos do texto”. Ela ressalta a importância fundamental que o leitor tem dentro do texto e continua afirmando que, no ato da leitura, ele tem seu desenvolvimento por meio de dois planos que ela denomina de entrecruzados. Ela vai descrevendo o papel do leitor em cada plano, sendo que, no primeiro, ele se transforma em personagem, e, logo depois de sua conversão, no segundo plano, ele vai passar a ler o texto e

as suas reações de leitura, enquanto vai trocando de forma recíproca a sua memória de leitura com a memória do texto. Nesse processo, há uma transformação de sua experiência de contato com o texto que se transforma em uma aventura de leitura, pois eis que surge aí o leitor que, por meio da leitura, faz sua leitura da vida, dialoga, avalia e comenta a sua trajetória no espaço dialógico da leitura.

O que representa então as ações de leitura do ser humano? Elas representam, segundo Cruz (2012, p. 16), “[...] a busca pela liberdade de construir o mundo da leitura”. Existe uma compreensão que o sujeito leitor é concebido dessa forma dentro do que se intitula a memória social da leitura, segundo postula Cruz (2012). Essa memória social da leitura é quem vai determinar as formas de sentido do leitor e sua relação com as instituições que promovem a prática da leitura. Ela postula que:

[...] quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos e quando começamos a estabelecer relações entre experiências e resoluções de problemas, certamente estamos desenvolvendo um processo de leitura. Processo que se dinamiza à medida que vamos colocando nossa intenção e, ao mesmo tempo, as nossas impressões sobre os fatos contemplados. (CRUZ, 2012, p. 69).

Durante o percurso do estudo do ensino de leitura na escola, percebemos que o perfil do leitor é que faz a apropriação do texto literário, embora a tarefa de estudar a leitura na escola seja frustrante ou nos faça perceber que o quadro de leitura nas escolas brasileiras é, de certa forma, estarrecedor, fato comprovado pelos índices do IDEB. Segundo Magnani (2011), as obras literárias são utilizadas nas escolas do Ensino Fundamental para reproduzir, classificar, determinar, detectar, delimitar, adquirir, organizar, distinguir e, também, para identificar alguns gêneros literários, recriar um texto e produzir textos a partir de sua própria linguagem, ou seja, meramente como produto de decodificação em que o sujeito comporta-se como um ser passivo e reproduzidor, visto que, nesse momento, não se permite que ele possa exercer, por meio da leitura, sua criatividade, sua postura crítica e capacidade de interagir no texto e com o texto. Observamos esta assertiva da autora:

A escola se torna, assim, o intermediário privilegiado na sistematização da trivialidade, na medida em que, como instância ao mesmo tempo legislativa e executiva, exerce uma censura velada, estabelecendo para quê, por quê, como, o quê, quando, onde e quem lê” (MAGNANI, 2011, p. 49).

Ela assegura que a escola, ao conduzir a leitura como uma atividade mecânica, a tem relegado para um segundo plano, tornando-a como um mero ato decodificador, insignificante, totalmente esvaziada de importância. Dessarte, quando por um lado a leitura pode reproduzir

ao nível simbólico as condições sociais da sociedade capitalista, por um outro, tem o poder de oportunizar o acesso a um espaço de contradição nas relações de produção e de admissão aos acervos artísticos, educacionais e científicos. Cabe ao professor fazer a opção política de trabalhar a leitura como instrumento de reprodução ou como espaço de contradição. Tudo isso vai depender de sua postura como educador e mediador de conhecimentos, e não como mero instrutor. Para Magnani (2011),

De um ponto de vista interacionista, a leitura é um processo de construção de sentido. Oscilando numa tensão constante entre paráfrase (reprodução de significados) e polissemia (produção de novos significados), ela se constitui num processo de interação homem/mundo, através de uma relação dialógica entre leitor e texto, mediado pelas condições de emergência (produção, edição, difusão, seleção) e utilização desses textos. (MAGNANI, 2011, p. 49)

Infelizmente, há uma ausência, na maioria das escolas brasileiras, de programas de leitura, e há ausência de ser colocado em prática o PNLE (Política Nacional de Leitura e Escrita), além disso, também não temos muitas bibliotecas no ambiente escolar. O principal elemento que é considerado como referência para dar apoio e suporte ao planejamento didático do professor é o livro didático, que vem pronto das editoras, com ausência declarada de bons materiais de leitura, pois o foco principal é a gramática estampada em suas folhas de forma tradicional, transparecendo, em seu *modus operandi*, apenas como sequência de exercícios que não contribuem, de forma alguma, para que o aluno coloque em prática suas habilidades leitoras e interpretativas, sua leitura de mundo para que possa subtrair significados da atividade que ele está realizando, para que ela tenha sentido e lhe traga algum retorno. Destaco aqui, também, outro ponto importante que é a questão do fator econômico que impera na maioria da clientela das escolas públicas, e que impossibilita os alunos de terem acesso a outros tipos de leitura, visto que estes não têm como comprar livros ou outros materiais de leitura; embora muitos alunos com poder aquisitivo não manifestem interesse em adquiri-los, pois para ambas as classes, o livro é visto como algo sem valor, sem utilidade, totalmente obsoleto.

Existem, também, muitos professores que não têm interesse em criar projetos de leitura para ampliar a capacidade leitora de seus alunos e, como consequência desse fato, privilegia o livro didático que mais traz atividades gramaticais do que do ato de ler de forma contextualizada, sem questões que envolvam a intertextualidade, que o direcionem a uma correta interpretação para compreender o que foi lido.

Nesse viés, o processo de ensino e aprendizagem da leitura, e, conseqüentemente da leitura literária, na escola, vivencia um aspecto contraditório: de um lado ocupa-se em observar os modelos propostos que a concebe como um processo de produção de sentidos do leitor, a partir de seu conhecimento de mundo que traz dentro de si, o conhecimento prévio; já, por outro lado, os significados atribuídos pelo leitor devem estar delimitados a um universo de verdades que a escola concebe como efetivas, ou seja, discorre sobre a aprendizagem da leitura que está sujeita às maneiras de ler que são revalidadas por meio das relações de poder estabelecidas pela sociedade de classes e reproduzidas na escola.

Nessa perspectiva, a leitura passa a ter um aspecto utilitarista, em que sua consequência é apenas a escrita, configurando uma circunstância em que o leitor e o livro são colocados como inatingíveis. E o qual é o papel do professor quando se pensa na perspectiva pedagógica? A resposta a essa pergunta é facilmente percebida. O professor torna-se, apenas, executor de propostas, um gerador de estímulos, através de repetitivos exercícios de leitura de textos selecionados para atender ao gosto do aluno e adequar ao seu desenvolvimento cognitivo, devendo preocupar-se, tão somente, em otimizar procedimentos. O aluno, então, cumpre o papel de receptor das propostas do docente.

Além desses fatores, ainda temos o currículo que é apresentado como ferramenta que tem uma estrutura voltada para um modelo pronto, que favorece os interesses do mercado globalizado, trazendo como desfecho a ausência de um projeto político e social próprio que possa trazer-lhe os rumos de uma educação que conduza a um processo de revigoração e que possa sustentar suas práticas pedagógicas para o desenvolvimento da cidadania por parte do aluno, pois é por meio da leitura que o indivíduo vai mostrar quem é e qual o papel que ele vai desempenhar no espaço que o circunda. Essa assertiva encontra respaldo nas palavras de Rangel (2005) quando postula sobre a leitura na escola:

A leitura escolar, de modo geral, centrada na leitura de textos dos livros didáticos, fragmentados e estereotipados, imprime uma leitura mecanizada, passiva, indicativa do amortecimento de um posicionamento crítico por parte do leitor. Desta maneira, não há apropriação, apreensão das ideias, mas um trabalho intelectual alienado de trechos que concretizam permanências e não transformações de representações que o leitor possa ter (RANGEL, 2005, p. 31).

A autora segue adiante em suas afirmações quando nos diz que a leitura séria compromete o autor de forma tão envolvente que o traz para a investigação dos pormenores, aproximando-o entre o contexto do leitor e o do escritor, não permitindo que ele interprete o que lê de uma forma descompromissada, mas que ele consiga realizá-la de forma

contextualizada dentro de uma perspectiva social, política, ideológica, histórica, de forma que relacione seu contexto com o do autor, utilizando o texto como mediação.

Como a leitura é uma prática social, ela permite que o leitor se envolva nas questões culturais, sociais e políticas enquanto posiciona-se como indivíduo partícipe no mundo em que o rodeia. Suas escolhas quando faz o processo de interpretação de textos, faz com que ele consiga ter uma melhor compreensão do que lê e para que lê, ou seja, a funcionalidade da leitura literária em sua vida. Dessa forma, a leitura que se aprende na escola pode ser de caráter libertador ou não, vai depender de como ela será trabalhada e se será apresentada de forma prazerosa. O desencadear do amadurecimento do aluno leitor poderá proporcionar-lhe um conhecimento mais amplo e não alienante, que traz para sua vivência conscientização e questionamento da realidade.

Quando o leitor exerce efetivamente as práticas sociais advindas da leitura, que não pode ter ligação com a quantidade de livros, ele consegue compreender seu posicionamento na sociedade, e, conseqüentemente, rompe com o modelo de leitura repetitiva e monótona que não produz frutos e não constrói significados, pois o que será importante para ele não é a quantidade de livros que lê, mas a qualidade do que é lido por ele, para que desenvolva uma compreensão crítica da realidade e seja um cidadão atuante. A leitura torna-se prazerosa e satisfatória quando dotada de sentidos, quando sua prática pode ter o poder de libertar o indivíduo, de retirá-lo de sua indiferença, de uma espécie de alienação, promovendo uma completa e irrestrita mudança social. Nessa perspectiva, Rangel (2005) postula que:

Diferentemente do conhecimento científico, que se restringe a um grupo limitado de sujeitos, o conhecimento alicerçado nas práticas sociais envolve todos os sujeitos que, de uma forma ou de outra, participam da vida social, deslocando o foco daquilo que ela produz para os processos pelos quais o conhecimento se estabelece como realidade (RANGEL, 2005, p. 60-61).

No início de sua vida, a criança tem contato com a linguagem por meio das histórias narradas por seus familiares que podem ser as cantigas de ninar, os contos de fada e as cantigas de roda que são alguns exemplos que o ajudam a perceber as funções da linguagem. Lois (2010) enfatiza a preocupação que pais e professores demonstram no que se refere à formação do leitor e afirma que a curiosidade e a afetividade, em nós instauradas, são os nossos primeiros passos em relação à leitura das primeiras histórias que nos são narradas. A autora ressalta seu interesse pelo incentivo ao leitor da literatura originado do prazer constatado por ela com as experiências que esse tipo de texto provoca no indivíduo. Segundo ela, o início da comunicação da literatura com o indivíduo leitor vem desde as cantigas de

ninar que de forma provocativa atinge a sua sensibilidade. Lois (2010) destaca a relação estabelecida com a arte literária e o leitor quando postula que:

A arte literária estabelece encontros com os valores, as projeções e as ideias do sujeito no mundo. Ela possibilita que o leitor penetre na pele do outro (um personagem) e se perceba em situações, cujo final, já pré-escrito, lhe dá a segurança que a “vida real”, com suas surpresas e imprevistos, não pode dar (LOIS, 2010, p. 61).

A autora tece comentários sobre os desafios e perspectivas que o contato com a literatura oferece, além da imprevisibilidade, pois ela afirma que “A ficção é o espaço do possível” (LOIS, 2010, p. 61). Essa ficção que ela cita, a encontramos presente na arte literária que é o espaço em que a viagem do leitor tem início, pois é a leitura da literatura que se contata ou se comunica com nossa condição humana. Percebemos esse fato claramente exposto quando a autora declara que “Literatura é arte. Traz, em si, o paradoxo do belo e do arrebatador. Por isso, ler literatura é deixar-se provocar pelas emoções: boas e ruins; claras e incompreensíveis; sutis e expostas” (LOIS, 2010, p. 61).

Fazendo uma reflexão sobre a leitura literária e o letramento literário, buscamos destacar o papel desempenhado por essas práticas na contribuição para a formação de leitores. Após essa análise, surgiram inúmeras questões, que povoaram nossa mente, tais quais: como associar o letramento literário à formação de leitores? Que métodos podem ser empregados para apresentar a leitura dos livros às crianças, nossos futuros leitores? Quando se apropria da aprendizagem da leitura, a criança, de forma imediata, é capaz de ler e compreender o mundo que a cerca? Esses questionamentos nos levaram à compreensão de que, quando temos uma forma de percepção mais ampla do ato de ler, podemos constatar que ele (o ato de ler) caracteriza a relação do indivíduo com o mundo que o cerca, o desvelamento de seus mistérios, a inserção em uma sociedade na qual esse futuro cidadão será obrigado a desempenhar e ter um entendimento do papel ocupado e representado por ele. Para esse indivíduo, o fato de apenas ser alfabetizado não adianta muita coisa se ele não é um partícipe efusivo da comunidade letrada da qual faz parte. Não basta para ele, enquanto cidadão, ser alfabetizado, se não participa efetivamente da comunidade à qual pertence, na qual poderá desempenhar seu papel de cidadão distinto e diferenciado. Mas para isso, ele precisa fruir o prazer da leitura, pois, segundo Barthes (2019, p. 21), “Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática *confortável* da leitura” (BARTHES, 2019, p.21). O outro tipo de texto que o autor faz referência é o texto de fruição:

[...] aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem (BARTHES, 2019, p.21).

A leitura para despertar a atenção do aluno deve seduzi-lo pelo prazer que ela deverá transmitir. Para Barthes (2019), “não existe por trás do texto ninguém ativo (o escritor) e diante dele ninguém passivo (o leitor); não há um sujeito e um objeto” (BARTHES, 2019, p. 23). O autor ainda segue com seus comentários relacionados ao prazer do texto quando sugere parecer existir uma mística nele, em fazê-lo, segundo ele, *um objeto de prazer como os outros*. Barthes (2019, p. 69), afirma que “o prazer do texto é uma reivindicação justamente dirigida contra a separação do texto; pois aquilo que o texto diz, através da particularidade de seu nome, é a ubiquidade do prazer, a atopia da fruição.”

Em relação a esse texto como fruição de prazer da leitura, propomo-nos, aqui, levantar o seguinte questionamento aos professores preocupados com a formação das crianças e adolescentes: quando estamos entusiasmados para divulgar e estimular os saberes e sabores dos livros e da leitura, estamos dispostos a permitir que a escolha do livro pode ser de acordo com o gosto literário do aluno ou colocaremos regras e limites para a escolha dos livros a serem lidos?

Lois (2010) afirma que o conceito de leitura está relacionado com o ato de “aprender a ler” em sua fase inicial. A autora também postula que o tema envolvendo leitura é recorrente e faz parte de inúmeras discussões em vários segmentos da sociedade, mas ela suscita algumas indagações sobre qual leitura está se falando, o que significa o ato de ler e o que realmente importa nesse conceito tão extenso sobre o ato de ler em relação ao sujeito a à sociedade. Ela mesma nos responde quando diz que há mais leituras sobre a leitura do que se possa imaginar e que a leitura, em relação aos demais conhecimentos, seja dos matemáticos aos filosóficos, coloca-se como o primeiro degrau para todos os outros que se seguem.

Outra indagação bastante pertinente que Lois (2010) faz relacionada à leitura é que, se ela é tão singular na direção da descoberta do mundo, por que a quantidade de estudantes envolvidos com a prática de ler não é em número maior e o que poderia ser feito para que a leitura pudesse seduzir de forma definitiva as crianças e os jovens?

No passado, a história do ensino de leitura era voltada para um princípio organizador da subjetividade do leitor em formação, que estava atrelado com a visão reducionista e ultrapassada de um ensino que fidelizava a sequência de repetições para o processo de aprendizagem. A visão que se tinha do aluno era como um ser em formação, não levando em

conta a sua bagagem. Dessa forma, ele não era escutado, pois era percebido apenas como um receptáculo de informações a serem memorizadas e repetidas; o que ele possuía de conhecimento prévio não era considerado na construção de seu conhecimento.

Diante do exposto em relação à leitura no âmbito educacional, podemos percebê-la da forma como era transmitida naquele momento: apenas como um mero símbolo de decodificação. Infelizmente, da forma que era apresentada a leitura na escola, não se percebia a sua interação social e a sua função comunicativa, tornando-a simplesmente uma mera repetição técnica o que perdurou por um longo tempo. Educação era sinônimo de rigidez e disciplina que o aluno tinha por obrigação de se encaixar, ou poderia sofrer punições.

O texto não dialogava com o leitor em formação, pois, conforme o que postula Lois (2010, p. 18), “Ele estava ali apenas para ser fragmentado, desconstruído e para treinar o estudante em seu aprendizado de regras gramaticais”. Como a leitura durante muito tempo cumpriu um limitadíssimo papel no processo educativo brasileiro, relevando para o esquecimento os aspectos socioculturais do ato de ler, por conseguinte, a escola limitava à criança, unicamente, as funções de reproduzir e repetir o que lia, relegando a construção de um espírito crítico e renovador.

Quando a criança finalmente puder despertar a sua condição de ser letrado por meio das diversas leituras, ela poderá enxergar além do que está escrito, demarcar seu próprio território e perpassar o ato de unicamente decodificar ou interpretar de forma passiva, com entendimento limitado do texto lido; ela terá, a partir desse momento, condições de evoluir no seu processo de maturidade leitora e de se descobrir capaz de ser um agente crítico, partícipe, instruído e perfeitamente capacitado para todo o ato de ler e estender a sua visão de conhecer o mundo para além das fronteiras do espaço social no qual encontra-se inserida.

A escola deve oportunizar metodologias inovadoras de leitura aliando a prática com a teoria, desenvolvendo as habilidades literárias na formação dos novos alunos leitores. O papel que o professor tem a desempenhar nesse momento é de suma importância para despertar, cotidianamente, no aluno leitor, “a fome” e “a sede” pela leitura. E um espaço pouco usado, mas de suma importância para tornar a leitura mais efusiva e eficiente, é a biblioteca escolar. Espaço esse esquecido ou, como dissemos anteriormente, usado apenas como depósito do livro didático.

A escola pode e deve reativar esse espaço conclamando todo o corpo docente e discente da escola, além de outros auxiliares que se comprometam a ajudar. A biblioteca escolar pode e deve ganhar destaque como o lugar ou espaço basilar de formação intelectual e de acesso às diferentes áreas do conhecimento, à arte e à cultura. O princípio norteador das

ações que nela são desenvolvidas precisa estar pautado, sobretudo, na formação do leitor, na promoção do seu encontro com o conhecimento e em suas vivências culturais.

Uma campanha poderá ser desenvolvida em toda a escola para incentivar e estimular a comunidade escolar a doar livros para a ampliação do acervo literário. O professor de Língua Portuguesa poderá promover um trabalho interdisciplinar com os demais colegas e solicitar voluntários para concretizar o projeto de reativação desse espaço. Se ele conseguir um número grande de indivíduos envolvidos, com certeza, essa proposta resultará em momentos gratificantes, que trarão um enorme retorno na proficiência leitora por parte de seus alunos. Teremos muitos leitores assíduos na biblioteca escolar, a qual passará de depósito de livros didáticos e livros velhos e deteriorados para um espaço frequentemente visitado e ocupado pelos estudantes.

Nesse espaço, poderão ocorrer várias atividades voltadas ao aprimoramento do leitor juvenil como encontros para discussões de leituras realizadas, não com propósitos de construções das ultrapassadas fichas de leitura que se limitam apenas em solicitar dos alunos os elementos narrativos presentes na obra como personagens, espaço, tempo, clímax, enredo, mas uma nova forma de ler e interagir com a obra lida de forma construtiva, dialogando com seus outros colegas leitores em um processo crítico e de construção social, como, por exemplo, os círculos de leitura. Deverão ser empregadas estratégias de leitura no momento que os educandos iniciarem o ato de ler as obras. Os alunos necessitarão de estímulo para que haja uma efetiva participação da parte deles para discutirem, opinarem, construir bons argumentos, refletirem, criticarem tudo o que faz parte do texto lido para que ajam de forma interativa com todos os seus pares que fazem parte do ambiente literário em que estão inseridos.

2.2 OS CÍRCULOS DE LEITURA NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO LITERÁRIO

Aceitar que numa sociedade podemos ter gente que nunca vai ter a menor oportunidade de acesso a uma leitura literária é uma forma perversa de compactuarmos com a exclusão. Não combina com quem pretende ser democrático.

(Ana Maria Machado)

Quando refletimos na formação de leitores, pensamos naquele que faz o papel de mediador desse processo, pois muito de nossa formação como leitores teve o auxílio de algum mediador que no início foi incumbência de nossos familiares e, logo em seguida, de nossos

professores. Estes foram os que nos ajudaram no estabelecimento de uma relação com a leitura, ou ainda no restabelecimento, e que merecem esse título.

De acordo com Cândido (1995, p. 113), “a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo”. É, pois, partindo desse pressuposto, que iremos discutir a importância de implantar os círculos de leitura dentro do contexto de letramento literário.

Quando pensamos em um significado mais amplo para definir letramento literário, o concebemos como um fenômeno de apropriação da leitura de forma prazerosa, que será realizada por meio de uma aproximação significativa com diversos livros, mesclando textos literários com os *best-sellers*, os quais eles gostam de ler. Quando o leitor-juvenil se reconhece nela, pode constatar o universo que está contido no livro e embrenhar-se nele, descobrindo e revelando os segredos das palavras e das imagens e ampliando a arte de escutar.

De acordo com Petit (2009, p. 288), “Todo ser humano sente, de modo vital, necessidade de ter à sua disposição espaços onde encontrar mediações ficcionais e simbólicas”. Porém, nesse percurso, assolam-se dificuldades que nossos alunos encontram para se comunicar com o livro de maneira prazerosa e significativa. Eis que surgem, assim, mais algumas questões que nos causam uma espécie de reflexão profunda e incômoda para nós professores. Digo incômoda, pois não temos respostas prontas para todos os questionamentos, e isso acaba deixando-nos angustiados em relação a nossa práxis pedagógica. A impressão é que as dúvidas e incertezas ficam martelando em nosso cérebro de forma insistente, sendo estas as mais cruciais de todas: de que forma podemos contribuir para ampliar o repertório literário de nossos alunos nas atividades e projetos de leitura que ministramos em sala de aula? De que modo eles podem trazer para o processo de leitura as suas vivências? E, quais experiências de humanização e afeto advindas das suas leituras eles compartilharão?

Um elemento norteador que pode responder e direcionar nossos questionamentos à literatura, segundo Cosson (2019), é o círculo de leitura. O autor cita esse tipo de atividade como “uma prática de letramento de grande impacto tanto para quem participa quanto para o espaço onde ele acontece” (COSSON, 2019, p. 177), pois contribui para aguçar a sensibilidade e a percepção estética dos leitores envolvidos no processo. Assim, de acordo com o autor,

[...] círculos de leitura são espaços sociais nos quais as relações entre textos e leitores, entre leitura e literatura, entre o privado e o coletivo são expostas e os sentidos dados ao mundo são discutidos e reconstruídos. Participar de um círculo de leitura é compartilhar com um grupo de pessoas as interpretações dos textos com as quais construímos nossas identidades e da sociedade em que vivemos (COSSON, 2019, p. 154).

Se o círculo de leitura instiga o compartilhamento, as escolas aparecem como excelentes espaços para que essas trocas sejam feitas. Na maioria das turmas às quais lecionamos, percebemos as inúmeras dificuldades apresentadas pelos alunos, principalmente no âmbito da compreensão do que lê, não somente compreensão, mas também desenvolvimento de interpretação e percepção crítica do texto lido. É para essas turmas que devem ser oportunizados os círculos de leitura para resolução de problemas e percepção de si e do outro como sujeitos que se relacionam e se conhecem como formadores de opiniões e conscientes do mundo em que vivem, além de desenvolverem uma nova concepção de aprendizagem que os tornem mais questionadores e não passivos, que possam ser comprometidos e compromissados e que possam ter a capacidade de, por meio do hábito da leitura regular e cotidiana, ter uma concepção de aprendizagem mais reflexiva, envolvente, desenvolvendo sua competência literária, entre outros tantos benefícios em termos de habilidades sociais e competências linguísticas segundo a visão de Cosson (2019).

Os pressupostos levantados por Cosson (2019) estão de acordo com Petit (2009) quando faz uma reflexão e diagnóstico sobre o poder imprescindível que a leitura tem ao proporcionar ao ser humano a capacidade de saber lidar de forma sábia e ponderada com as situações difíceis pelas quais ele passa. Para ela, os clubes de leitura ou círculos de leitura permitem que pessoas que possuem pouco acesso aos livros possam modificar o olhar para as práticas de leitura e contribuir para ampliar práticas linguísticas “de organizar a própria história e transformá-la” (PETIT, 2009, p. 42).

Cosson (2019) ressalta que, em uma primeira aproximação, o ato de ler nos traz uma concepção de leitura baseada no diálogo, visto que “[...] ler é produzir sentidos por meio de um diálogo, uma conversa” (COSSON, 2019, p.35). Essa forma de sentidos da leitura pode advir de vários tipos de conversa que podemos manter em várias situações com todo tipo de indivíduo ou até mesmo por meio de leituras triviais que realizamos em qualquer ambiente. Em uma segunda aproximação, ele coloca o ato de ler em uma comparação com “um diálogo que faz com o passado, uma conversa com a experiência dos outros” (COSSON, 2019, p.35). Para o autor, a literatura faz essa correspondência entre o passado e o presente por meio do diálogo. Podemos ler algo atual como um bilhete com um recado escrito por alguém da

família nos chamando a atenção para algum fato relevante, por exemplo, ou um texto filosófico escrito há séculos que pode também ser atual pela leitura dele realizada por nós ou pela troca que fazemos através do diálogo com suas ideias. Dessa maneira, compreendemos que “toda leitura é, assim, um diálogo com o passado, próximo ou remoto, que busca paradoxalmente eliminar esse passado, presentificar o passado” (COSSON, 2019, p. 36).

Quando se fala sobre a leitura na escola, que é um tema bastante destacado em nossa produção, podemos perceber as diversas formas e opiniões que inúmeros autores usam para descrevê-la. Cosson (2019) expressa sua opinião sobre esse tópico ao ressaltar a importância do compartilhamento da leitura pela escola e, quando ela falha nesse ato de compartilhá-la para exercer sua função de nos tornar leitores, por conseguinte, ela falhará em tudo mais. Ele ressalta a sua opinião sobre a falha de compartilhamento da escola quando salienta que “não há conhecimento sem leitura, sem a mediação da palavra e da sua interpretação, da leitura, enfim” (COSSON, 2019, p. 36).

O autor amplia seu direcionamento sobre a importância da leitura e sua abrangência em produzir sentidos por meio do diálogo para quem lê, o que lê e o que determina essa leitura, além de destacar a importância de um texto passado há muito tempo, que vem a enriquecer nossa leitura quando travamos um diálogo com ele enquanto experiência do outro, de quem escreve. Experiência do outro a qual compartilhamos e pela qual nos inserimos em determinada comunidade de leitores. Cosson (2019, p. 36) salienta que “Entendida dessa forma, a leitura é uma competência individual e social, um processo de produção de sentidos que envolve quatro elementos: o leitor, o autor, o texto e o contexto”

Para Cosson (2019), ler é como se fosse uma missão, uma tarefa a nós delegada, é buscar o que diz o autor, é ouvi-lo. Ler também é analisar o texto e construir seu sentido, é construir hipóteses sobre o sentido do texto. O autor segue adiante em suas teorias e vai acrescentando discussões sobre a proposição da leitura que para ele é um circuito que envolve quatro elementos, a saber: autor, texto, leitor e contexto e essa proposição não tem meios para impedir que se identifique um desses elementos como ponto de partida, apenas sugere que os outros elementos sejam igualmente reconhecidos como constituindo o processo de construção de sentidos. Para o autor, todo processo de leitura começa sempre com uma indagação por parte do leitor, e essa indagação, por sua vez, leva-nos a uma resposta que nos remete a outra pergunta, a outra resposta e a outra pergunta e assim sucessivamente.

Para que haja consolidação do processo de leitura em uma escola, devemos ter em mente a necessidade de se colocar em prática ações que possam corroborar a prática do letramento literário na formação do aluno leitor. Cosson (2019) coloca em pauta a questão da

formação das comunidades de leitores o que pode colaborar para a ampliação da capacidade leitora e interpretativa do leitor literário. Ele diz que não há texto ou leitor isolados. Para ele, devemos:

Reconhecer, portanto, que toda interpretação é resultado das convenções de uma comunidade, que são as regras dessa comunidade que informam o que lemos e como lemos, não tem por objetivo superar essas regras e convenções em busca de uma definição objetiva ou mais adequada de leitor ou texto, mas sim compreender que nossas leituras são construídas dentro do jogo de forças de uma comunidade e que é por meio da participação nessa comunidade que nos constituímos como leitores (COSSON, 2019, p. 138).

Ainda, segundo Cosson (2019), o que configura uma comunidade de leitores são os indivíduos que se reúnem em um conjunto, que fazem interação entre si e se identificam pelos mesmos interesses e objetivos em torno da leitura, além de possuírem um repertório que os permita o compartilhamento de objetos, tradições culturais, regras e modos de ler. Observa-se que, embora o ato de processar de forma física a leitura do texto seja individual, a leitura em sua totalidade é sempre social “porque não há leitor que não faça parte de uma comunidade de leitura [...]” (COSSON, 2019, p. 139). Para o autor, entre a grande diversidade de grupo de leitores que se reconhecem como parte de uma comunidade específica, o círculo de leitura é uma prática privilegiada, pois reforça os laços afetivos, a troca de informações, sentimentos, conquistas, além de desafiar conceitos, práticas e tradições. Ele afirma que:

Por fim, porque os círculos de leitura possuem um caráter formativo, proporcionando uma aprendizagem coletiva e colaborativa ao ampliar o horizonte interpretativo da leitura individual por meio do compartilhamento das leituras e do diálogo em torno da obra selecionada [...] (COSSON, 2019, p. 139).

Como o círculo de leitura estimula o compartilhamento, e, obviamente, as escolas se configuram como excelentes espaços para que essas mudanças sejam feitas, pois, além de oportunizarem aos alunos uma nova concepção de aprendizagem, mais reflexiva, envolvente, contribuem para estes, enquanto leitores, possam ampliar “a capacidade de leitura e desenvolver a competência literária, entre outros tantos benefícios em termos de habilidades sociais, competências linguísticas” (COSSON, 2019, p. 177).

As teorizações feitas por Cosson estão de acordo com Petit (2009) ao analisar a capacidade que a leitura tem de proporcionar ao indivíduo estímulo e auxílio necessários em situações de dificuldades. É válido salientar que os clubes e círculos de leitura permitem que pessoas que possuem pouco acesso aos livros possam modificar o olhar para as práticas de leitura e contribuem para a ampliação das práticas linguísticas “de organizar a própria história

e transformá-la” (PETIT, 2009, p. 42). Assim sendo, “É pelo reconhecimento de seu aspecto formativo que os círculos de leitura têm sido amplamente adotados nas escolas, sobretudo pela sua aplicabilidade na formação do leitor” (COSSON, 2019, p.139).

O autor ainda ressalta, mais de uma vez, a importância dos círculos de leitura quando são organizados de forma sistemática e bem estruturados:

É por isso que se pode dizer que os círculos de leitura são espaços sociais nos quais as relações entre textos e leitores, entre leitura e literatura, entre o privado e o coletivo são expostas e os sentidos dados ao mundo são discutidos e reconstruídos. Participar de um círculo de leitura é compartilhar com um grupo de pessoas as interpretações dos textos com as quais construímos nossas identidades e da sociedade em que vivemos (COSSON, 2019, p. 154).

Acreditar que as habilidades de leitura podem ser desenvolvidas por nossos alunos leitores, respeitando o texto e compartilhando o conhecimento de mundo que traz consigo, certamente alcançaremos o nosso maior propósito que é a formação de bons leitores por meio do letramento literário, tendo como suporte os círculos de leitura. E, pensar sobre isso não é ilusão quando conseguirmos fazê-los indagar, questionar, compreender esses textos e utilizá-los em seu contexto social. Nessa perspectiva, a leitura do texto literário, colocada em prática principalmente por meio do círculo de leitura, assumirá um papel mais significativo na vida do aluno.

Ler é uma construção de sentidos. Por meio do prazer que uma leitura nos possibilita pode ser um ponto de partida. O que ali me encanta? Por que me emociono com a descrição que o narrador realiza deste ou daquele personagem? A leitura de determinada obra me possibilita crescer de forma amadurecida e interagir socialmente em meu entorno e com as pessoas que participam dele? Oxalá conseguíssemos transformar nossas aulas em momentos de apreciação e discussões dos textos. Então, poderíamos, certamente, presenciar, em nossas aulas, leitores efetivos do texto literário, alunos mais independentes e a leitura literária seria um momento significativo e uma forma de percebê-la como símbolo da cultura. Um dos principais ambientes em que a leitura deveria ser sempre colocada como prática rotineira, e, também, prazerosa, é a escola, mas, infelizmente, na maioria das vezes, isso não ocorre. A autora Neide Luzia de Rezende (2013), no livro *Leitura de literatura na escola*, constata essa situação postulando o seguinte:

Talvez um dos maiores problemas da leitura literária na escola – que vejo, insisto, como possibilidade – não se encontre na resistência dos alunos à leitura, mas na falta de espaço-tempo na escola para esse conteúdo que insere fruição, reflexão e colaboração [...] (REZENDE, 2013, p. 111).

Há muito tempo que a leitura e a escrita eram pressupostos básicos para que um indivíduo fosse habilitado a ter uma maior compreensão de onde vive, qual o seu papel enquanto cidadão e para que tivesse um lugar de destaque na comunidade em que estivesse inserido socialmente, porém a discussão que vem tendo destaque é que apenas essas duas condições, a da leitura e da escrita, não são suficientes para a apreensão do conhecimento, pois somente ensinar a ler e escrever era pressuposto de que o indivíduo estivesse dotado das habilidades necessárias para viver em uma sociedade em evolução; mas, nas três últimas décadas, vem se discutindo que apenas ensinar a ler e escrever não confere atribuições suficientes a ele para o contexto social do momento, ou seja, essas duas ferramentas do decifrar e transcrever não são suficientes para o bom desempenho do cidadão. Nesse novo contexto, é preciso que o cidadão seja letrado, ou seja, que ele tenha domínio das capacidades leitoras, tais como: ler para aprender, ler para interpretar, ler para discutir, ler para inferir, e, sobretudo, ler para transformar.

A formação de cidadãos não se limita a conceitos preestabelecidos que torna inviável o ato de pensar. Para que haja entendimento e entrosamento do mundo em que vivemos, da comunidade da qual fazemos parte, a leitura, pautada na concepção acima, torna-se imprescindível, pois ela, indiscutivelmente, é um dos caminhos necessários para entender o mundo, sem deixar de respeitar as diferenças culturais, sociais e políticas de si e do outro. Observando a leitura nessa perspectiva, concluímos que seu auxílio, para a formação de cidadãos, não se limita a conceitos preestabelecidos que torna inviável o ato de pensar. Ela perpassa o simples ato de decodificar, ultrapassa a fronteira do que é imposto, do que é obrigatório, do que não é prazeroso.

Quanto mais cedo o aluno torna-se leitor, tendo acesso a diversas leituras, também, mais cedo, acontecerá o desenvolvimento de sua capacidade intelectual, cultural e social. Dessa forma, romperá as dificuldades no ato de ler e escrever, quebrando paradigmas, uma vez que, dominar a leitura é importantíssimo para encarar as experiências do mundo em que vive, como, também, facilitará seu acesso às informações sobre diversos fatos do dia a dia, além de capacitá-lo para tomar decisões de forma consciente e participar ativamente na sociedade na qual está inserido. Podemos perceber a força das afirmações de Magnani (2001) sobre o aspecto social da leitura literária e seu papel social quando ela nos diz que:

A literatura mobiliza a imaginação, a diversidade de opções estimula a busca de alternativas. E, na leitura das contradições e impasses por que passa nosso país, devemos ser coautores não só dos fracassos, mas também da luta pela participação na construção da sociedade que interesse não apenas a alguns, mas principalmente aos exilados da palavra (MAGNANI, 2001, p. 142).

Segundo Magnani (2001), o professor é alguém que participa ativamente do processo de leitura do aluno, além de, ao mesmo tempo, estudar, ler, expor sua leitura e seu gosto, esperando dos seus alunos que tenham atitudes semelhantes as suas no tocante à sensibilidade e à atitude crítica nas leituras realizadas por eles. A autora comenta sobre a ruptura que deve existir por parte do leitor no que diz respeito à leitura, tanto de ordem externa, as condições salariais, materiais e físicas, quanto de ordem interna, a ruptura com ele mesmo e com sua história. Para ela “É preciso fazer dessa contradição uma prática cotidiana de sala de aula e de vida. É todo um posicionamento diante do mundo e a história que conta” (MAGNANI, 2001, p.141). A contradição que ela aponta também faz parte da construção dos múltiplos sentidos para compreensão textual. Nesse viés, os textos que estão sendo lidos na escola brasileira atualmente, segundo Magnani (2001), devem passar por uma análise e questionamentos para que possam ser compreendidas as relações entre conservação e ruptura sociais a partir das soluções literárias para problemas inoportunos, mas que podem ser detectados e resolvidos.

À proporção que o aluno percebe as múltiplas possibilidades que a leitura escrita oferece e compreende sua função social, ele se dá conta de qual deve ser seu papel na sociedade. Para que isso aconteça, ele tem que ter a percepção de que a leitura é o caminho necessário para entender o mundo, sem deixar de respeitar as diferenças culturais, sociais e políticas do indivíduo e que ela contribui para sua formação enquanto cidadão, não se limitando a conceitos preestabelecidos que torna inviável o ato de pensar, mas que exige dele um processo de transformação social, elevando-o à categoria de leitor comprometido e proficiente.

De acordo com o que assevera Rangel (2005, p. 18), “A leitura exige do leitor um exercício de preenchimento dos vazios deixados pelo autor, que apela para as reações do leitor para completar aquilo que iniciou”. São as reações do leitor que vão atribuindo sentido e significado ao texto. A flexibilidade da leitura, segundo a autora, é que vai marcá-la como uma atividade de cunho individual, na qual requer demandas inerentes a um leitor ideal que analise o texto e suas múltiplas leituras.

A leitura como prática social tem como um de seus objetivos precípuos a compreensão do mundo em que o aluno se insere, associando os conhecimentos que têm internalizados para a produção de significados. Segundo Rangel (2005, p. 141), “A leitura é um processo interno, invisível que espelha as diversas dimensões do encontro do leitor com o autor, perpassada por competências, disposições, formas que habitam o leitor [...]”. Ela torna-se essencial para a aquisição de mais e mais conhecimento. No mundo digitalizado em que vivemos, estamos recebendo e visualizando a todo momento uma gama de informações instantâneas que nos são

transmitidas por meio da internet. É importante salientar que o conhecimento é para sempre e as informações são efêmeras e, na maioria das vezes, não acrescentam nada.

Mas qual é o papel da leitura nesse mundo tecnológico e globalizado em que os recursos digitais, tais como aplicativos, jogos e tantos programas, atraem mais atenção do que a leitura, especialmente de um livro físico? Por mais que a internet possibilite e disponibilize livros para serem baixados de forma gratuita, não são muitos estudantes que procuram o acesso a essa ferramenta, eles dizem que utilizam mais a internet para baixar músicas, filmes, séries entre outros. Raros são os casos de utilizá-la para baixar algum livro para a leitura como prazer. Quando isso acontece, é por necessidade, para obtenção de nota em alguma tarefa escolar. Infelizmente, isso é um fato observado e recorrente na maioria das escolas brasileiras. Ler para quê e por quê? Eis algumas das indagações que os jovens estudantes fazem a seus professores, especialmente aos de Língua Portuguesa.

Quais estratégias de leitura devemos buscar trazer para nossas aulas para incentivar e estimular o prazer da leitura aos nossos alunos? A tarefa não é tão fácil como parece para alguns. Não há fórmulas milagrosas. O que pode dar certo em uma escola, em uma turma ou com um pequeno grupo de alunos, pode fracassar em outros lugares, com outros indivíduos.

Muitos são os livros escritos discutindo a leitura, a escrita, a formação do leitor juvenil, a leitura na escola, a leitura fora da escola, o letramento literário, o ensino da leitura literária etc. Essas leituras são de grande apoio ao professor que deseja mudar de direção, para aquele docente que reconhece que é hora de mudanças, as quais devem ser significativas para que se consiga atingir seu maior objetivo: tornar seu aluno um leitor competente, que ultrapasse as barreiras impostas pela sociedade quando rotula o indivíduo como capaz ou incapaz e o divide em pertencente a determinada classe dependendo do lugar que ocupa dentro de uma sociedade.

Para o mundo moderno, o indivíduo é mais valorizado pelo que possui financeiramente do que pela sua formação intelectual, por seus conhecimentos, ou, principalmente, como se posiciona frente as situações que têm que enfrentar diariamente, seja na igreja que frequenta, no trabalho, na escola, na rua, em casa e, principalmente, na comunidade da qual faz parte. Mas, independentemente de todas essas situações, quando um indivíduo cresce como ser humano por meio de sua prática leitora, ele pode somar sua voz com a de outras vozes para transformar, para acrescentar e contribuir. Quem lê aprende a valorizar, a amar, a se colocar no lugar do outro, aprende a defender, a discutir, a argumentar, porque descobriu que a leitura tem todas essas funções sociais que provoca todas essas transformações no indivíduo e a mais importante de suas funções é humanizá-lo.

O que é a leitura se não o caminho necessário para entender o mundo, sem deixar de respeitar as diferenças culturais, sociais e políticas do indivíduo? É a leitura que nos torna protagonistas de nossas ações, de nossas vivências. Por meio dela, somos capazes de mudar, de trazer transformação, de influenciar e de manifestar firmemente nossas opiniões com convicção no que acreditamos. Ela nos assegura nosso pleno desenvolvimento psicológico, físico, intelectual, cognitivo e social.

As estratégias de leitura que o professor busca trazer para as suas aulas por meio da metodologia que usa e busca sempre aperfeiçoar farão grande diferença em seu empenho na formação de alunos leitores habilidosos. Todo educador deve privilegiar estratégias que valorizem a leitura; não o ler por ler, mas, principalmente, a leitura que revele ao educando uma ampla visão de mundo. Dessa forma, os estudantes deixarão de ser meros decodificadores e verão que a leitura poderá libertá-los, se eles assim a permitirem para serem cidadãos capazes de respeitar direitos, cumprir deveres, reivindicar melhorias, preservar e transmitir cultura, enfim, construir a história e construírem sua formação social.

Quando se fala da importância social da leitura na construção de um novo indivíduo que foi formando-se aos poucos pela inserção do ato contínuo de ler em sua vida, em sua rotina, vale a pena ressaltar que é por meio do ato de ler que podemos formar cidadãos críticos, uma condição que se converte como condição primordial e indispensável para o exercício da cidadania, à proporção que torna o indivíduo capaz de ter uma compreensão mais ampla do significado das inúmeras vozes que se manifestam no debate social e de pronunciar-se com sua própria voz, tomando consciência de todos os seus direitos e sabendo lutar por eles.

No momento que realizamos a leitura de um texto, buscamos estabelecer um diálogo entre tudo o que sabemos e aquilo que o texto nos traz de novo, procurando de todas as formas atribuir-lhe significado, utilizando de forma apropriada os recursos argumentativos para sustentarmos e defendermos nossos pontos de vista. Ler não é adivinhar e nem decifrar os significados. Do que se trata, então, a ação de ler? Ler é buscar reformular significados tantas vezes quantas forem necessárias a partir do encontro entre novas ideias, conceitos e opiniões. Sob essa ótica, chegamos à seguinte conclusão: é nos textos e pelos textos que podemos adquirir a competência de operar criativamente um tipo de saber cada vez mais admirável na contemporaneidade, buscando aqui, neste momento e em outros, enfatizar que é na literatura que o indivíduo, por meio da palavra e de sua capacidade criadora, intercala parte da realidade, cria o texto por meio do qual manifesta seu discurso, o qual é a manifestação da

sua alma e da sua inteligência, da sua nova visão na qual percebe um mundo de perspectivas e possibilidades que se abre para ele.

É importante evidenciar que a leitura não é concebida como um ato solitário, nem como atividades de cunho individual. O grupo social em que o indivíduo está agregado é parte de si e, como sempre faz parte desse grupo, obviamente trará para esse grupo elementos de sua leitura; da mesma forma, a leitura trará vivências e experiências que serão advindas do social, de sua experiência prévia e individual do mundo e da vida.

Ler faz parte de um contexto pessoal. Inseridos em uma sociedade, em uma cultura, não podemos nos esquecer que a peça fundamental de todo o processo de leitura, primeiramente, somos nós, enquanto sujeitos leitores. Para que nosso lugar no meio social em que vivemos possa ser reconhecido, é a percepção de que ler se tornou uma necessidade, pois é a leitura que nos faz capazes de participar ativamente de uma sociedade, capacita-nos a ampliar a nossa capacidade verbal, que nos habilita a descobrir o universo por meio das palavras, como também a percepção de que cada leitura, por nós realizada, traz-nos novas ideias e possibilidades de poder desvendar o mundo e capacitar-nos para agir e interagir nele.

É a leitura de livros que traz ao leitor a competência e habilidade para descobrir um universo de aventuras, exclusivamente seu, pois é visto por seus olhos, repleto de encantamento e sedução, cheio de personagens diferenciados, lugares fantásticos e aventuras emocionantes que as páginas de um livro nos concedem como uma dádiva, pois a leitura é uma atividade que nos dá prazer e nos alegra, desenvolvendo em nós uma enorme capacidade de criar, trazer conhecimentos, e nos proporcionar uma nova forma de enxergar o mundo.

Constituir uma relação dinâmica entre a fantasia, encontrada nos universos dos livros, e a realidade, encontrada em seu meio social, é uma das funções da leitura, uma vez que, quando mergulhamos nela, sobressaem a nossa criatividade e a nossa imaginação e o nosso raciocínio consegue ultrapassar a barreira entre a fantasia e o que é palpável, o que é existente. Ao realizarmos uma leitura, fazemos um contato diretamente com o texto, absorvendo as suas contribuições e colaborando também com as nossas, à medida que, ao lermos, acrescentamos as experiências em nós internalizadas, os nossos conceitos, a forma que temos de ver a vida, o mundo e as pessoas e de recebermos de volta a reciprocidade benéfica que a leitura nos traz. É isso que traduz a importância da leitura. Podemos, em conjunto com o texto lido, interagir, atuar, ser personagem, ser coautor, deixando em destaque nossas colaborações e impressões. É muito interessante observar o que Lois (2010) postula sobre a leitura:

A leitura e a interpretação dos fatos colocam o sujeito frente a frente com suas reflexões e sua individualidade. Pode parecer um discurso óbvio, entretanto, o ritmo da modernidade vem impedindo que notemos que todo conhecimento nasce de uma leitura de mundo, previamente feita pelos sentidos e pelo corpo (LOIS, 2010, p. 50).

A autora discorre sobre o que a leitura pode provocar no indivíduo de forma bastante clara e consistente ao afirmar que todo conhecimento nasce de uma leitura de mundo, fato que enfatizamos várias vezes neste trabalho. Ela também nos chama a atenção para o fato de que, quando o professor despreza as verdades individuais, as sensações, o aprendizado pelos sentidos e pelo desejo, ele estará limitando e subestimando a capacidade potencial, sensorial, sensível e criadora do seu aluno. Lois (2010) declara que a leitura é um tema amplo provocado pela amplitude que seu horizonte provoca e que é ela que conduz o homem a pensar o universo, por isso, sobrepuja os estudos que é apenas uma formalização desse universo que vem sendo lido pela humanidade.

Rangel (2005) faz uma afirmação sobre quantidade versus qualidade quando diz que “A leitura em sala de aula não pode estar veiculada à quantidade de livros ou textos propostos e lidos” (RANGEL, 2005, p.38). Freire (1989) discorre sobre a importância de se ler de forma crítica e com profundidade; sobre a questão de ler muitas obras, deixando de se comprometer para a compreensão efetiva da realidade. O que vale ressaltar aqui é que o conhecimento encontrado no leitor não se traduz pela quantidade de obras que ele lê, mas pelo que ele absorve, compreende, deduz e aprende quando lê, como também com seu posicionamento questionador do que foi lido.

Uma pessoa que tem o hábito de ler possui um vocabulário mais amplo, porque possui aptidão para ler com proficiência. Isso se traduz de forma significativa, destacando que ela dispõe de um bom desempenho linguístico, permitindo que tenha uma quantidade de informações sobre um vasto domínio do campo do conhecimento, dando-lhes destaque e preferência, fazendo com que, desse modo, possa instituir as devidas conexões entre elas e aprendendo como identificar e diferenciar as que têm importância das que se excluem, empregando-as, de forma adequada, com os recursos argumentativos que deem equilíbrio as suas ideias. Faz-se imprescindível ter compreensão ao interpretar textos, pois essa capacidade é de suma importância na construção do leitor.

Desde os mais destacados livros até a leitura de uma historinha em quadrinhos ou um divertido cordel, o hábito da leitura é classificado como fundamental, pois, quanto mais se lê, mais se aumenta a capacidade de compreensão do mundo de cada indivíduo. Eis a razão da busca que todo professor deve realizar para despertar as múltiplas habilidades de leitura por

parte de seu leitor. Para que possam compreender as diversas e diferentes razões para ler, devemos motivar os alunos para que façam dessa atividade uma rotina em suas vidas, para que dela tire proveito e a realize com prazer, um prazer que advém da descoberta de desvendar os mistérios e curiosidades que só a leitura traz. Por que lemos? Por diversos motivos, dentre eles, obter informações, receber instruções, obter e ampliar nossos conhecimentos, por passatempo, por prazer, por gosto, para estabelecer comunicação com o outro, para ampliar nosso conhecimento e compreensão do meio em que vivemos, para compartilhar descobertas, para levantar discussões e debates etc. Quando vemos dessa forma, percebemos que a leitura é possuidora de diversas funções, entre as quais, podemos destacar: a individual e a social, cada uma com seu propósito.

São os livros que nos trazem possibilidades de nos fazer navegar pelo que é conhecido, alargando nossas fronteiras perceptíveis, como também do que nos é desconhecido, inusitado e, por que não, misterioso? Somente desenvolvendo a regularidade com a ação da leitura é que perceberemos que o livro nos oferece uma estruturada mensagem, que necessita ser descoberta, desvendada e compreendida, mas, para que tal feito aconteça, é indispensável que se interprete o que está escrito para se entender.

É visto nas escolas que a maioria dos estudantes realizam uma leitura sem compreensão do que está sendo lido, buscam decodificar um texto sem que haja o entendimento do que o texto realmente traz de informações. Salientamos que um leitor capacitado desenvolverá, como destaque na proposta de leitura, a habilidade de compreender a mensagem que ali está sendo transmitida, com o objetivo de buscar analisar todos os pontos abordados pelo autor de uma forma coerente e rápida. Nesse sentido, a leitura deve ir além das palavras, perpassar a imaginação, buscar interpretar o que realmente o autor quer transmitir com a construção de suas palavras, formando ideias, pois o texto, como uma viagem que se deseja realizar, apresenta-se como uma operação cuidadosamente planejada, concretizada pelo escritor, suscitando, no leitor, desejo de mais e mais leituras para compreender a mensagem daquele texto.

3 DESCOBERTA DO DELEITE QUE A LEITURA TRAZ

*A leitura nos torna melhores a cada livro,
porque proporciona um imenso prazer, para o
cérebro, coração e alma!*

(Giovanni Dulor Chagas)

Para que haja o incentivo à leitura prazerosa, aquele que lê tem que transmitir esse prazer para quem vai ingressar nesse universo literário. Segundo Barthes (2019) é o próprio ritmo daquilo que se lê e do que não se lê que produz o prazer dos grandes relatos, ou seja, a forma com que o leitor se envolve com a leitura, a avidez que tem por novos conhecimentos o leva a sobrevoar ou passar por cima de certas passagens que não são prazerosas para ele, para chegar a tmeze que é a fonte ou figura do prazer.

Barthes (2019) faz uma comparação entre texto de prazer e texto de fruição: o primeiro tipo de texto, segundo o autor, é aquele que traz contentamento, que enche e, também, traz euforia. Esse tipo de texto vem da cultura e não provoca um rompimento com ela, porém, tem uma certa ligação com a sua prática confortável. Já o texto de fruição, segundo o conceito do autor, é aquele que coloca o leitor em um estado de perda, de desconforto, provoca a oscilação das bases históricas, culturais e psicológicas daquele que lê, a consistência de seus gestos, de seus valores e de suas lembranças.

Para Barthes (2019), o sujeito anacrônico é aquele que mantém os dois textos em seu campo e em suas mãos as rédeas do prazer e da fruição, pois é um sujeito duas vezes perverso e fragmentado. Esse sujeito participa do que é prazeroso e que provém de toda espécie de cultura, ao mesmo tempo que também participa da destruição dela. A consistência de seu ego é o seu prazer e sua perda é a sua fruição.

Para esse autor, o texto não é um diálogo e não há risco de ter que fingir, de chantagear, de agredir, de rivalizar, apenas manifestar a natureza social do prazer, pois só o lazer é social e mostra-nos a verdade da fruição que poderia ser neutra, após a retirada de todo o imaginário. Por trás do texto, segundo ele, não há ninguém ativo, no caso o escritor, e, diante dele, ninguém passivo, que seria o leitor.

Segundo Barthes (2019), o prazer do texto não é triunfante, heroico, musculoso e não precisa ser flexionado. Ele pode ser ligado à fruição ou opor-se a ela. Para que um texto provoque prazer, tem que se observar que esse deleite não é simples, nem coletivo, também

não é um elemento do texto, pressupõe-se aqui uma produção indireta. Ele faz a seguinte exposição sobre o texto aludindo ao seu prazer:

O texto é um objeto fetiche e *esse fetiche me deseja*. O texto me escolheu, através de toda uma disposição de telas invisíveis, de chicanas seletivas: o vocabulário, as referências, a legibilidade etc.; e, perdido no meio do texto (não *atrás* dele ao modo de um deus de maquinaria) há sempre o outro, o autor. (BARTHES, 2019, p.35)

A ideia principal transmitida pelo escritor é de que não há um sentido correto, uma melhor interpretação sobre o prazer que vem da leitura, e, principalmente, que a voz do autor não é determinante para classificar ou caracterizá-lo. Afinal, o que diferencia a interpretação do autor e do leitor sobre esse lado prazeroso? Observamos que existe uma argumentação de que a leitura é um investimento erótico, no qual existe uma certa lógica predeterminada, que tem a capacidade de nos afetar, seja pela confirmação ou contradição de ideias e experiências.

Barthes (2019) baseia-se em ensinamentos do Estruturalismo, trazendo uma exposição da influência de Saussure em seu trabalho, e destaca uma importante oposição ou dicotomia para a teoria literária: O “prazer”, que segundo ele seria uma espécie de confirmação ou legitimação da experiência do leitor, e a “fruição” como uma desestabilização do leitor, uma retirada dele de sua zona de conforto. Assim, algumas vezes, a literatura confirmaria a experiência do leitor, confirmaria suas expectativas etc., o que não considerariamos uma experiência positiva. Outras vezes, a literatura exerceria um papel de contrariar, de apresentar ao leitor algo fora de sua percepção, que até trouxesse um certo desconforto, se acaso pudesse descrever como uma experiência empática. Escrever para obtenção ou para encontrar prazer não assegura a chegada desse ao leitor; é preciso que haja um espaço de fruição. E a escritura é a ciência das fruições da linguagem, é a porta de acesso ao imaginário e ao ideológico.

O prazer pela leitura é algo que pode ser conquistado a partir de práticas cotidianas, que melhor seriam aproveitadas pelas crianças se vivenciadas desde os primeiros anos de vida. A contribuição realizada pela família é de suma importância, porque o primeiro momento de incentivo ao contato com o livro deve vir de casa e tem que acontecer de forma a proporcionar prazer e alegria; por esse motivo, a afetividade existente nessas relações é muito valiosa.

Não é possível trazer a fascinação da leitura para os alunos com as mesmas propostas ultrapassadas ou, simplesmente, obrigá-los a uma leitura maçante, cansativa e totalmente sem sentido para ele. Quando o professor trabalha com variedade, ele consegue incentivar o discente, pois o incentiva por meio da ampliação de possibilidades ou variedades literárias, ou

seja, mais títulos a sua escolha. Dessa forma, o estudante não se sentirá obrigado a realizar uma tarefa que para ele é entediante.

Promover encontros literários deve ser uma ação contínua do professor, os quais poderão ser em sala ou, principalmente, na biblioteca escolar, fazendo com que o leitor juvenil tenha um contato contínuo com o acervo desse espaço, usufruindo frequentemente de momentos de leituras compartilhadas, que podem ser muito favoráveis e estimulantes às trocas de indicações de leitura. O papel que o professor deverá exercer é o de mediar e observar, trazendo para as crianças incentivo e estímulo com o intuito de promover a participação e informações. Dessa forma, é interessante a promoção de círculos de leitura, em que, cada leitor tenha a oportunidade de trazer, nesses encontros, o livro lido e apreciado para incentivar sua leitura, fazendo uma breve explanação, para aguçar e despertar a curiosidade de seus colegas, motivando-lhes a realização da mesma leitura.

Onde se encontra o prazer do texto? Onde se encontra o seu poder de seduzir? Alves (2004) responde a essas indagações quando compara todo texto com uma partitura musical, em que as palavras são como as notas e quem lê é um artista, se for capaz de dominar a técnica, de deslizar as palavras, se se deixa possuir pelo texto para que a beleza aconteça. E ele completa: “E o texto apossa-se do corpo de quem ouve. Mas se aquele que lê não domina a técnica, se luta com as palavras, se não desliza sobre elas – a leitura não produz prazer: queremos logo que ela acabe.” (ALVES, 2004, p.2).

O escritor compara o professor que lê com prazer para seus alunos com um artista, pois quem deveria ler é aquele que tem um grande envolvimento com o texto que está lendo. Alves (2004) defende a ideia de que em toda escola deveria haver uma prática que ele intitula “concertos de leitura”. Para ele, se existia todo tipo de concertos musicais, deveriam ser criados os concertos de leitura. Sua afirmação era que, ouvindo, os alunos experimentaríamos os prazeres da leitura. Ele acreditava que quem fosse atingido pela leitura seria impossível esquecê-la. Da mesma maneira, sua comparação da leitura é feita como uma droga perigosa que vicia. Relata sobre o motivo de os jovens não terem culpa de não gostarem de ler, uma vez que, segundo ele, esses moços foram forçados a aprender tantas coisas sobre os textos, tanto no campo morfológico quanto gramatical, que não houve tempo para serem iniciados na única coisa importante: a beleza musical do texto literário, pois lhes foi ensinada a anatomia morta do texto e não a sua erótica viva.

Comprovamos tudo o que foi elencado por Alves (2004) quando fazemos uma análise sobre os diversos motivos que determinam as distâncias livro/leitor no Brasil. De acordo com o postulado por Araujo (2006), tais fundamentos têm por base a ausência de uma política

eficaz e independente do Estado-Governo. O autor cita diversos motivos que provocam esse distanciamento, tais como: previsíveis equívocos das iniciações leitoras, desmobilização dos equipamentos escolares em promover a leitura como um bem social, estágio do livro na escala de valores da sociedade e da tradição cultural, baixo poder aquisitivo resultante de desequilíbrios conjunturais da composição sociocultural do nosso povo, massiva presença de equipamentos eletrônicos de comunicação rápida e direta como a TV, o vídeo, o computador, ineficiência dos meios de comunicação de massa na divulgação e promoção do livro nacional em proveito do estrangeiro, além da baixíssima frequência de bibliotecas públicas operosas e dinâmicas.

Embora o mundo seja basicamente formado por linguagens, tanto o adulto quanto a criança e os jovens brasileiros leem muito pouco. Talvez o maior motivo seja a presença de vários tipos de entretenimento em seus lares, tais como: a TV, *best-sellers* estrangeiros, a praia, os quadrinhos, os aplicativos da internet, leia-se principalmente Facebook, Instagram e whatsapp, que acabam por afastá-los do prazer da leitura oriunda de um bom livro.

Para Araujo (2006), o significado de ler é atribuir sentido às coisas do mundo, ter uma interação com elas, saber interpretá-las, poder pensar de forma argumentativa, estabelecendo diferenças vocais, intercambiando experiências e seguindo para o exercício da cidadania. O autor discorre sobre o ato de ler assegurando que “Espaço da invenção, a leitura comporta universo de significações, forma acervos pessoais de conhecimento e sabedoria, apreende sentidos ideológicos de prazer e de saber, de memória e símbolo.” (ARAUJO, 2006, p.20). Ele assegura programas de incentivo à leitura como sugestões para alterar a situação em que se encontram os jovens leitores em relação à sua prática tanto na escola quanto fora dela, pois são urgentes e indispensáveis na busca e veiculação de estratégias, possibilitando seu enaltecimento no ato de formar cidadãos, dando ênfase ao professor, enquanto agente que media e multiplica o ato de ler, visando os interesses sociais e coletivos.

Araujo (2006) dá ênfase ao processo de leiturizar a escola e promover sua significação no tocante ao seu processo formativo, em seu espaço de criação e construção de cidadãos leitores críticos. No tocante a esses programas, deve-se construí-los de forma a assegurar objetivos que possam proporcionar a emoção estética, a satisfação do espírito, sem restringir o campo de leitura de quem seja adulto ou criança, sem preconceito de ordem ou classificação. Para ele, a poesia, o texto dramático, a prosa de ficção, a letra da canção popular, a poesia popular, a poesia dita marginal, a literatura de cordel, a poesia virtual ou gráfica devem ter um espaço maior no processo da leitura na escola, pois trazem ao leitor encantamento, enquanto sua fruição estética, motora e comovedora do mundo sensível, que remete ao leitor de gestos,

palavras, sentenças, ideias e emoções, além do leitor que suplementa o texto, apreende sentidos ocultos, produz imagens, símbolos, impressões e expressões pessoais que trazem ao mundo real uma configuração que advém da Palavra, do Gesto, da Cor e do Som.

O ato de ler como esse autor tão bem descreve, não está limitado a iniciados ou eruditos, a estudiosos ou pesquisadores, professores de Letras, Pedagogia, História ou outras disciplinas das Ciências Humanas. Perpassa a todas essas esferas e amplia-se para todos os cidadãos independente da sua formação, etnia, padrão de vida social ou econômica. Todo tipo de conhecimento, incluindo a criatividade artística, a dimensão estética dos indivíduos, tudo está incluso e transita pelo ato de ler como prática social humanista, política e comunitária.

A leitura prazerosa, atravessa o mero decifrar de códigos escritos para ser um ato de ler o mundo, as pessoas, as coisas do universo das conquistas humanas. Todo tipo de texto é importante, desde a leitura de uma bula de remédios a um livro de Literatura, ou qualquer tipo de gênero ou tipologia textual. Para Araujo (2006), o texto escrito ultrapassa os limites do diálogo entre o leitor e a obra e desvenda outras percepções além de outros discursos. O prazer que a leitura traz não pode ter interferências ou guias, pois é um ato em que reina a escolha pessoal, livre e autônoma, advinda do gosto do leitor. Um livro carrega consigo a responsabilidade de recolher e preservar as memórias sociais, coletivas e individuais, dado que “O livro recolhe e preserva as memórias sociais, coletivas e individuais, estimulando e acirrando imaginações, franqueando e capacitando a identidade em cada um de nós.” (ARAUJO, 2006, p.22).

Dessarte, a leitura é tão importante quanto a escrita e ambas são, dessa forma, sujeitos e afirmação de vida porque são sujeitos e objetos da frequência do prazer, da fruição, do desejo de apreender e nos confirmar no gesto de existir. Quando não lemos, portamo-nos como surdos e, conseqüentemente, calamo-nos. O prazer do ato de ler está associado a desvendar o mundo e a nós mesmos. A generosidade do texto literário se faz presente porque nos ajuda a descobrir a multiplicidade de sentidos de nossa existência e do mundo que nos circunda e nos envolve, além de nos trazer a percepção de nossas angústias e limitações, embora o conhecimento de tudo que exista esteja além do que se encontra escrito nos livros. De acordo com Araujo (2006) sobre o prazer da leitura,

Ler, todavia, não é (só) consumir saberes, mas consumir sabores. É decurso e discurso, ruminação de princípios e afetividades, réstia de sol ante as sombras da amorfia, declaração de amor ao sujeito/objeto de nossos afetos (o livro e a leitura), no esforço de revisitação Kantiana à crítica da emoção leitora. (ARAUJO, 2006, p.24)

Para esse autor, “O espírito lúdico despertado pelo ato leitor fecunda em nós a construção saborosa de sabores e desejos” (ARAUJO, 2006, p.24). É importante salientar que essa construção vai ganhando espaço à medida que vamos ampliando nossa capacidade leitora. O ato de ler tem também a responsabilidade de liberar o outro em nós, pois somente a arte leitora consciente defende a liberdade dos indivíduos e o papel que o livro cumpre é o de ser transmissor de conhecimentos e de informação, sensibilizando-nos para uma melhor compreensão de tudo que nos cerca.

É importante atentarmos para o fato de que o livro não pode ser visto apenas como mais um produto de consumo, e que não há como desenvolver no aluno o prazer pela leitura baseado, unicamente, nas escolhas do professor. É fundamental dar condições para que o aluno escolha o livro que, para ele, é o ideal; e que através desse livro ele poderá realizar uma leitura prazerosa, que envolva, dentre outros aspectos, seus sentimentos e suas emoções. Nas inúmeras afirmações desse autor, “Ler representa osmose, quando nosso inconsciente dá saltos, desvelando em nós a competência de nos comover, de nos encantar e de rir, até de nós mesmos, de nossas fragilidades clandestinas” (ARAUJO, 2006, p.30).

O prazer literário advém dos encontros literários que incentivam e estimulam a descoberta dos sentidos que são despertados pelas emoções de nos transportar através da leitura de textos diversos que nos possibilita despertar memórias adormecidas, trazendo-nos a troca de sensações e experiências que se abrem para nós em forma de palestras, seminários, encontros literários, círculos de leitura, depoimentos, oficinas, contação de histórias, contos e cantos para envolver todas as pessoas em todas as idades.

Para Araujo (2006), nada no comportamento ou a forma de o homem agir é maior ou superior se se compara àqueles a quem são revelados a descoberta, a resolução, o desvendamento no ato de transpor seu processo de afetividade, seus valores morais e éticos. Nesse momento, percebemos a importância do livro como instrumento de eficácia, verdade e eficiência na tarefa temporária de destacar esses valores.

Há de se convir que a leitura propicia a nós momentos de partilha de sentimentos e emoções, destacando-se o de que ler amplia a visão que temos do mundo e de nós mesmos. Mesmo com todo aparato tecnológico com que somos bombardeados cotidianamente, ressalto que o livro supera tudo e mais, sendo reconhecido como nossa melhor companhia e que tem o dom de nos fazer perceber a nossa existência, enquanto seres humanos, como possibilidade de nos tornarmos melhores e maiores.

Quando buscamos o saber que a leitura nos propicia, fazemos uma reconstrução de nós mesmos. Nesse momento entra a percepção da alegria do conhecimento que um bom livro nos

traz. Nesse viés, vejo a grandeza da afirmação de Araujo (2006), quando diz que ler um livro literário é ler o mundo e rebelar-se contra o imobilismo. Eu acrescento que não apenas a leitura literária, mas qualquer livro que a leitura nos encante, seduza, nos desafie a refletir sobre o que lemos, se acrescentou e se trouxe alguma mudança para as nossas vidas, ou seja, se realmente o processo de ler trouxe para nós algum significado.

O leitor, durante o processo de leitura, é capaz de decodificar o mundo que se revela diante dele, que o convida a sair da inércia, a educar seus sentidos: olhar, ouvir, tocar, sentir. O leitor, quando é iniciante, torna-se aprendiz do processo de desvendar o que lê, de desejar o prazer da leitura que Barthes (2019) cita em seu livro “O prazer do texto”; mas, para que isso aconteça, ele precisa educar-se para o prazer que um bom texto traz.

Araujo (2006) opina sobre a significação do ato de ler que, para ele, perpassa o mero decodificar para que nos exercitemos em uma ginástica espiritual e psicológica que absorva a frequência de outros signos. Quando ampliamos nossa capacidade leitora, fazemos, também, o exercício da educação de nossos sentidos. Então, esse autor comunga do pensamento de que:

Ler é desvelar nossos sonhos mais requintados, os sonhos mais escondidos em nosso inconsciente, fazer desabrochar todos os sonhos e fantasias e brigar pela pertinácia desses sonhos. É inverter a norma tradicional de que vivemos em função da pragmática contemporânea. (ARAUJO, 2006, p.58)

Também, segundo o que ele postula, tudo pode ser facilitado pela atividade leitora e o ato de ler torna-se plural na captação de sentidos ocultos do que se lê, pois o indivíduo leitor percebe-se capaz de ler nas entrelinhas, ou seja, para bem mais além do que foi escrito. Pode-se ouvir e tocar o outro com o que existe para além da compreensão do que há no texto. A leitura é vista como uma coisa positiva, como uma ação que faz com que se atinja maior grau de evolução, de crescimento das pessoas e a indagação que surge dessa reflexão é: Se todo esse processo é tão satisfatório, por que não envolver mais e mais indivíduos nesse processo?

O saber não deve ficar limitado às escolas, às academias e às universidades, pois, dessa forma, ele ficaria enclausurado e não teria um propósito. Ele deve ser disseminado, socializado para que seus efeitos sejam multiplicados. Um desafio muito grande, hoje, nas escolas brasileiras, é a formação de alunos leitores que se tornem críticos e mais perceptivos do que acontece a sua volta. Quando o estudante lê, ele torna-se outro, ou libera o outro que se encontra internalizado nele.

A leitura deve ser vista como compromisso contra a desumanização, como alimento para manter nosso cérebro vivo e bastante lúcido, para que não caiamos no ostracismo cultural

e não nos conformemos com o presente século, como nos diz o apóstolo Paulo, nas Sagradas Escrituras, mas que possamos modificá-lo pelo conhecimento e interação social que a leitura traz quando somos encantados pelo seu jogo de sedução que culmina em um prazer indescritível. Saber ler e compreender o que lemos faz parte de um processo da ação humana que se torna mais e mais significativa à medida que a leitura seja transformada em algo prazeroso que traz a sensação de completude, ao mesmo tempo que nos deixa com um gostinho de quero mais.

A escola deve ser um local em que a leitura ocupe destaque e que o bem do ler possa ser privilegiado como o pão do espírito, segundo postula Araujo (2006). O autor vai mais além quando confirma esse privilégio com a criança em circulação com os textos literários, bem como, com o texto à mão, sem restrições ou limites. Para ele, o objetivo precípua da leitura é que o texto possa ser trabalhado, destacando a competência da descoberta dos códigos escritos vistos como desejáveis, material de divertimento e, também, de sonho; que a leitura seja leve e solta, para toda vida. Segundo ele, a leitura, quando realizada, transforma-nos em outra pessoa, ou libera a pessoa que há em nós. E, quando trabalhamos o aluno, não significa que deveremos transformá-lo um escritor, mas em um leitor crítico, atento e vigilante que saiba manusear as inconstâncias do uso do idioma, da nossa língua.

É interessante destacar sobre o que comenta Araujo (2006) sobre a linguagem literária, a qual, para ele, pode acionar o universo mental e o imaginário, os quais não devem estar distantes de qualquer classe social ou escolar. Ele ainda discorre sobre outro aspecto interessante que deve ser considerado, que é a desenvoltura de histórias volantes, da oralidade como representação e constituição do leitor com o prazer. O autor prossegue, em seu comentário, ressaltando a linguagem como representação e símbolo, etapas e compromisso na formação de indivíduos leitores em práticas sociais, objetivando e visualizando o aspecto coletivo. Segundo o autor:

[...] Preciso, imprescindível mesmo é leiturizar a escola, ou mediante avaliações bimestrais com livro a cada bimestre, os fatos da língua, linguagem, gramática, vistos a partir do texto e suas implicações com o leitor. O que forma leitores não será um mecanismo padronizado de inversão: os livros servindo aos conteúdos pragmáticos. O que forma leitores são ritmo e constância do ler, balizando-os à formação de um gosto, à fruição estética, ao prazer como educação de sentidos. [...] (ARAUJO, 2006, p.72)

De acordo com o que é reiterado pelo autor, na maioria das vezes, a responsabilidade pelo desencanto do aluno em relação à leitura é o fato de ela dissociar-se da formação do leitor com uma espécie de exagero de técnicas que se reúnem em proveito de conteúdos

gramaticais, os quais, em sua maioria, são obsoletos e improfícuos, não contribuindo para o desenvolvimento dos alunos, visto que não se leva em consideração o que a leitura do texto pode trazer de relevância para o aluno. Infelizmente, a escola consegue intimidar e inibir o docente por sempre querer impor regras, mas esse indivíduo traz consigo uma história de leiturização bem antes de sua vinda a essa instituição. Mesmo quando ele diz que não lê, de alguma forma, em algum momento, teve contato com o ato de ler.

O prazer que traz a leitura está associado com a busca e o encontro com esse deleite que a mesma nos proporciona. Quanto mais contato temos com textos de diversos gêneros e tipos, mais nos defrontamos com um mundo novo que se revela a nós de uma forma que nos encanta e nos prende, que nos seduz e nos transforma. Ao mergulharmos no universo dos livros e as leituras que eles nos proporcionam, já não somos mais os mesmos, somos transformados e nos tornamos mais capazes de ver, refletir e interpretar a realidade dentro do mundo que nos cerca. É esse acontecimento que nos revela e nos transporta ao prazer literário, pois, quando realizamos a leitura de um texto, aventuramo-nos em um universo de inúmeros regozijos e satisfação.

Passemos, agora, para a descrição da nossa proposta de nosso projeto pedagógico, o qual está direcionado ao processo de leitura tendo como ambiente físico a biblioteca da escola.

3.1 DESCRIÇÃO DA PROPOSTA DO PROJETO PEDAGÓGICO NA ESCOLA

Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever - inclusive a sua própria história.

(Bill Gates)

Nosso projeto pedagógico, como foi comentado anteriormente, está voltado para a prática do letramento literário, tendo como embasamento os círculos de leitura literária propostos por Cosson (2019) e buscando reativar a biblioteca escolar o que fortalecerá nossas ações e metodologia que buscaremos aplicar. Este trabalho, a princípio visto como pesquisa-ação, neste momento, por circunstâncias maiores, tem caráter propositivo, mas poderá ser aplicado em qualquer tempo, em qualquer escola dada a sua natureza atemporal. Enfatizamos que reativar a biblioteca de uma escola não é tarefa tão fácil como alguns podem cogitar. Requer planejamento, estratégias, autorização das pessoas que fazem parte da direção e

coordenação, e, principalmente, envolvimento dos principais sujeitos envolvidos que são os alunos.

Assim que o projeto pedagógico for apresentado, começa a elaboração de um cronograma para que as ações aconteçam de forma organizada e no tempo previsto. Isso requer, de todos os envolvidos, comprometimento e destreza. A campanha para arrecadar livros para contemplar a biblioteca com um acervo maior, mais completo e moderno deverá ser de grande valia para estimular os alunos a participarem dos círculos de leitura propostos para promover o letramento literário. Destacamos aqui a necessidade de toda a escola criar projetos de incentivo à leitura com o uso de métodos e recursos diversos que propiciem aos alunos um ambiente acolhedor e incentivador do letramento literário, que promova a leitura de forma mais eficaz, atuando na formação de leitores que gostem de ler, que interpretem o que leem, que mergulhem em um mundo de descobertas fantásticas que só a leitura pode proporcionar.

Por vivermos em um mundo globalizado, cujo processo da evolução das tecnologias se dá de forma acelerada, percebe-se uma enorme carência do hábito de ler, visto que, com esse aparato tecnológico, os jovens e as crianças acabam se identificando e possuindo muito mais familiaridade com esse meio do que com a leitura, o que influencia negativamente em seu crescimento intelectual, na apropriação de conhecimentos que só uma boa leitura pode proporcionar, além de provocar uma espécie de alienação, por assim dizer. O aluno, quando está diante de uma tela (um computador, um notebook, um tablet ou um smartphone, por exemplo), acaba sendo seduzido pela multiplicidade de aplicativos, vídeos, séries e inúmeros outros programas, abandonando quaisquer outras atividades, passando horas e horas fascinado por tudo que encontra ali. Mas, por outro lado, quando se trata do ato de ler, ele só faz, quando faz, por obrigação, na expectativa de conseguir alguma nota. O professor depara-se, então, diante de uma situação desanimadora, o que o leva a repensar toda a sua metodologia e estratégias de leitura para promover incentivo e estímulo para que esses educandos possam ser atraídos para a leitura.

É diante desse panorama atual que as bibliotecas tradicionais, repletas de obras de papel, podem intervir para propor uma alteração nesse quadro, promovendo momentos para o exercício da leitura e de discussões em grupo. Buscar investir em oficinas de leitura com os alunos é lhes oportunizar um direito que lhes é intransferível, mas, aparentemente, negado ao longo de muito tempo. Essa negação não se evidencia na falta de atividades propostas pelos professores, principalmente, os de Língua Portuguesa. O que ocorre, infelizmente, na quase totalidade das vezes, é que não são proporcionadas condições que possibilitem efetivar o

trabalho de leitura, colocando-a na concretização das ações propostas; uma leitura cuja avaliação não objetive atribuir pontos aos leitores, mas que os leve a decisões sobre como melhorar a sua formação literária e o seu desempenho na proficiência das atividades relacionadas à leitura.

Esta proposta que delineamos, intitulada *O letramento literário e a formação do leitor juvenil: um projeto de intervenção pedagógica no ensino fundamental II*, tem como objetivo primordial a formação de leitores proficientes e a reativação da biblioteca escolar. Esperamos que, em qualquer escola e em qualquer ocasião ou tempo que esta proposta pedagógica for colocada em prática, ela possa alcançar os resultados esperados.

Quando se objetiva a formação de leitores na escola, faz-se necessário assegurar mais do que simplesmente uma biblioteca e atividades literárias avaliativas com vistas para a avaliação quantitativa. O foco deve ser: criar condições para o convívio contínuo com obras e outros leitores; promover a leitura como uma ação de valor social, disponibilizando acervo de interesse adequado aos leitores que se deseja formar; adequar o tempo e o espaço para a realização da leitura, tornando, conseqüentemente, o ambiente um lugar favorável que proporcione estímulo e interesse aos alunos; possibilitar que haja tolerância por parte dos educadores em relação à superação de dificuldades apresentadas pelos alunos; e incentivar oportunidades para produzir sentidos e compartilhá-los participando dos encontros de leitura intitulados de círculos de leitura.

Em cada etapa serão incluídas ações de leitura para ajudar aos alunos a encontrar significação e sentido ao que irão ler.

3.1.1 Caracterização do espaço

O Colégio Luzia Silva encontra-se situado na Praça J.J. Seabra, município de Jaguaquara, no Sudoeste da Bahia. A unidade escolar foi a primeira residência da cidade quando era uma fazenda chamada Toca da Onça. A esposa do proprietário doou a casa para que as freiras carmelitas a transformassem numa escola. É uma instituição filantrópica que atende as redes municipal (Ensino Fundamental I) e estadual (Ensino Fundamental II). Tem em média 534 alunos distribuídos em 16 turmas nos turnos matutino e vespertino, só no Ensino Fundamental II. A unidade escolar possui 8 salas de aula, 06 banheiros, uma diretoria, uma secretaria, uma sala de professores, uma sala de vídeo, uma biblioteca, uma cozinha, uma quadra, um auditório e um pátio coberto. O corpo gestor do colégio é formado por um diretor geral, uma vice-diretora, uma secretária e dois auxiliares administrativos. Possui dezoito

professores, uma cozinheira, duas merendeiras, cinco auxiliares de serviços gerais e um porteiro.

3.1.2 Seleção dos sujeitos

Os sujeitos para a aplicação da pesquisa seriam os estudantes do 9º ano C do Ensino Fundamental II, do turno matutino do ano de 2020. Por não termos condições de aplicar a proposta, devido as implicações da pandemia, como fechamento das escolas, essa turma foi utilizada apenas como referência para o nosso trabalho. A turma é composta por trinta e seis estudantes com faixa etária entre 12 e 14 anos. A maior parte da turma utiliza o transporte escolar para chegar à escola. Muitos são beneficiários do Programa Bolsa-Família, embora haja na turma alunos que não se enquadrem nesse perfil.

Numa prévia observação da turma de 9º ano C, notamos que muitos alunos apontaram a leitura como algo importante, apesar de não terem essa prática no cotidiano. A maioria deles têm acesso à internet, contudo não a utilizam para fins pedagógicos, e sim, com o objetivo de entretenimento e diversão. Gostam de filmes, séries e de histórias em quadrinhos, chegam a comentar com bastante euforia, principalmente as séries que são os principais entretenimentos para eles. É uma turma bem dinâmica, curiosa e participativa e tem uma frequência escolar muito boa. A maioria demonstra interesse em aprender, mas apresenta bastante dificuldade na leitura. Alguns poucos aparecem com um ou outro livro paradidático que leem no intervalo e em casa. Estimular a leitura de forma prazerosa e consciente será um grande desafio, mas, utilizando os círculos de leitura propostos por Cosson (2019), com certeza, esta proposta atingirá o sucesso, propiciando, assim, a formação do leitor juvenil, independente do momento em que for colocada em ação.

3.1.3 Escolha do material

Como na biblioteca há uma pessoa responsável em cuidar do local, solicitaremos sua contribuição na seleção dos títulos disponíveis que possam ser emprestados, além de cada aluno contribuir com o empréstimo para os demais colegas de um exemplar que ele já tenha lido e possa deixar em uma caixa de livros que deixaremos em um canto reservado no local para fins de utilização nos círculos literários. Após fazermos a recolta dos livros doados, auxiliaremos a responsável pelo local na catalogação dessas novas aquisições.

3.1.4 Etapas da proposta do projeto pedagógico de intervenção

O desenvolvimento desta proposta de intervenção poderá ocorrer em tantas etapas quando se fizerem necessário. Nós fizemos um cálculo aproximado de 07 etapas, distribuídas em horas/aulas de acordo com o tempo dispendido nas atividades apresentadas. Em alguns momentos, pode-se ter de 02h/aulas, em outros 04h/aulas e a culminância do projeto poderá comportar 04h/aulas. Esta proposta poderá ser realizada na maior parte na biblioteca escolar e outras poderão ser feitas extraclasse com atividades individuais e em grupos a serem realizadas pelos alunos, conforme descrição a seguir.

3.1.4.1 Etapas do projeto pedagógico

Etapa I: Apresentando a proposta.

Duração: 02 aulas.

Materiais: Projetor de mídia, painel ilustrado, folder do projeto, cartolinas, pincéis atômicos coloridos, cola, tesoura, imagens, papel ofício colorido, canetinhas coloridas etc.

Objetivo: Sensibilizar os alunos acerca da proposta de intervenção.

Os estudantes poderão ser dispostos em um grande círculo para facilitar a conversação e garantir a participação de todos os envolvidos. Em seguida, faremos a distribuição do folder ilustrativo com algumas etapas da proposta (o painel já-estará fixado na sala). A capa do folder terá uma imagem da biblioteca da escola. A organização da proposta de intervenção, nas páginas do folder, será assim distribuída: visita à biblioteca local para conhecimento de seu acervo literário e entrevista com a funcionária da escola que ocupa a função de bibliotecária; e proposta de reativação da biblioteca pelos alunos por meio de uma campanha de doação de livros para ampliação do acervo acadêmico, que deverá ser bem enfática para despertar o interesse deles. Por meio do projetor de mídias, mostraremos imagens da biblioteca com seu mobiliário disponível para a leitura, os livros dispostos nas estantes e destacaremos as obras mais procuradas, bem como as aquisições recentes. Depois de vermos as imagens projetadas da biblioteca, solicitaremos que, organizados em equipes, façam cartazes ou painéis ilustrados, os quais serão dispostos nas áreas da escola, convidando a comunidade escolar para participar do projeto de reativação da biblioteca e doação de livros novos e/ou usados para ampliar o acervo dela.

Ao fazermos a captação dos livros doados, estimularemos os alunos para que colaborem com a bibliotecária no preenchimento das fichas de livros do acervo com os exemplares que já estarão na posse deles. Essa catalogação poderá ser realizada com sugestões elaboradas pela turma.

Um detalhe importante é que o projeto de intervenção poderá ser, em grande parte, realizado na biblioteca escolar para que seja efetivamente realizada sua reativação. Deveremos solicitar que a turma se organize em equipes para a criação de panfletos e cartazes para divulgação das atividades que serão realizadas. Nesses panfletos e cartazes, deverão ser constadas as seguintes informações: propósito da campanha, os organizadores da mesma e a data da coleta.

Etapa II: Planejando a campanha da coleta de livros.

Duração: 04 aulas.

Materiais: Projetor de mídia, caderno e caneta.

Objetivos: Envolver os alunos na campanha de aquisição de volumes para ampliar o acervo da biblioteca escolar.

Nesta sequência, a turma deverá ser dividida. Como a média de alunos nas salas de aula do Ensino Fundamental II é de 36 alunos, poderemos dividi-los em nove equipes de quatro integrantes para que possam elaborar, criar, confeccionar e divulgar a campanha em toda a escola, fazendo a distribuição dos panfletos e cartazes criados e confeccionados por eles para maior divulgação. É imprescindível que se realize uma orientação prévia, em relação ao texto que deverá ser colocado nos folders e cartazes, para que o façam de modo a persuadir a comunidade escolar a contribuir com a doação de livros para a ampliação do acervo da biblioteca.

Em seguida, proporemos aos estudantes que reforcem a campanha em todas as salas de aula por meio da propaganda escrita disposta no material que será exposto e entregue em toda a escola, além de criarem uma forma lúdica de apresentar o projeto na entrega dos folders que poderá ser uma declamação de poesias ou até mesmo uma pequena apresentação para estimular aos colegas de outras salas para que participem.

Esta campanha de doação de livros deverá ser, em seguida, divulgada entre pais e amigos da comunidade escolar, por meio dos panfletos que forem confeccionados e que serão distribuídos pelas equipes que foram organizadas em sala.

Etapa III: Prosseguindo a trajetória: coleta dos livros solicitados.

Duração: 02 aulas.

Materiais: Livros paradidáticos.

Objetivo: Coletar os livros doados pelos pais e amigos da comunidade escolar para ampliar o acervo da biblioteca escolar e, ao mesmo tempo, despertar no educando um maior estímulo para diversas leituras, ampliando de forma significativa sua noção de mundo.

Nesta sequência, os alunos deverão incumbir-se da tarefa de passar pela comunidade escolar para coletar os livros que serão doados para a nossa biblioteca e, em seguida à coleta, farão a catalogação dos exemplares recebidos para organizá-los de forma adequada, segundo os padrões adotados pela escola. Este trabalho de catalogar deve ser feito minuciosamente com a orientação da bibliotecária e supervisão da professora. Os alunos observarão se o que escreveram está de acordo com as informações contidas nos livros tais como as que constam na capa, nos textos de apresentação das orelhas ou contracapa. Eis aí uma tarefa que pode motivá-los na escolha da obra que será lida por eles.

Etapa IV: A escolha ...

Duração: 03 aulas.

Materiais: Livros didáticos, caderno e caneta.

Objetivo: Propiciar ao educando o contato com vários títulos e, simultaneamente, estimulá-lo a optar por um livro de sua preferência para realizar sua leitura, dando o pontapé inicial para o letramento literário.

Todos os alunos deverão encontrar-se dispostos no espaço da biblioteca, tendo um tempo reservado para manipular os livros e escolher as obras que serão lidas de acordo com a sua preferência do aluno. A professora poderá tecer comentários sobre as obras dispostas ali para ajudá-los nas escolhas. Em seguida, eles preencherão a ficha de empréstimo disponível com a bibliotecária, e, ao mesmo tempo, preencherão uma lista de presença acrescentando a obra escolhida. Após esse momento, será dado um tempo para que iniciem suas leituras. Ficará estabelecido um cronograma de encontros semanais, dos Círculos de Leitura, para que os alunos possam compartilhar suas experiências, suas inferências, trocar ideias, ouvir sugestões, discutir o que for relevante nos capítulos lidos, destacando os trechos e/ou textos selecionados por eles para apresentar aos colegas. No final da atividade, será enfatizada a

necessidade de se cumprir o cronograma estabelecido, e, principalmente, aprofundar-se nas leituras dos livros escolhidos para posteriores discussões.

Etapas V: Viajando no diário de leitura: Impressões sobre a obra lida.

Duração: 04 aulas

Materiais: Livros paradidáticos, caderno para anotações, canetas.

Objetivo: Promover o registro oral da obra lida, tecendo comentários sobre a leitura realizada.

Em seguida, deverá ser feito um breve resumo e considerações sobre o que foi lido com o propósito de chamar a atenção para as características da obra escolhida como um ato interpretativo e interno seu, além de ser uma ação social.

Lembrando que, a cada encontro do Círculo de leitura, nossa incumbência é aprofundar as considerações tecidas pelos alunos leitores como interpretação das obras lidas, a construção de sentidos que ele dará ao texto, por meio de uma perspectiva envolvendo o diálogo entre os sujeitos (autor, leitor e comunidade) no processo de leitura, e o que ela trouxe de contribuições significativas para a turma tais como: se a história contribuiu de alguma forma para seu crescimento enquanto ser humano, a qual experiência de vida a história pode ser relacionada, se ele se identifica com algum personagem e se gostaria de tê-lo conhecido; comparação de personagens com o próprio leitor ou alguém conhecido dele, se o que foi lido provocou alguma emoção ou sentimento nele, o que pôde destacar que o ajudou em alguma situação, se em algum momento ele sentiu vontade de excluir alguma ação ou personagem ou modificar algum elemento presente no texto. Todas as observações devem demonstrar a sua evolução no decorrer desse processo de letramento literário, por meio de suas inferências, pois poderemos perceber que o leitor e o texto existem dentro de uma comunidade interpretativa, na qual existem convenções.

Deverão perceber, também, que nossas leituras são construídas dentro do jogo de forças de uma comunidade e que é por meio da participação nessa comunidade que nos constituímos como leitores, segundo cita Cosson (2019).

VI: E a viagem continua...

Duração: 04 aulas.

Materiais: livros paradidáticos, caderno para anotações, canetas.

Objetivo: Descrever suas experiências com a obra lida e tecer comentários sobre suas impressões sobre ela, ressaltando de que forma ela contribuiu para sua formação de leitor literário.

Nesta sequência, o aluno estará mais seguro com sua leitura para contextualizá-la, pois aprofundou-se mais no texto, encontrando-se apto para dialogar com mais aprofundamento sobre a obra selecionada. A partir deste momento, eles externalizarão suas inferências sobre a leitura realizada com mais ênfase e as apresentarão em sua plenitude, o que, certamente, provocará em seus colegas ouvintes o desejo de também realizar a leitura daquela obra ali apresentada. Esse momento será enriquecedor, pois o aluno poderá transmitir as sensações que teve ao ler o livro, ressaltando aspectos positivos ou negativos, dependendo do seu ponto de vista. Haverá a oportunidade para uma reflexão sobre esta leitura de forma explícita, permitindo, assim, uma maior interação entre o leitor e seus interlocutores, estimulando o diálogo entre todos os leitores da comunidade escolar, nesse momento de partilha de conhecimento e impressões sobre o que foi lido. Como é um momento de troca de experiências, todos os colegas poderão interagir para indagar, questionar, criticar, opinar e acrescentar alguma opinião ou ponto de vista sobre a apresentação da obra pelo aluno leitor.

Eis o momento das considerações finais no Círculo de Leitura! Hora de demonstrar o que foi aprendido por meio da leitura realizada a cada capítulo do livro escolhido. Cada aluno redigirá uma sinopse e uma resenha sobre a obra escolhida, em seguida confeccionará um cartaz criado por ele, retratando a capa do livro e redigindo uma propaganda, convidando os colegas à leitura desse livro. Depois de apresentar a sinopse do livro, comentá-lo, ler a resenha e apresentar o cartaz, eles farão o aprofundamento de suas leituras em pequenos grupos, observando o que elas têm em comum e como chegaram àquela descoberta, fazendo um registro de interpretação e compreensão do que foi lido.

Por fim, todos colocarão seus cartazes num varal disposto na biblioteca para socializar com toda a comunidade escolar, ressaltando, mais uma vez, a importância do ato de ler.

As resenhas serão impressas, transformadas em um portfólio depois de corrigidas, e ficarão à disposição da biblioteca para eventuais consultas sobre as obras ali apresentadas.

Etapa VII: Chegando ao fim da viagem.

Duração: 04 aulas.

Material: cartazes, imagens, faixa, microfones, livros paradidáticos, caixa de som, projetor multimídia, pendrive.

Objetivo: Finalizar o Círculo de Leitura apresentando um pequeno texto com suas impressões finais, comentários e pequena propaganda salientando e representando as qualidades da leitura das obras escolhidas por eles, significado que ela trouxe para sua vida.

Este momento é reservado para a avaliação da evolução leitora do aluno desde o início até este momento da culminância: de que forma ele desenvolveu o hábito da leitura diária, como interpreta o que foi lido, se houve ampliação de sua capacidade leitora e do entendimento dos textos que leu durante esse percurso; se realmente ele tornou-se um leitor literário (objetivo primordial de nosso projeto); depois, fará seus comentários salientando a importância daquele ato de ler e do que foi compreendido por ele, e de que forma essa ação poderá impactar a sua, como também, a vida de seus colegas, por meio das suas considerações, salientando a importância dessa leitura em sua vida social e escolar. Nesta etapa, enfatizaremos o caráter formativo dos círculos de leitura, os quais proporcionam uma aprendizagem coletiva e colaborativa, fazendo com que o aluno amplie seu horizonte de leitor.

Nesta sequência, deve-se destacar que está chegando o momento da conclusão do Círculo de leitura que será realizado em nosso próximo encontro com a presença de toda a comunidade escolar, incluindo os pais e amigos da escola que, de forma gentil, colaboraram, doando livros para ampliar o acervo da biblioteca escolar. Faz-se agora as considerações finais sobre o projeto Círculo de leitura, a ampliação do acervo da biblioteca e sobre as leituras realizadas, destacando os aspectos positivos e negativos das atividades desempenhadas e os alunos apresentarão sugestões para aprimorá-las.

Para a culminância do projeto, a proposta é que seja realizado um “Encontro Literário” em que cada aluno apresentará um resumo de sua leitura em forma de resenha literária. Uma lista deverá ser elaborada com a ordem das apresentações. Cada aluno trará imagens para caracterizar sua obra, assim como os cartazes confeccionados anteriormente e as colocará em destaque no espaço da biblioteca para ornamentá-la. Convites serão confeccionados e distribuídos pela turma para toda a comunidade escolar e amigos da escola. Todos se vestirão com roupas que caracterizem o/a protagonista da obra lida para aprimorar o evento. Teremos um coquetel e fita decorativa para comemorar a reativação da biblioteca. Uma sugestão bem interessante é convidar alguém de prestígio na sociedade jaguaquarense, que poderá ser um ex-aluno ou um professor que já ensinou na escola (como sugestão) para cortar a fita que simbolizará a reabertura e reativação da biblioteca. O orador convidado poderá fazer um

breve discurso ressaltando a importância e o papel social que a leitura traz a vida de todos, agradecendo as doações dos livros e agradecendo aos colaboradores e organizadores do projeto de letramento literário, bem como, a presença de todos. Em seguida, inicia-se as apresentações com dois alunos de outra turma para serem os mestres de cerimônia. Nesse momento, teremos a apresentação final: a leitura das resenhas literárias produzidas pelos alunos leitores. Para encerrar as apresentações, promoveremos um sorteio de livros para todos que compareceram ao evento, para enfatizar a importância de colocar em prática um projeto de leitura em cada escola e biblioteca, compartilhando-o, e em seguida, convidá-los para desfrutarem do coquetel organizado pelos alunos da turma em agradecimento por contribuírem para a efetivação deste trabalho.

4 IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA ESCOLAR NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

*Oh! Bendito o que semeia Livros à mão cheia
E manda o povo pensar! O livro, caindo n'alma
É germe – que faz a palma, É chuva – que faz o
mar!*

(Castro Alves)

O quão importante é salientar a importância dos saberes elaborados socialmente que remetem ao exercício da cidadania. Em relação ao que projeta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), para que se exerça essa cidadania, os saberes estabelecem-se como práticas instrumentais no intuito de ampliar a socialização deles. Para que haja acessibilidade a esses conhecimentos, devemos observar a escola como o espaço que assegura elaboração e conhecimento, objetivando desenvolver no aluno habilidades que oportunizem a instrução e o entendimento das manifestações sociais e objetos culturais e educativos, bem como, a interferência nessas manifestações e o deleite ou utilização desses objetos.

Há, no espaço da biblioteca escolar, registros de diversas formas desses saberes: textos impressos, recursos audiovisuais, incluindo, também, informações dispostas de forma virtual, os quais devem estar à disposição da escola, pois eles compõem um amplo acervo que servirá para o aprofundamento de habilidades, aprendizagens e atos imprescindíveis para experimentar e aprender, familiarizando-se com esses meios em uma sociedade de conhecimento.

O ambiente da biblioteca escolar deve ser visto como um espaço privilegiado para acolher e preparar os alunos em suas práticas escolares em busca de informações e pesquisas que resultarão em aprendizagem e em sua inserção na sociedade. É lamentável o fato de muitas escolas não possuírem uma biblioteca, a qual constitui-se um espaço essencial de instrumentalização para o educando exercer a sua cidadania e ampliar o seu conhecimento.

A atividade que iremos realizar, denominada de Círculos de Leitura, deverá ser desenvolvida com muitos encontros no espaço bibliotecário para práticas de leituras diversas, para partilha de conhecimentos, troca de informações sobre os livros lidos, caracterização da leitura realizada, relato das impressões e resultados do processo. Faz-se importante de forma prévia, conhecer um pouco do gosto literário dos alunos por meio de indagações, conversa informal e observando no momento da escolha do livro que irá ler, buscar informações com

o bibliotecário ou pessoa responsável, quais livros literários constam do acervo da biblioteca escolar. Se o professor consegue transmitir entusiasmo pela leitura e incentivar os alunos a observar o acervo e manusear os livros ali dispostos, certamente eles demonstrarão interesse, o qual é um elemento essencial para uma aprendizagem bem-sucedida.

Segundo Kuhlthau (2002), não se constituem aspectos isolados do projeto pedagógico das escolas as habilidades no manuseio do acervo da biblioteca escolar e dos recursos informacionais que ela possui. Para ela, essas habilidades associadas com a leitura e a escrita formam um conjunto de competências que são aproveitadas para abarcar outros propósitos de prática e conhecimento. Ela ainda pontua que, quando conjuntos de aptidões são transmitidos isoladamente, é comum ocorrerem contratempos com o conhecimento. Conforme a autora pontua sobre o processo da leitura, “lemos para descobrir significados. Escrevemos para transmitir ideias. Utilizamos as habilidades de usar a biblioteca para localizar e interpretar informações que ampliam nosso conhecimento e nos permitem tomar decisões e fazer escolhas adequadas.” (KUHLETHAU, 2002, p.19).

Para que os Círculos de Leitura logrem êxito, o educador deve partir da concepção de que a biblioteca é um espaço acolhedor, trabalhando em conjunto com o profissional encarregado desse local na disposição dos móveis, na arrumação das estantes e do espaço, reservando o local em horários já preestabelecidos para que somente a turma que está realizando a atividade de leitura esteja no local, a fim de que não haja interrupção durante o processo das atividades que ali serão concretizadas.

É preciso que as habilidades de leitura iniciadas em sala e depois desenvolvidas na biblioteca encontrem, nesse espaço literário, um lugar para manifestação do processo de maturidade de aluno em sua interpretação textual. Esse momento de experiência com a leitura desenvolvida em um local cercado dos mais diversos livros trará o prazer pela leitura, pois a presença de muitos títulos despertará o estímulo e o gosto pelo ato contínuo de ler.

Expressar-se por meio da oralidade é um processo que demanda segurança em si próprio, mas, para que esse processo aconteça, o ambiente no qual ele ocorre deve ser estimulante à expressão das opiniões, dos pensamentos, sentimentos e impressões. Evidenciamos o entendimento ou compreensão como a primordial percepção da leitura, pois, para que encontremos a concepção e a importância do que está sendo lido, tem que haver assimilação do conteúdo da obra, do que o texto informa, do que ele traz de informação para o leitor. O que está escrito dialoga com a compreensão da leitura que ele faz?

No processo de leitura, um texto pode apresentar multissignificação e isso depende da ótica de quem o lê. De acordo com o que assevera Kuhlthau (2002), não se tem uma

interpretação única do texto, apenas um significado. Ela afirma que eles são construídos quando há o processo de esforço protagonizado pelo leitor, não somente pelo que se encontra escrito, mas, também, do conhecimento que ele tem e traz para o texto. No momento em que ocorre esse processo no espaço da biblioteca, o aluno pode e deve solicitar o apoio e suporte do professor em relação a essa multiplicidade de compreensão textual. Ele deverá compreender que, assim como ele, seus colegas têm sua própria forma de entender e interpretar o mesmo texto; vai depender do modo como ele consegue absorver essa leitura.

Durante a efetivação das etapas das sequências didáticas, é necessário que as atividades de leitura sejam planejadas com o intuito de estimular uma visão positiva do aluno-leitor em relação ao espaço da biblioteca e o acervo literário que ela contém. Dessa forma, é muito importante e indispensável que haja uma variedade de títulos à disposição do aluno, bem como haja a oportunidade de proporcionar-lhe um ambiente agradável, confortável, arejado e convidativo; um ambiente que o atraia e o encante.

Devemos aproveitar o ensejo da presença do educando na biblioteca para chamar sua atenção para o cuidado e zelo ao tomar os livros emprestados, conscientizando-lhe de que é um patrimônio de toda comunidade escolar e o seu dever é de zelar por eles e que as regras ou normas que existem para utilizar esse ambiente de leitura não são exigências inflexíveis, mas uma forma de manter a conservação do local, além de promover o respeito entre todos.

Obviamente, depois de lermos uma boa história, temos uma imensa vontade de compartilhá-la com todos. No momento em que isso ocorre, outros poderão ser estimulados, tentados a fazer o mesmo, proporcionando, conseqüentemente, que escutem, falem, troquem impressões, concordem ou discordem da opinião do colega ou do professor, sejam influenciados a realizar aquela leitura, afinal, somos seres curiosos e aquilo que não conhecemos, mas o outro, em seus comentários e opiniões positivas, instiga-nos, provoca uma certa “comichão literária”. Acreditamos que a opinião proferida entre eles pode desenvolver a consciência de que ler é fundamental para viver de forma consciente, aprendendo a ser diferente, e assim fazer a diferença na sociedade na qual está inserido, afinal, os livros são importantes e têm sentido.

Kuhlthau (2002) comenta sobre a necessidade de ter-se em mente o motivo pelo qual pode-se trazer competência à formação do leitor: a implicação de um processo de preparação, não o delimitando como apenas o ato de decodificar a escrita, mas incluindo a compreensão do que ele lê. A autora ressalta a importância de escolher livros que sejam provocadores ou sugestivos. Talvez, o motivo maior que acarreta desestímulo à leitura pelos leitores juvenis seja exatamente a falta de bons livros que atraiam sua atenção. Quando, ao ler algumas

páginas, eles perdem o interesse, não existe nada, nenhum tipo de incentivo, que o faça voltar àquele livro. Porém, quando ocorre o contrário, quando eles se sentem motivados e a leitura provoca ou estimula esse interesse, há uma maior compreensão do que está sendo lido, além de percebermos que, suas competências de leitura vão sendo ampliadas.

Em relação ao trabalho em conjunto da professora e o profissional encarregado da biblioteca, que pode ser um bibliotecário ou não, deve existir um programa da própria biblioteca que seja alinhado e integrado com os Círculos de Leitura, pois as obras que estão dispostas nesse espaço devem estar efetivamente relacionadas com o projeto de leitura desenvolvido pelo professor responsável por aquela turma, cujo início é em sala de aula, sendo, em seguida, desenvolvido na biblioteca. No início desse processo, o professor juntamente com o bibliotecário ou o profissional nomeado para essa tarefa deverão providenciar para que os alunos visualizem e conheçam as obras que estão disponibilizadas para a leitura, já pensando na campanha de arrecadação de livros na comunidade escolar.

Acreditamos que o ambiente da biblioteca escolar possibilite ao aluno mais facilidade em colocar em prática algumas ações, tais quais: recordar o que foi lido; transmitir de forma resumida, sintetizando as informações para que seu destinatário possa compreendê-lo mais claramente; parafrasear o texto ao apresentá-lo aos colegas, usando, dessa forma, suas próprias palavras sem ser apenas um indivíduo repetidor, e adicionando suas impressões pessoais; complementar a sua leitura com novas ideias ou reflexões. Enfatizamos, aqui, que, para que essas ações descritas ocorram com êxito, devem estar alinhadas ao interesse pessoal do aluno-leitor. A partir do momento que sondamos o que interessa ao aluno no âmbito da leitura, presumivelmente ele será atraído cada vez mais para o acervo da biblioteca e fará um rodízio de leituras, sendo capaz de, até mesmo, indicar os títulos das obras que ele mais gostou de ler e encorajar os outros colegas a lê-las também.

Salientamos que a biblioteca escolar é uma fonte de recursos literários e de informação, que pode se constituir como um espaço que oportunize aos alunos a fazerem uso de seu acervo e nele encontrarem significados, compreensão e crescimento intelectual, porque, nesse espaço, há um potencial muito grande para que ocorram ações voltadas para o campo pedagógico, principalmente, as que estão relacionadas com a leitura. Campello et al (2016) relata-nos que a biblioteca não é apenas mais do que um estoque de conhecimentos. Ela caracteriza-se ou constitui-se em espaço adequado para desenvolver nos alunos de forma mais concebível, como é o ambiente cultural da sociedade moderna.

Para que os indivíduos mais jovens tenham condições de viver em uma sociedade em constante transformações e mudanças, há a necessidade de um preparo que advém de

aprender a pensar de forma lógica e criativa, a argumentar, a deliberar sobre os problemas que advêm, a descobrir informações e saber como usá-las, e, o mais importante, a forma de se comunicar de forma ativa que faz parte de um processo de aprendizagem que vem das suas experiências pessoais, construídas por meio de seu próprio saber.

Essa mesma sociedade que vive em mutação exigirá desses indivíduos que adquiram competências pormenorizadas e particulares para poder resolver esses conhecimentos, que são intitulados como competência informacional, a qual designa a capacidade para saber encarar e trabalhar com a investigação, ou melhor, com a tecnologia da informação cujas referências são: computadores e redes eletrônicas. Essas habilidades ou competências são imprescindíveis na localização, interpretação, análise, avaliação, resumo, transmissão de conhecimento sendo ele adquirido em fontes eletrônicas ou impressas.

A competência informacional está, de forma intrínseca, ligada ao tema do letramento, principalmente quando se avalia que o indivíduo leitor, de forma talentosa e habitual, utiliza a informação. Nesse viés, a biblioteca escolar tem um papel de destaque e importância na criação e organização de programas pedagógicos que sejam suporte para que se estabeleça estruturas literárias para a efetivação do letramento escolar.

Em um espaço além da sala de aula, a biblioteca escolar oportuniza aos alunos localizarem, selecionarem e utilizarem informações disponíveis nos mais diferentes formatos: materiais impressos de vários tipos, recursos audiovisuais e eletrônicos, além de internet, exigindo do professor que ele se adeque a realidade e abandone a tendência das aulas somente de forma expositiva, cujo único ambiente seja limitado ao espaço no qual ele expõe seus conhecimentos, ou seja, a classe, como também o fato de ser o único detentor de conhecimentos que só podem ser transmitidos por ele, além de pensar que toda fonte de informação e conhecimento só pode advir do livro didático, o qual ele considera o único meio ou fonte de informação.

Para Campello et al (2016), o espaço que promove experiências criativas de uso de informação é a biblioteca escolar, a qual pode fazer parte do cotidiano do aluno. Segundo a autora, esse espaço se faz presente no processo de promover oportunidades de compreensão que deem ao estudante condições de aprender a aprender, dando-lhe anuência para que se eduque a vida inteira, pois a escola de forma exclusivista não pode ser apenas uma transmissora de conhecimentos, os quais, ao longo do tempo, vão ficando desatualizados antes do prazo do indivíduo finalizar seus estudos formais.

Quando há cooperação no tocante ao trabalho do professor e do profissional que cuida da biblioteca, de acordo com o que postula Campello et al (2016), o planejamento das ações

ou atividades que serão executadas nesse espaço deve levar em conta desafios e motivações para incentivar aos alunos, acompanhando-lhes os progressos, de forma orientada, guiando-os para que desenvolvam competências informacionais mais requintadas.

Essa autora destaca a importância de um bom trabalho realizado na biblioteca, pois esse local, segundo ela, reproduz, de forma positiva, o ambiente onde se desenvolve o processo informativo, o qual insere-se na sociedade contemporânea. Para Campello et al (2016):

Educar é uma tarefa complexa. Exige que todos os recursos e conhecimentos sejam mobilizados para se atingirem objetivos e metas definidas. Ao assumir seu papel pedagógico, a biblioteca pode participar de forma criativa do esforço de preparar o cidadão do século XXI. (CAMPELLO et al, 2016, p. 11)

Os profissionais da área educacional, tais como professores e bibliotecários, têm agora evidências concretas de que a biblioteca escolar pode fazer diferença na educação de crianças e jovens. Andrade (2016) cita a seguinte informação sobre pesquisa realizada pela Universidade de Denver, nos Estados Unidos, a qual mostra que: [...] estudantes de escolas que mantêm bons programas de bibliotecas aprendem mais e obtêm melhores resultados em testes padronizados do que alunos de escolas com bibliotecas deficientes. (ANDRADE, 2006, p.13).

Andrade (2016) comenta sobre essa pesquisa em que foi evidenciada a influência da biblioteca escolar na aprendizagem dos estudantes que deverá compor-se de: um bom programa de biblioteca, o qual conta com um profissional especializado e preparado; equipe de apoio treinada; acervo atualizado e constituído por diversos tipos de materiais informacionais; computadores conectados em rede e interligando os recursos da biblioteca às salas de aula e aos laboratórios. Vemos, então, que essa influência advinda da biblioteca escolar teve como fator resultante o melhor aproveitamento escolar dos estudantes, independentemente das características sociais e econômicas da comunidade na qual a escola estivesse situada.

Outros estados americanos como Alasca, Pensilvânia e Colorado tiveram êxito em desenvolver programas em suas bibliotecas escolares que asseguraram os melhores resultados aos alunos que frequentavam assiduamente esse espaço. A equipe dessas escolas desenvolvia programas de ensino de uso da biblioteca, trabalhavam em parceria com os professores, além de treiná-los na utilização desses programas. Somada a essas ações, os horários de funcionamento tornaram-se mais longos, relacionavam-se com as bibliotecas públicas e ofereciam acesso à internet. Outros fatores também foram preponderantes para que esse

sucesso fosse concretizado: o acréscimo de obras à sua coleção, adequando-as de forma a ampliar seu acervo e ao fato de o bibliotecário ter efetiva participação em reuniões pedagógicas, demonstrando que a biblioteca era valorizada e participava efusivamente da vida escolar.

Infelizmente, essa prática não faz parte da realidade das escolas brasileiras. A influência da biblioteca em nossas escolas é muito pequena se comparamos com o excelente resultado demonstrado nas bibliotecas americanas. Andrade (2016) nos informa sobre as avaliações conduzidas pelo Ministério da Educação (MEC) no âmbito do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), realizadas junto aos estabelecimentos de ensino públicos e particulares dos 27 estados brasileiros, nas quais a biblioteca não tem um enfoque profundo, embora apareça como um dos agentes que contribuíram para o bom desempenho dos alunos, observando-se seu acervo apresentava bom estado de conservação, e que, também, possuísse bons equipamentos.

Esses fatores, mencionados por Andrade (2016), levam os educadores brasileiros a refletirem sobre um bom trabalho que pode ser feito em relação ao sucesso dos nossos estudantes, levando-se em conta as práticas pedagógicas realizadas em conjunto com o profissional da biblioteca. Todo empenho deve ser realizado pelas instituições escolares para melhorar a qualidade da educação. A escola deve empenhar-se na mobilização de recursos para compor e ampliar o acervo bibliotecário, oferecendo suporte para que os alunos progridam em sua vida estudantil e alcancem bons resultados no tocante ao acesso ao conhecimento que irá proporcionar-lhes integração na sociedade e o seu bom desempenho como ser humano.

4.1 A INFLUÊNCIA DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) NA PROPOSTA PEDAGÓGICA DA BIBLIOTECA ESCOLAR

A leitura é uma fonte inegável de prazer, mas por incrível que pareça, a quase totalidade não sente esta sede.

(Carlos Drummond de Andrade)

Quando refletimos sobre o processo de leitura, sabemos que é um dos mais importantes meios que a sociedade possui para adquirir, processar e dominar o conhecimento dentre muitos outros instrumentos, como a escrita, a fala, o tato e o gesto. A todo momento, estamos sempre lendo, trocando impressões e sentidos com tudo o que nos rodeia, seja um

gesto, um texto escrito, um cartaz, um painel, uma placa, um fato ou até mesmo um acontecimento. O ato de ler é um ato complexo e múltiplo. Outrossim, pode envolver o pensamento e a linguagem, bem como outros aspectos que advêm do conhecimento do leitor, o qual possui a habilidade de interpretá-lo como uma prática social e interativa, pois todos esses aspectos funcionam através de um entrosamento entre o texto e o leitor.

A indicação da BNCC em relação às situações e vivências de interação literária é que elas permitam à criança compreender e constituir seu modo particular de agir, sentir e pensar, bem como permitir a descoberta de novos pontos de vistas, de percepção e respeito a diferenças. No que concerne à leitura e a transmissão do conhecimento, a BNCC relaciona a leitura como um dos “eixos organizadores” na área da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, demonstrando a sua comprovação como temática fundamental dessa área e como mecanismo para outros componentes curriculares.

Da maneira como a BNCC concebe, o eixo leitura tem sua atenção voltada para o desenvolvimento de habilidades de compreensão e interpretação de todo tipo de textos verbais e ainda reconhece os gêneros textuais, compreendendo-os como competências específicas da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental. Observamos nesse eixo, o da leitura, que a missão de ensinar a ler é levar o aluno tanto a reconhecer a importância das culturas do escrito como, também, a interpretar imagens imóveis e em movimento, que constituem muitos gêneros digitais. Em vista disso, tendo o propósito de desenvolver tais competências, converte-se em suma importância a obrigatoriedade de refletirmos sobre políticas públicas e programas de ensino que levam em consideração o ensino da compreensão leitora nos currículos nacionais, com qualidade e planejamento adequados no âmbito da formação de leitores proficientes e críticos, que possam atuar de forma satisfatória nas múltiplas áreas curricular.

Assim sendo, no contexto da BNCC (BRASIL, 2017), o que abrange o Eixo Leitura? Abrange as práticas de linguagem que advêm do entrosamento ativo do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: usufruto estético de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; garantir o requerimento de alguma coisa no âmbito de desempenho da vida pública; obter mais aprendizado que possibilite o progresso de projetos pessoais, dentre outras oportunidades (BRASIL, 2017).

A partir do momento em que realizamos a interpelação das práticas de leitura, estamos nos expressando não apenas às instruções ligadas ao ensino de habilidades iniciais de

decodização, mas, também, de compreensão e de interação do texto com o leitor (apreciação e réplica), depositadas em jogo na leitura de textos escritos, imagens fixas (foto, pintura, gráfico, diagrama) ou em movimento (vídeos) e som (música).

Destarte, a leitura de textos escritos, orais e multissemióticos determina uma forma de incessante aplicação, assim como a finalidade dos métodos literários, explorados pela BNCC em termos de dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão, tais como: reconstrução e reflexão sobre as condições de produção e recepção dos textos pertencentes a diferentes gêneros que circulam nas diferentes mídias e esferas/campos da atividade humana; conversa e relação entre textos; reconstrução da textualidade, recuperação e análise da organização textual, da progressão temática e estabelecimento de relações entre as partes do texto; reflexão crítica sobre as temáticas tratadas e validade das informações; compreensão dos efeitos de sentido provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos em textos pertencentes a gêneros diversos; estratégias e procedimentos de leitura; aquiescência às práticas de leitura.

Nesse viés, a BNCC tem como orientação o ensino das estratégias de leitura quando afirma que o estudante deve ser capaz de formular hipóteses antes mesmo da leitura dos textos; ativar seus conhecimentos prévios; testar essas hipóteses durante a leitura, participando ativamente da construção do sentido do texto. É a partir desse momento, do trajeto de edificar o processo de leitura, que conseguimos constatar o letramento literário como a oportunidade na qual se dá o desempenho da leitura como compreensão, reflexão e utilização de textos escritos e que é de suma importância no progresso da atuação social e ativa dos sujeitos. Percebemos, então, que daí vem a necessidade de um espaço escolar, que seja fora da sala de aula, que possa alinhar-se com esse processo, e a biblioteca torna-se o espaço reconhecidamente fundamental para o desenvolvimento de um programa de leitura de forma eficiente para o desenvolvimento de competências nos leitores que tenham o hábito da leitura por prazer, e não apenas de forma ocasional.

No espaço da biblioteca escolar, essas práticas, além de trazer o lúdico e prazeroso, podem ser associadas ao desempenho da aprendizagem do estudante, no sentido de a informação e seus registros permitirem ao sujeito o acesso democrático ao conhecimento, o que vai ajudá-lo na construção e compreensão de si mesmo e do outro. Dessa forma, não podemos ter a compreensão das bibliotecas como apenas espaços para controle de empréstimos e devoluções de livros. Elas devem ser espaços de descobertas, nos quais o entrosamento e a harmonização adequada às faixas etárias oportunizem ao educando a prática

da autossuficiência, do critério de coletividade e do respeito às diferenças, garantindo, assim, a conservação de relações sociais voltadas para a cultura da paz.

Campello et al (2016) ressalta a importância da biblioteca quando esse espaço se importa em catalogar diversos portadores de textos e busca constituir métodos imprescindíveis, os quais são capazes para a construção de leitores habilidosos, não apenas decodificando o código linguístico, mas, para além disso, devem ter a compreensão do que está sendo lido, buscando e procurando encontrar significação em suas leituras e que exercitem habilidades de intertextualidade. E a biblioteca é o repositório propício no qual se pode encontrar a influência que evidencie o gosto pela leitura.

Nesse espaço, poderá ser encontrado um rico acervo, bem estruturado, no qual os alunos podem reestruturar e ampliar modelos de aprendizagem que, na realidade, são insuficientes na construção de sua aprendizagem. A biblioteca estimula e incentiva ações mentais, devendo despertar problematizações, trazer habilidades para os educandos, nas quais eles podem perceber que, alguns conhecimentos prévios que trazem consigo, não são suficientes para explicar fenômenos ou passagens de textos que trazem outras significações, outras formas de letramento. Além de tudo isso que foi exposto sobre o papel desempenhado na biblioteca, ela também é vista por Campello et al (2016), da seguinte forma:

Como um estoque de conhecimentos, importante para que os alunos aprendam permanentemente e, nesse sentido, sua organização precisa ser entendida e os alunos devem estar cientes dos procedimentos normalmente utilizados no seu âmbito: empréstimo, organização dos materiais, seleção e uso de fontes diversas de informação. (CAMPELLO ET AL, 2016, p. 18)

No que tange ao exercício dessa prática, em relação aos livros e outros materiais, a biblioteca torna-se um excelente local para que a prática de cuidados e zelos no que concerne aos livros sejam exercidas, acrescentando, também, atitudes de respeito para com o patrimônio público. À medida que os alunos mais jovens amadurecem e internalizam o respeito para com o espaço da biblioteca escolar, futuramente, eles poderão aprender a respeitar todo o espaço compreendido como público de forma generalizada. A biblioteca escolar, sob a ótica da valorização e da preservação da cultura, questão esta que deve ser abordada, contribui para que essas ações ocorram quando estimula os educandos, por meio da compreensão do letramento literário, ao exercício da cidadania, preservando e valorizando os espaços onde são depositados e reunidos os saberes produzidos pela humanidade, sabendo, assim, utilizá-los de forma adequada.

A todo momento, enquanto educadores, preocupamo-nos em encontrar meios ou estratégias que se mostrem eficientes para que nos dediquemos ensinar a ler aos nossos alunos. A escola deve fazer parte desse processo, trabalhando com o desenvolvimento das competências de leitura e letramento, na expectativa de que o aluno, à medida que avance nesse processo, possa descobrir sentido no que lê. O crescimento do mercado infantojuvenil traz a esse público, o qual está sendo ampliado, inúmeras publicações à sua escolha.

Embora haja um esforço da escola e dos programas desenvolvidos pelas entidades governamentais no tocante ao estímulo à leitura, infelizmente, ainda não conseguiram o processo de converter o nosso jovem aluno em um leitor que compreende, interpreta e critica o que lê, o que o transforma em um escritor competente. Uma das inúmeras questões que abarca o processo de formação dos leitores está relacionada com o acesso ao livro e à leitura, e, atrela-se ao fato da existência de escolas e bibliotecas de qualidade, as quais estejam sob a direção ou comando de pessoas habilitadas, que os alunos possam alcançar ou acessar as boas fontes de informação.

O papel que a biblioteca escolar desempenha no processo de formação do leitor crítico deve ser reconsiderado, pois, de forma inexplicável, os princípios e as ações que promovem a leitura pressupõem que não importa o que se leia, o que deve ser considerado é simplesmente que o aluno lê. O aluno leitor deve ter qualquer livro para a leitura, entretanto, deve-se levar em conta o fato de que um dos objetivos da leitura é trazer deleite a quem lê, é desvendar os mistérios escondidos dentro das páginas de um livro, a viagem que se faz quando se mergulha profundamente em um texto, as provocações que estimulam a compreensão e desenvolvem habilidades de compreensão. Tudo isso faz parte da importância da leitura no processo educativo. É fato para pais e professores a relevância do prazer que a leitura proporciona para o aluno, o qual se encontra encantado, descobrindo que ler provoca essa sensação inédita, como comenta Carvalho (2016).

Enquanto profissionais imprescindíveis na formação do leitor, o bibliotecário e o professor, conforme assevera Carvalho (2016), são mediadores da leitura e, por desempenharem esse tão importante papel, devem eles próprios exercer a função de leitores críticos capazes de distinguir, no momento que selecionam e indicam livros para esse jovem público, a literatura boa e prazerosa, diferente daquela que a autora caracteriza como “encomendada”. Esses mediadores também devem estar preparados para o confronto sempre renovado com o aluno leitor por meio da literatura, sem exigir que o aluno compreenda o texto de forma equivocada ou mecânica e sem que haja, também, rigidez nas fórmulas, as quais indicam o tipo de leitura por idade.

A escola que cogita um investimento na leitura como ação cultural deve atentar-se para a dimensão de se ter uma biblioteca aberta, interativa, espaço livre para a expressão autêntica dos novos leitores. De acordo com o que postula Carvalho (2016), o espaço da biblioteca é um lugar onde deve-se ocorrer a gestão e prática da troca espontânea, a qual é proporcionada por meio da leitura crítica que também inquieta, que faz com que se pense e, ao mesmo tempo, se reelabore em um legítimo processo comunicativo que traga compensação para quem nele está inserido como: adultos e crianças, mediadores e leitores em processo de formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ingressar no Mestrado Profissional em Letras, o nosso intuito foi o acréscimo de aprendizado e permuta de conhecimento e experiências pedagógicas, além de procurar descobrir respostas para algumas inquietudes que nos assistiam em nosso cotidiano em sala de aula. Uma das maiores dessas angústias era a aflição com a prática leitora, enfatizando o desejo de criar estratégias para desenvolver habilidades de leitura em nossos alunos, tentar detectar qual seria o gênero textual com maior poder de atração e propínquo da realidade desses leitores infanto-juvenis. A partir dessas inquietudes, procuramos investigar como a utilização da biblioteca escolar poderia contribuir de forma significativa para o letramento literário de nossos estudantes leitores. Dessa maneira, buscamos resgatar a revitalização da biblioteca escolar a partir da construção de um projeto pedagógico, apresentado aqui no capítulo 3, o qual poderá favorecer nas práticas de letramentos e letramento literário na escola bem como do uso desse espaço no processo de ensino e aprendizagem na formação desse novo leitor, o qual, não somente, decodificará letras e símbolos, mas, também, ampliará seu universo literário por meio de uma leitura mais consciente, ampla e eficiente.

Nessa perspectiva, construímos uma proposta, o Círculo de Leitura, que é um projeto pedagógico cuja finalidade é estimular os alunos para que sejam atraídos para esse espaço escolar, a fim de desenvolverem atividades de leitura. Outro fator importante, que se agrega a tudo quanto exposto acima, diz respeito ao papel que a escola deve ter frente às ações pedagógicas no âmbito do ensino. O espaço escolar é, por excelência, um ambiente promotor da efetivação da aprendizagem e do desenvolvimento de habilidades de produção de textos (orais e escritos); logo, oportunizar e garantir meios adequados para proficiência dos estudantes para tais habilidades deve ser uma prática perene. Nesse âmbito, esta pesquisa proporcionou possibilidades de minimizar as dificuldades enfrentadas por muitos estudantes do Ensino Fundamental, apresentando uma proposta pedagógica a partir de uma sequência didática construída por um conjunto de atividades envolvendo círculos de leitura em uma turma de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II.

A nossa vivência no cotidiano escolar, principalmente no espaço sala de aula, demanda um esforço muito grande para a realização e concretização das práticas de leitura, pois, atreladas aos elementos que interferem em nosso trabalho, estão os obstáculos existentes em nossa prática pedagógica, tais como: resistência por parte dos alunos em atividades nas

quais configurem práticas leitoras, os dias sinalizados como feriados no calendário escolar, dias de pontos facultativos, baixa frequência dos alunos, entre outros. Todo esse processo dificulta nosso planejamento e praxes pedagógicas, tendo, como resultado, os prejuízos advindos e que desconstroem toda estratégia de planejamento realizada por nós para o desenvolvimento e realização de nosso propósito maior: o surgimento do aluno leitor proficiente, que poderia acontecer na biblioteca da escola, local favorável e propício. Embora existam esses obstáculos, acreditamos que, essa atividade de leitura, pode ser aplicada em qualquer escola e, certamente, terá uma boa recepção, envolvimento e empenho pelos educandos para realizá-las da melhor maneira possível.

Se atentarmos para a prática das oficinas literárias no espaço da biblioteca escolar, comprovaremos que esse espaço visa trazer estímulo, por meio de livros, revistas e diversos periódicos dispostos ali, atraindo a atenção do aluno e buscando despertar nele o desejo de tornar-se um aluno leitor. Nesse viés, a nossa proposta é de que, aproveitando esse espaço atrativo, conseqüentemente, os alunos se comprometeriam com a atividade propositiva. Esse comprometimento, que, de início, poderá não lograr êxito, deve ser pautado na persistência para a efetivação do desenvolvimento das habilidades de leitura em todos os nossos estudantes, estimulando-os a buscar o prazer que a leitura traz.

Acreditamos que essa proposta pedagógica vem confirmar e comprovar, assim, que a prática de círculos de leitura na biblioteca escolar oportuniza a frequência nesse espaço e o crescimento de volumes lidos pelos alunos, ampliando, conseqüentemente, o número deles que se sentem realizados enquanto leitores, tornando-se admiradores e praticantes das diversas formas de leitura. Por isso, apostamos, desde o início, em uma proposta pedagógica leitora de forma eficaz e pertinente à realidade da escola pública, como a que lecionamos, o Colégio Luzia Silva, no município de Jaguaquara, estado da Bahia, assim como qualquer escola que esteja disposta a implementá-la. As atividades propostas são proativas, de baixo custo, e possuem requisitos harmonizáveis com o tempo disponível em sala de aula e na biblioteca escolar, atentando para que haja desenvoltura dos alunos quando houver a realização das tarefas apresentadas. Refletindo sobre a proposta exposta desse modo, acreditamos que qualquer professora ou professor de Língua Portuguesa poderá aplicá-la com sucesso, sobretudo, se a mesma puder ser estendida e aperfeiçoada ao longo de todo o ano letivo.

Outrossim, este trabalho está alicerçado teoricamente na proposta de Letramento Literário, tendo como objetivo precípua promover a ressignificação e reativação da biblioteca local por meio de uma campanha que desencadeará em múltiplas ações que contribuam para a

formação do leitor literário e a reativação da biblioteca escolar, espaço que se encontra praticamente esquecido pela comunidade escolar. Enfatizamos, principalmente, a formação do leitor juvenil, objetivo precípuo deste trabalho, tendo como embasamento a discussão de vários autores que abordam a importância da leitura em uma perspectiva do Letramento Literário. É válido salientar que esta pesquisa faz uma releitura da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no que tange às competências de leitura em todos os aspectos nela observados e busca de ajustar-se de acordo com as habilidades cognitivas e socioemocionais imprescindíveis no processo de formação dos alunos do Ensino Fundamental.

Portanto, apesar dos empecilhos pertinentes ao desenvolvimento da execução de nosso trabalho, ele foi elaborado, acreditando que, esperançosamente, estejamos no caminho certo e que nossos alunos serão capazes de desenvolver habilidades de leitura mediante estratégias adequadas às suas realidades, contribuindo, dessa forma, para a mudança do triste índice de deficiência da leitura de nossos estudantes e aprontá-los para a completa inclusão na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves Abreu et al. **A biblioteca escolar**: Temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura Literária para crianças brasileiras: das fontes às margens. In: SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari. (Orgs.). **Leitura literária na escola**: reflexões e propostas na perspectiva do letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p.7-12.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura Literária: da teoria à prática social. In.: LIMA, Aldo de *et al.* **O Direito à Literatura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2014. p. 147-148.
- ALVES, Castro. **Obras Completas**. Organização Eugênio Gomes. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.
- ALVES, Rubem. **Lições do velho professor**. Porto: Edições Asa, 2004.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. São Paulo: Companhia das letras, 2012.
- ARAUJO, Jorge de Souza. **Letra, leitor, leituras**: reflexões. 2. ed. Itabuna/Ilhéus: Via Litterarum Editora, 2006.
- AZEVEDO, Ricardo. A didatização e a precária divisão de pessoas em faixas etárias: dois fatores no processo de (não) formação de leitores. In: PAIVA, A.; MARTINS, A.; PAULINO, G.; VERSIANI, Z. (Org). **Literatura e letramento**: suportes e interface, o jogo do livro. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAE/UFMG, 2003.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação. Brasília, 2017;
- BRASIL. Brasil no PISA 2015: análises e reflexões sobre o desempenho dos estudantes brasileiros. Ministério da Educação. Brasília, 2016.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.
- CAMPELLO, Bernadete Santos et al. **Biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- CÂNDIDO, Antônio. **Vários Escritos**: O direito à literatura. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COLOMER, T. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2019.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. **Leitura literária na escola: desafios e perspectivas de um leitor**. Salvador: EDUNEB, 2012.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE; Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita. (Orgs.). **Leitura de Literatura na escola**. São Paulo: Parábolas, 2013.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. Letramento literário no contexto escolar. *In*: GONÇALVES, Adair Vieira; PINHEIRO, Alexandra Santos (Org.) **Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente**. Campinas, SP: Mercados de Letras; Dourados, MS: Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, 2011, p. 321-348.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GATES, Bill. Frases de Bill Gates, fundador da Microsoft. Disponível em: <https://www.startse.com/noticia/educacao/veja-10-frases-de-bill-gates-fundador-da-microsoft-que-completa-40-anos>. Acesso em: 04

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: Teoria e Prática**. 8 ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para a pré-escola e ensino fundamental**. Tradução Bernades Santos Campello et al. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LOIS, Lena. **Teoria e prática na formação do leitor: Leitura e literatura na sala de aula**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MACHADO, Ana Maria. **Texturas: sobre leituras e escritos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

PAULINO, Graça. et al. Formação de leitores: a questão dos cânones literários. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v.17, n. 1, p. 47-62, 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=374/37417104>. Acesso em: 04/05/2020 às 16:58h.

PETIT, Michèle. **A arte de ler: como resistir à adversidade**. Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

PICARD, Michel. **La lecture comme jeu: essais sur la littérature**. Paris: Les Éditions Minuit, 1986.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escola: espaço para gostar de ler**. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

REZENDE, Neide Luzia de. O ensino de literatura e a leitura literária. *In*: DALVI, Maria Amélia; REZENDE; Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita. (Orgs.). **Leitura de Literatura na escola**. São Paulo: Parábolas, 2013. p. 99-112.

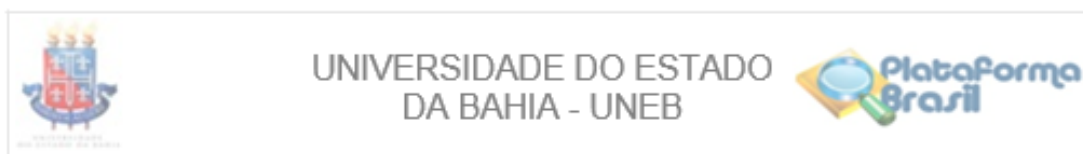
SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al. (Orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TINOCO, Robson Coelho. Percepção do mundo na sala de aula: leitura e literatura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Org.). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 135-151.

ZILBERMAN, R. Letramento literário: não ao texto, sim ao livro. In: PAIVA, A.; MARTINS, A.; PAULINO, G.; VERSIANI, Z. (Org). **Literatura e letramento: suportes e interfaces, o jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAE/UFMG, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. Via Atlântica, n. 14, dez. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>

ANEXOS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O LETRAMENTO LITERÁRIO E A FORMAÇÃO DO LEITOR JUVENIL: UM PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL II.

Pesquisador: GEIVA MANGABEIRA SAMPAIO ALVES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 32355020.2.0000.0057

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.074.751

Apresentação do Projeto:

O projeto intitula do O LETRAMENTO LITERÁRIO E A FORMAÇÃO DO LEITOR JUVENIL: UM PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL II, da pesquisadora GEIVA MANGABEIRA SAMPAIO ALVES, tem como objetivo estimular a prática da leitura e da escrita na sala de aula por meio da utilização de estratégias de ensino que possibilitem um trabalho interdisciplinar com várias áreas do conhecimento, a fim de promover o desenvolvimento de competências leitoras e produção escrita dos educandos. O trabalho focaliza a questão da leitura e produção textual no processo ensino-aprendizagem, no ato de construir a participação do educando, seu crescimento e desenvolvimento na sociedade em que vive. Uma das maneiras de desenvolver a prática da leitura e da escrita no processo ensino-aprendizagem será através do projeto de leitura e letramento literário, usando a biblioteca local, enfocando a necessidade de compreender, assimilar, internalizar e externalizar sua ampliação da leitura de mundo. A prática do letramento, além de contemplar todas as modalidades da Língua Portuguesa (oralidade, leitura e escrita), também pode criar este elo interdisciplinar, pois elas estão presentes tanto na vida escolar quanto no cotidiano do aluno.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Desenvolver a prática da leitura por meio do letramento literário pelos estudantes do Ensino

Endereço: Rua Sáveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

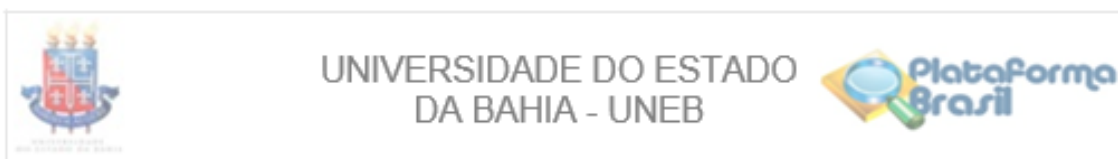
UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 4.074.751

Fundamental II, através da reativação da biblioteca escolar.

Objetivo Secundário:

Possibilitar aos alunos a realização de leituras na biblioteca do colégio tendo em vista a compreensão dos textos lidos para que possam usufruir e efetivar o processo humanizador da experiência literária.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios estão assim apresentados:

Riscos:

Considerando a dinâmica metodológica a ser aplicada, o estudo não oferece riscos para os estudantes que participarão da intervenção pedagógica, pois as atividades a serem desenvolvidas se efetivarão no ambiente da escola, com pleno acompanhamento da pesquisadora e cuidados exponenciais com os envolvidos na proposta de trabalho.

Benefícios:

O presente projeto tem por finalidade uma intervenção pedagógica, com desenvolvimento de uma sequência didática para trabalhar a prática da leitura de estudantes do 9º ano do ensino fundamental, da Colégio Estadual Luzia Silva, localizado na sede do município de Jaguaquara-Ba. Pretende-se, portanto, trabalhar com Círculos de Leitura ancorado na proposta de Cosson (2006). Para tanto, buscar-se-á a intensificação do desenvolvimento de atividades voltadas para a prática de leitura de estudantes de uma turma do 9º ano do ensino fundamental, oportunizando-os situações reais, a partir de práticas pedagógicas, que favoreçam a ampliação de competências para o letramento literário.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa com temática atual e relevante para o contexto educacional

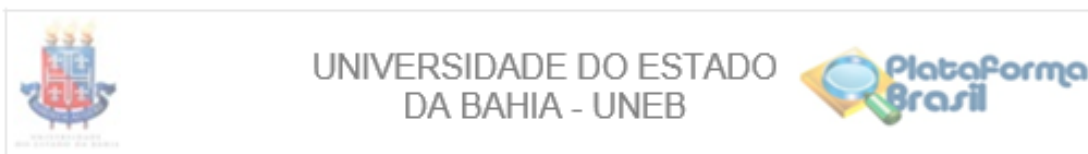
Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados em consonância

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
 Bairro: Cabula CEP: 41.195-001
 UF: BA Município: SALVADOR
 Telefone: (71)3117-2399 Fax: (71)3117-2399 E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 4.074.751

contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a avaliação ética com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1555926.pdf	21/05/2020 08:36:57		Aceito
Outros	Termo_de_compromisso.pdf	21/05/2020 08:34:44	GEIVA MANGABEIRA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	17/05/2020 22:57:58	GEIVA MANGABEIRA	Aceito
Outros	Termo_de_autorizacao_institucional_da_coparticipante.pdf	17/05/2020 22:54:33	GEIVA MANGABEIRA	Aceito
Outros	Termo_de_autorizacao_institucional_da_proponente.pdf	17/05/2020 22:53:20	GEIVA MANGABEIRA	Aceito
Outros	Termo_de_confidencialidade.pdf	17/05/2020 22:52:27	GEIVA MANGABEIRA	Aceito
Declaração de concordância	Declaracao_de_concordancia_com_o_desenvolvimento_da_pesquisa.pdf	17/05/2020 22:50:44	GEIVA MANGABEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_Escelarecido.pdf	12/05/2020 23:51:58	GEIVA MANGABEIRA SAMPAIO ALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	Termo_de_Assentimento_do_Menor.pdf	12/05/2020 23:51:13	GEIVA MANGABEIRA SAMPAIO ALVES	Aceito

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 4.074.751

Ausência	Termo_de_Assentimento_do_Menor.pdf	12/05/2020 23:51:13	GEIVA MANGABEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa.pdf	12/05/2020 23:03:41	GEIVA MANGABEIRA SAMPAIO ALVES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 08 de Junho de 2020

Assinado por:

Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Sáveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br

